



A PRODUÇÃO DE FRUTAS NO BRASIL

PRODUTOS SELECIONADOS



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
ABACAXI	8
BANANA	21
MAÇÃ	35
MANGA	47
MELÃO	60
UVA	73
CAFÉ	86
LEITE	102

A PRODUÇÃO DE FRUTAS NO BRASIL

PRODUTOS SELECIONADOS

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de frutas do mundo. A grandeza de seu território, a diversidade de clima e de solo, as diversas espécies de frutas naturais (originais) e a introdução de variedades adaptadas às mais variadas condições levaram o Brasil a um importante patamar de produção nessa área. A fruticultura brasileira avançou na produção, na comercialização, no consumo interno, nas exportações e no controle de qualidade, e pode ainda conquistar novos mercados interna e externamente com o aumento do consumo desses produtos.

O clima tropical é propício para o cultivo de muitas frutas, porém também é propício para o desenvolvimento de insetos, fungos, plantas invasoras e outras pragas que podem prejudicar as lavouras. Por isso, afirmam as entidades representantes dos produtores, o uso da tecnologia é uma necessidade no setor produtivo. Porém, muitas vezes, se observa que os cuidados necessários para que o uso de produtos químicos não afetem a saúde do trabalhador e do consumidor não são respeitados. A utilização de novas tecnologias devem estar sempre associadas à boas técnicas para o meio ambiente e de gestão de pessoal.

A pesquisa Produção Agrícola Municipal – PAM, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2017¹, analisa 23 produtos da fruticultura, sendo três classificados como lavoura temporária (abacaxi, melancia e melão) e 20 como lavouras permanentes (abacate, açaí, banana, caqui, castanha-de-caju, coco-da-baía, figo, goiaba, laranja, limão, maçã, mamão, manga, maracujá, marmelo, noz, pera, pêssego, tangerina e uva). Em 2017, a soma dos valores da produção destes produtos foi 4,6% superior ao ano anterior, totalizando R\$ 38,9 bilhões, um crescimento de 4,6% em relação a 2016. As principais frutas produzidas no Brasil são a Laranja, Banana, Açaí, Uva e Abacaxi, nessa ordem.

Pela PAM, a unidade da Federação com maior valor de produção de frutas no Brasil é São Paulo, com R\$ 10,6 bilhões, um crescimento de 2,4% em relação a 2016, sendo o principal produto no estado a Laranja, com um valor de produção na ordem de R\$ 8,5 bilhões. Em seguida vem o estado do Pará com R\$ 6,8 bilhões, 25,1% superior ao ano de 2016, onde o principal produto é o Açaí, produto novo na pesquisa. O Estado do Rio Grande do Sul

¹ Em 2017, o IBGE realizou o Censo Agropecuário, que permitiu a atualização do conhecimento da rede de coleta sobre a realidade dos municípios. Os resultados divulgados na PAM 2017 refletem, em parte, esta experiência adquirida durante o Censo Agropecuário, mas cabe ressaltar que as datas e períodos de referência são diferentes, e, portanto, os dados não são os mesmos. Além disso, os dados censitários ainda estão em fase de crítica e imputação estatística.

assume o terceiro lugar, com R\$ 3,1 bilhões, um crescimento de 26,2% em relação a 2016, tendo como principal produto a Uva.

A produção de frutas têm um grande potencial de crescimento no País. A discrepância de produtividade entre produtores, nos mais diferentes estados brasileiros, mostra que ainda há muito que melhorar, principalmente na geração de renda e empregos de melhor qualidade, seja entre os diversos tipos de produtores, como nos empregos gerados direta e indiretamente, como nos municípios envolvidos nessa produção.

O Brasil é o terceiro maior produtor de frutas do mundo, mas apenas 40% dos brasileiros consomem frutas diariamente. Como o consumo diário recomendado pela Organização Mundial de Saúde são 400 gramas ou 5 porções por dia, a conclusão é que o país está muito longe de uma dieta equilibrada.² Segundo o Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF), o consumo per capita no Brasil é de 57 kg/ano, enquanto o da Espanha é de 120 kg/ano, da França, 114,8kg/ano, da Itália, 114 kg/ano, e o da Alemanha, 112 kg/ano. De acordo com dados da FreshFel, associação europeia de produtos frescos, a média é de 129 kg de frutas e hortaliças por ano na região. A recomendação da OMS é de 146 kg ao ano. Nas últimas décadas, a sociedade tem passado por transformações com reflexos diretos e indiretos sobre o estilo de vida e os hábitos de consumo da população e isso tem sido considerado na busca de novos consumidores e ofertas de produtos. Essas mudanças podem ser exemplificadas pelo aumento da frequência de alimentação fora da residência, maior participação da mulher no mercado de trabalho, diminuição do tamanho das famílias e números de filhos, maior urbanização, aumento da busca por qualidade de vida, entre outros fatores. O avanço das grandes redes varejistas, com ampliação da oferta de produtos, também têm influenciado os hábitos de consumidores que buscam bons preços, praticidade e qualidade, nem sempre nessa ordem.

Hoje, o país, apesar de produzir o terceiro maior volume de frutas do mundo, é o 23º no ranking dos exportadores globais. Segundo especialistas da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) ouvidos para a elaboração do Anuário Brasileiro da Fruticultura³, há esforços na abertura de mercados nos dias atuais, mas ainda há passivos nos acordos bilaterais. Também é necessário reduzir ainda mais a burocracia nos processos de exportação, além da necessidade em melhorar a infraestrutura de estradas, aeroportos e portos, já que as frutas são perecíveis e precisam de agilidade para chegar até o consumidor, lembrando que alguns produtos agrícolas, mesmo para consumo interno,

² Os dados fazem parte de uma pesquisa Datafolha com 2.089 entrevistas em 148 municípios em julho de 2017. A pesquisa foi encomendada pela Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrasfrutas) e divulgada na segunda (16), Dia Mundial da Alimentação. Faz parte da iniciativa Hortifruti Saber & Saúde, promovida pela entidade, para divulgar informações sobre o valor de verduras, legumes e frutas na composição de uma dieta saudável.

³ Anuário Brasileiro da Fruticultura 2018. Editora Gazeta. http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/04/FRUTICULTURA_2018_dupla.pdf

chegam a percorrer longas distâncias até o mercado consumidor, afetando tanto a qualidade como o preço final.

BOX

Os países da União Europeia continuam sendo o principal destino das frutas brasileiras. O bloco importou cerca de 67% do total embarcado em 2017. As maiores compras foram efetuadas pelos Países Baixos (Holanda), com US\$ 313,565 milhões, e pelo Reino Unido, com US\$ 135,599 milhões, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O terceiro maior valor de US\$ 127,176 milhões, foi importado pelos Estados Unidos. Em 2017, na avaliação de assessor da Comissão Nacional de Fruticultura da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as mudanças ocorreram dentro da normalidade do mundo dos negócios e sem grandes rupturas na estrutura de distribuição. O assessor observa ainda que o e-commerce está crescendo na Ásia e nos EUA. A longo prazo, essa opção de comércio poderá significar novo desenho no ambiente de distribuição.

Da mesma forma, a pressão na redução de custos coloca a escala como fator importante para a sobrevivência dos distribuidores. “Grandes redes varejistas buscam eliminar intermediários no processo, e os desafios de distribuição nesse modelo têm sido objeto de estudos e de análises por parte da cadeia produtiva”, relata

Outro ponto importante da produção de fruta é a capacidade de gerar renda e empregos. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE) e da RAIS/Mtb⁴ e CAGED/MTb⁵ não permitem uma avaliação mais profunda. Isso porque a PNAD não possui dados desagregados por cada uma das culturas analisadas, ou quando possuem, são pouco representativos, e os dados da RAIS e CAGED apresentam dados somente do mercado formal de trabalho.

Um dos motivos desse baixo registro de ocupação ocorre, fundamentalmente, pela alta informalidade que o setor agrícola possui no Brasil. Apesar de gerar milhões de ocupações, a informalidade ainda é recorrente. Algumas Unidades da Federação chegam a ter mais de 90% de sua força de trabalho no meio rural na informalidade como é o caso dos estados do Amazonas e Ceará, sendo que a média Brasil é de cerca de 60% (ver Tabela abaixo).

⁴ A (RAIS) é um relatório de informações socioeconômicas solicitado pelo Ministério do Trabalho brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os dados se refere a mão-de-obra ocupada no dia 31 de dezembro de cada ano.

⁵ Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED, é um registro administrativo do Ministério do Trabalho que mede a quantidade de admissões e demissões de funcionários em regime CLT de cada empresa. A declaração é realizada pelas próprias empresas.

O relatório, Cenário Hortifruti Brasil 2018⁶, que traz o panorama nacional da produção de frutas e hortaliças, chama a atenção para os números relacionados à geração de emprego. Segundo a publicação, “na fruticultura, por exemplo, são 6 milhões de trabalhadores em uma área de 2,4 milhões de hectares. Já na olericultura (área da horticultura que abrange a exploração de hortaliças e legumes), são 7 milhões de empregos distribuídos em aproximadamente 2,6 milhões de hectares. Isso significa que, a cada 10 hectares cultivados com frutas e/ou hortaliças, são cerca de 25 pessoas empregadas. A título de comparação, na cultura da soja, por exemplo, a cada 10 hectares, é gerado 1 posto de trabalho. Isso significa que, além de um relevante impacto macroeconômico, esse setor também é essencial para a empregabilidade de parcela importante da população.”⁷ O levantamento investigou 24 cultivos e concluiu que são produzidas cerca de 37 milhões de toneladas anuais desses tipos de alimentos, dos quais 3% a 5% são exportados.

Outra grande preocupação em relação à produção de frutas se refere ao processo de cultivo, manejo e exploração das terras, pois grandes áreas são cultivadas e trabalhadas para produção de frutos. Observa-se que existem impactos negativos, como o desmatamento, a monocultura, preparo do solo e o uso da água inadequados, utilização de agrotóxicos e a extinção de espécies de animais, insetos e plantas. O desafio que se coloca, ou deveria estar mais presente, é como buscar a sustentabilidade nesse tipo de produção, como ter equilíbrio ambiental.

Não há dúvidas que a produção de frutas é uma fonte de renda para a população de muitas cidades brasileiras, porém, a questão da geração de empregos com qualidade e rendimentos compatíveis, além das práticas ambientais sustentáveis, devem se fazer presente em todos os fóruns que tratam da produção e expansão dessas culturas.

⁶ Publicação organizada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (ABRAFRUTAS). Traz dados com base em análise de dados, entrevistas com profissionais do setor e métodos estatísticos.

⁷ Relatório Cenário Hortifruti Brasil 2018 mostra que geração de empregos é destaque. 31/10/2018. <http://saberhortifruti.com.br/cenario-hortifruti-brasil-2018/>

TABELA 1
Assalariados(as) ocupados no setor agrícola segundo posição na ocupação - 10 anos ou mais de idade - Brasil - 2015 (Mil pessoas)

UF	Assalariados/as						Taxa de informalidade (%)
	Com carteira		Sem carteira		Total		
	Em nº Absolutos	Em %	Em nº Absolutos	Em %	Em nº Absolutos	Em %	
Rondônia	11	26,2	31	73,8	42	1,1	73,8
Acre	3	20,0	12	80,0	15	0,4	80,0
Amazonas	1	6,3	15	93,8	16	0,4	93,8
Roraima	1	12,5	7	87,5	8	0,2	87,5
Pará	38	18,2	171	81,8	209	5,4	81,8
Amapá	1	20,0	4	80,0	5	0,1	80,0
Tocantins	20	27,0	55	74,3	74	1,9	74,3
Norte	75	20,3	295	79,9	369	9,5	79,9
Maranhão	26	19,0	111	81,0	137	3,5	81,0
Piauí	9	10,3	78	89,7	87	2,2	89,7
Ceará	13	7,1	168	92,3	182	4,7	92,3
Rio Grande do Norte	18	31,6	39	68,4	57	1,5	68,4
Paraíba	21	26,6	58	73,4	79	2,0	73,4
Pernambuco	58	32,0	123	68,0	181	4,7	68,0
Alagoas	51	52,0	47	48,0	98	2,5	48,0
Sergipe	11	12,8	74	86,0	86	2,2	86,0
Bahia	83	18,4	368	81,6	451	11,6	81,6
Nordeste	290	21,4	1.066	78,5	1.358	34,9	78,5
Minas Gerais	346	49,1	359	50,9	705	18,1	50,9
Espírito Santo	35	38,5	55	60,4	91	2,3	60,4
Rio de Janeiro	23	41,1	33	58,9	56	1,4	58,9
São Paulo	312	71,1	127	28,9	439	11,3	28,9
Sudeste	716	55,5	574	44,5	1.291	33,2	44,5
Paraná	108	51,9	100	48,1	208	5,3	48,1
Santa Catarina	47	57,3	34	41,5	82	2,1	41,5
Rio Grande do Sul	65	46,4	75	53,6	140	3,6	53,6
Sul	220	51,2	209	48,6	430	11,1	48,6
Mato Grosso do Sul	91	77,8	26	22,2	117	3,0	22,2
Mato Grosso	99	71,2	41	29,5	139	3,6	29,5
Goiás	102	57,3	76	42,7	178	4,6	42,7
Distrito Federal	5	55,6	4	44,4	9	0,2	44,4
Centro-Oeste	297	67,0	147	33,2	443	11,4	33,2
Total	1.598	41,1	2.293	58,9	3.891	100,0	58,9

Fonte: IBGE. Pnad 2015

Elaboração: Dieese

ABACAXI

A PRODUÇÃO DO ABACAXI NO BRASIL

Os frutos do abacaxi prestam-se ao consumo fresco ou industrializado. A produção de fruta fresca é destinada, principalmente, ao mercado interno¹. A produção de sucos vem crescendo nos últimos anos e vem ganhando espaço nas exportações.

O ano de 2017 não apresentou bons resultados para a cultura do abacaxi no país. O desempenho positivo que a cultura vinha desempenhando foi, em parte, perdida em 2017 em todos os aspectos analisados, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção. Vários fatores impactaram esse resultado, já que a fruta é produzida em quase todos os estados brasileiros. Problemas de manejo, estiagem, dificuldade de comercialização, entre outros, contribuíram para o resultado.

TABELA 1
Área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção do Abacaxi – Brasil

Variável/Ano	2001	2016	2017	Variação 2017/2001	Variação 2017/2016
Área colhida	62.597	68.899	62.116	-0,77%	-9,84%
Quantidade produzida (tonelada)	1.430.018	1.796.018	1.502.598	5,08%	-16,37%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	22.844	26.079	24.190	5,89%	-7,24%
Valor da produção (mil reais)	690.364	2.421.451	1.742.915	152,46%	-28,02%

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal
Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

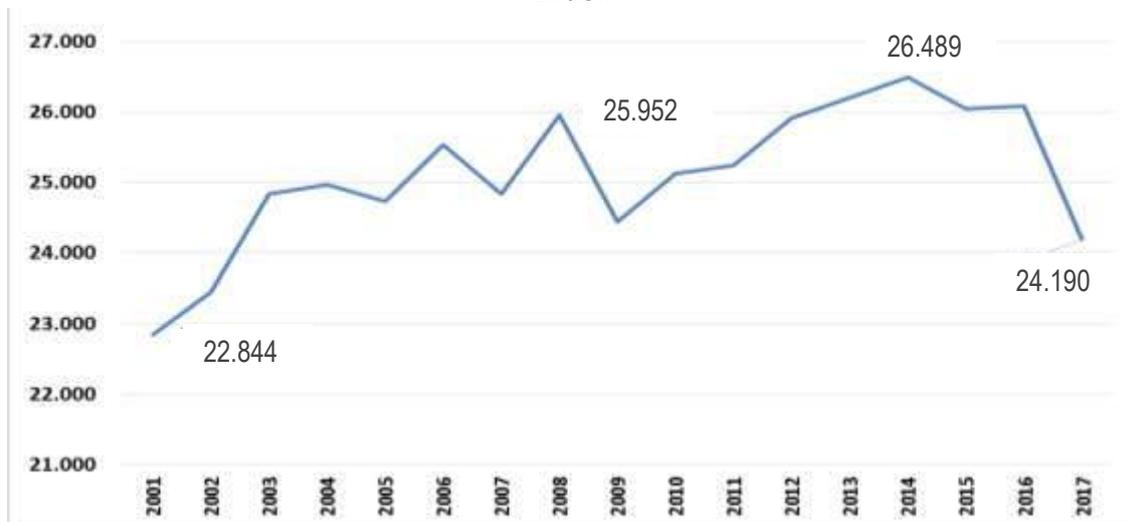
A produtividade da Lavoura do Abacaxi vem crescendo ao longo dos anos, com incorporação de variedades mais resistentes e mais produtivas, controles fitossanitários, entre outros aspectos.

Em 2001 a produtividade média no Brasil era de 22,8 mil kg por hectare. Em 2016, melhor resultado da série 2001 a 2017, a produtividade média chegou a 26,5 mil kg por hectare

¹ As frutas destinadas à indústria são processadas para compota, na forma cristalizada, suco e geleia. Na industrialização são gerados como sub produtos o álcool, ácidos cítricos, málico e ascórbico e a bromelina. Do caule e das folhas também é extraída a bromelina, além do que, estas partes da planta podem ser usadas na alimentação animal e para a produção de fibras utilizadas na confecção de cordas e similares. Estudos indicam ser o local de origem o Brasil Central e sul, norte da Argentina e Paraguai. Estudos em relação à distribuição do gênero Ananás, indicam que o seu local de origem é a região da Amazônia, por se encontrar nela o maior número de espécies consideradas válidas até o momento.

(gráfico 1). Em 2017 houve uma quebra na safra e na produtividade que deve ser recuperada já em 2018.

GRÁFICO 1
Rendimento médio da produção (kg/ha)
Brasil



Fonte: PAM.IBGE

Produção nos estados e municípios

A produção de abacaxi está presente em quase todos os estados brasileiros. A Paraíba sempre se destacou na produção da fruta e continua na liderança em 2017, de acordo com os dados Pesquisa Agrícola Municipal – PAM, realizada pelo IBGE. Nesse ano a produção da fruta no estado foi de 363 mil toneladas. Também apresenta a maior área colhida e o melhor rendimento médio da produção, com 33 toneladas por hectare. Em seguida, aparece o estado de Minas Gerais, com 224 mil toneladas em 7,5 mil hectares. O rendimento médio, de cerca de 30 toneladas por hectare, está acima da média nacional.

Em terceiro lugar cabe destacar o estado do Pará, que vinha aumentando sua participação na produção da fruta, mas em 2017 teve resultados negativos. Em 2016, o Pará foi o estado com a maior produção nacional, com 412 mil toneladas. Os estados do Pará e da Paraíba têm dividido a primeira colocação na produção nacional de abacaxi nos últimos 10 anos (tabela 2).

TABELA 2
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção,
valor da produção de Abacaxi
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	1.502.598	62.116	24.190	1.742.915
Paraíba	363.330	10.716	33.905	369.268
Minas Gerais	224.382	7.508	29.886	201.360
Pará	217.856	9.248	23.557	205.920
Rio de Janeiro	114.419	4.559	25.097	140.164
Tocantins	80.091	4.467	17.929	130.329
Goiás	60.104	2.798	21.481	56.072
Alagoas	54.840	2.800	19.586	84.603
Rio Grande do Norte	48.134	1.891	25.454	74.303
Bahia	45.711	3.247	14.078	49.336
Espírito Santo	45.530	2.415	18.853	68.232
Amazonas	41.193	2.250	18.308	77.823
Mato Grosso	31.544	1.376	22.924	51.214
Maranhão	31.523	1.376	22.909	37.944
Sergipe	28.401	1.156	24.568	29.636
São Paulo	27.136	1.011	26.841	41.293
Pernambuco	22.108	1.146	19.291	24.141
Paraná	17.312	632	27.392	20.648
Rondônia	16.878	705	23.940	23.691
Amapá	10.198	1.356	7.521	13.665
Acre	8.042	616	13.055	19.283
Mato Grosso do Sul	5.774	266	21.707	8.136
Rio Grande do Sul	4.926	298	16.530	8.828
Roraima	1.708	212	8.057	3.370
Ceará	730	45	16.222	1.440
Distrito Federal	560	13	35.000	2.016
Santa Catarina	168	6	28.000	202
Piauí				

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Na Tabela 3 estão os 20 principais municípios produtores de Abacaxi no Brasil. Floresta do Araguaia, no Pará, é o município que mais produziu abacaxi em 2017 de acordo com a PAM-IBGE. Com 148,5 mil toneladas produzidas, o município responde por 10% da produção nacional e por 68% da produção do estado do Pará. O rendimento médio por hectare porém, não está entre os melhores. Em seguida aparece o município de Araçagi, na Paraíba, com a produção de 105 mil toneladas em 2017. Nesse caso o rendimento médio da produção da fruta por hectare está entre os melhores do país. Nesse aspecto, o

município de Itapororoca, na Paraíba, se destacou, apresentando o maior rendimento médio entre os maiores produtores de 2017, com 40 mil Kg da fruta por hectare.

Entre os 20 municípios que mais produzem o Abacaxi, somente 3 têm o IDH superior à média nacional, que está em 0,699 (Tabela 3). Essa informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano² sinaliza se o município pode ou não estar incorporando seus ganhos com a produção dessa cultura, e das demais que possam existir na região, para melhorar a condições básicas de vida da população local.

TABELA 3
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 municípios brasileiros com maior produção de Abacaxi em 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Floresta do Araguaia (PA)	148.500	5.625	26.400	134.887	0,583
Araçagi (PB)	105.000	2.780	37.770	105.000	0,549
São Francisco de Itabapoana (RJ)	100.000	4.000	25.000	120.000	0,639
Itapororoca (PB)	84.000	2.100	40.000	84.000	0,564
Frutal (MG)	60.000	2.000	30.000	56.400	0,730
Monte Alegre de Minas (MG)	54.000	1.800	30.000	43.740	0,674
Santa Rita (PB)	51.000	1.700	30.000	56.100	0,627
Jaraguá (GO)	41.925	1.950	21.500	37.733	0,699
Canápolis (MG)	40.800	1.200	34.000	26.520	0,722
Touros (RN)	32.000	1.200	26.667	53.460	0,572
Pedras de Fogo (PB)	25.500	850	30.000	22.950	0,590
Marataízes (ES)	24.108	1.414	17.050	36.131	0,696
Itacoatiara (AM)	23.900	1.332	17.943	43.020	0,644
Itaberaba (BA)	22.465	1.050	21.395	19.095	0,620
Conceição do Araguaia (PA)	20.580	1.080	19.056	12.005	0,640
São Domingos do Maranhão (MA)	20.036	870	23.030	24.043	0,582
Centralina (MG)	19.250	550	35.000	25.025	0,678
Miracema do Tocantins (TO)	18.000	900	20.000	32.400	0,684
Presidente Kennedy (ES)	17.600	800	22.000	26.400	0,657
Riachão do Dantas (SE)	17.122	696	21.601	18.149	0,539

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010
Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699

² Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvidos (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional.

Exportações

A produção de Abacaxi no Brasil é quase toda destinada ao mercado interno, porém a exportação tende a crescer. Há uma boa expectativa em relação à exportação do suco, que se frustrou em 2017, mas que tende a se recuperar no médio prazo.

Exportação de abacaxi			
Ano	2016	2017	Variação %
Volume (kg)	3.222.809	4.049.522	26%
Receita (US\$)	1.928.687	2.282.604	18%
Exportação de suco de abacaxi			
Ano	2016	2017	Variação %
Volume (kg)	10.049.920	5.246.948	-48%
Receita (US\$)	25.864.161	8.674.916	-66%

Fonte: Agrostat/MAPA

BOX

No período de 17 anos, entre 2001 e 2016, o pesquisador José Souza, da Embrapa, levantou “comportamento bastante irregular nas exportações brasileiras de abacaxis frescos ou secos”, em que o volume exportado caiu bastante (-16,32% ao ano) e o valor, -9,72% ao ano, ainda que o preço médio apresentasse tendência de aumento (7,88% ao ano). Entre fatores determinantes do resultado geral, destaca o plantio de variedades inadequadas a este fim (Pérola e Smooth Cayenne). Em 2017, voltou a haver incremento nas operações brasileiras da cultura destinadas ao exterior, onde os principais compradores foram os vizinhos Argentina (82%) e Uruguai (13%), e despontaram como fornecedores os estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná.

Quanto às exportações de suco concentrado de abacaxi entre 2001 e 2017, Souza observou “tendência de crescimento do preço do produto, com taxa de 6,43% ao ano, influenciando de forma positiva no valor total, que apresentou taxa de aumento anual de 3,34%”. Entretanto, o volume exportado no período decresceu 2,9%, com altos e baixos, aparecendo como destaques os anos de 2015 e 2016, “que indicavam tendência de aumento, a qual infelizmente não prosseguiu em 2017”, quando houve decréscimo significativo. Neste ano, os maiores compradores foram Chile, Argentina e Holanda, e os maiores estados exportadores Pará (onde Floresta do Araguaia é sede da maior indústria de suco concentrado da fruta do Brasil), Paraíba, Sergipe e Tocantins*.

* Anuário Brasileiro da Fruticultura 2018. Editora Gazeta.
http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/04/FRUTICULTURA_2018_dupla.pdf

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb³, em 31 de dezembro de 2017 haviam 702 pessoas ocupadas formalmente na cultura do abacaxi, sendo 624 homens e 74 mulheres. Esse baixo número de postos formais declarados possivelmente indica a alta precarização dos postos de trabalho no setor.

Quanto aos rendimentos, os registros apontam para um rendimento médio de R\$ 1.277,13, um valor 36% superior ao salário mínimo no país na época, de R\$ 937,00. O rendimento médio dos homens era de R\$ 1.349,78 e o das mulheres R\$ 1.276,84, 94% do rendimento dos homens.

O rendimento médio no estado da Paraíba, principal produtor, era de R\$ 1.007,28, e não havia nenhuma mulher empegada com vínculo formal em 31/12. São Paulo é o estado com maior número de vínculos formais, 229.

³ A (RAIS) é um relatório de informações socioeconômicas solicitadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os dados se refere a mão-de-obra ocupada no dia 31 de dezembro de cada ano.

TABELA 4
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017 - Cultivo de Abacaxi

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
São Paulo	194	35	229	1.427,09	1.227,20	1.396,54
Minas Gerais	167	14	181	1.436,98	1.174,32	1.416,66
Rio Grande do Norte	69	13	82	1.125,29	1.423,73	1.172,60
Tocantins	57	3	60	1.260,43	1.421,00	1.268,46
Paraíba	54	0	54	1.007,28	0,00	1.007,28
Pará	13	1	14	1.264,68	937,00	1.241,27
Rio de Janeiro	12	0	12	1.195,87	0,00	1.195,87
Bahia	9	2	11	1.152,26	977,46	1.120,48
Goiás	8	2	10	1.263,76	960,03	1.203,02
Sergipe	10	0	10	874,53	0,00	874,53
Pernambuco	7	1	8	1.003,91	971,23	999,83
Paraná	7	0	7	1.731,91	0,00	1.731,91
Mato Grosso do Sul	6	0	6	875,78	0,00	875,78
Santa Catarina	4	0	4	1.815,46	0,00	1.815,46
Rio Grande do Sul	1	2	3	1.380,00	1.182,36	1.248,24
Mato Grosso	3	0	3	642,89	0,00	642,89
Rondônia	1	1	2	1.424,47	971,81	1.198,14
Alagoas	2	0	2	982,48	0,00	982,48
Maranhão	2	0	2	963,02	0,00	963,02
Ceará	1	0	1	1.107,71	0,00	1.107,71
Acre	1	0	1	971,70	0,00	971,70
Brasil	628	74	702	1.285,30	1.207,82	1.277,13

Fonte: Rais/MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE): 0119-9/01 Cultivo de abacaxi

Como muitas das ocupações são temporárias, mesmo onde as remunerações são mais elevadas que a média, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que pode ir de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para assegurar uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

No Abacaxi, o tempo de contratação de 29% dos trabalhadores têm vínculos e de até 11,9 meses, sendo que 18% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 5
Tempo de trabalho por vínculo ativo, 2017 - Cultivo de abacaxi

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
São Paulo	12	15	21	36	29	45	45	26	229
Minas Gerais	21	12	42	39	21	25	14	7	181
Rio Grande do Norte	1	0	0	25	7	21	26	2	82
Tocantins	2	28	4	13	5	4	4	0	60
Paraíba	0	22	1	20	4	1	3	3	54
Pará	3	3	2	2	1	3	0	0	14
Rio de Janeiro	1	0	0	2	1	5	2	1	12
Bahia	1	1	0	2	1	1	4	1	11
Sergipe	0	0	0	0	3	1	4	2	10
Goiás	1	0	2	1	2	2	1	1	10
Pernambuco	0	0	0	5	2	1	0	0	8
Paraná	0	0	0	0	0	2	2	3	7
Mato Grosso do Sul	0	1	1	1	0	2	1	0	6
Santa Catarina	0	0	2	0	1	0	1	0	4
Rio Grande do Sul	0	1	1	0	1	0	0	0	3
Mato Grosso	0	0	0	0	0	0	3	0	3
Rondônia	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Maranhão	0	0	0	1	0	0	1	0	2
Alagoas	0	0	0	0	0	1	1	0	2
Acre	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Ceará	42	83	76	148	79	114	113	47	702

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE): 0119-9/01 Cultivo de abacaxi

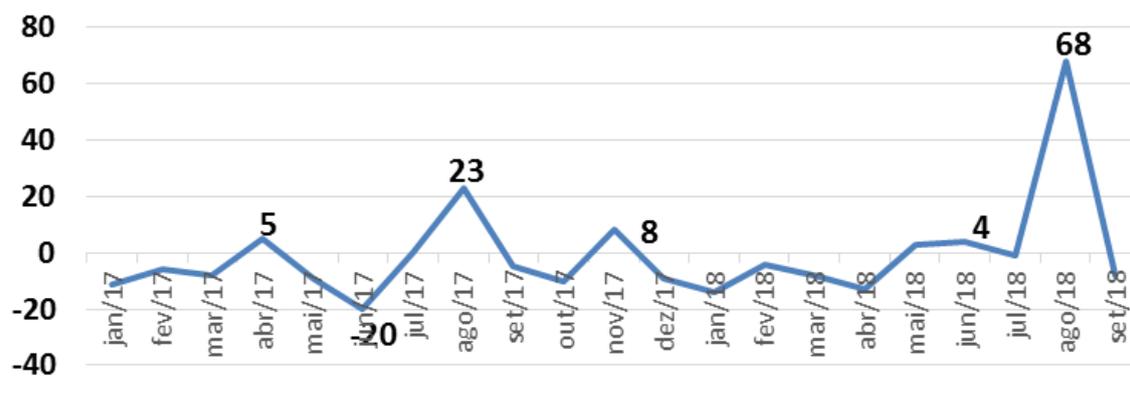
Para exemplificar, um trabalhador de São Paulo, que é o maior empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.396,54, receberá, ao fim do contrato, R\$ 4.189,62. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 349,14 por mês. 5% dos trabalhadores estão nessa situação. Se a ocupação durar 06 meses, 12% dos trabalhadores, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 8.379,25 e se não tiver outra ocupação no ano, no final terá uma renda mensal de R\$ 698,27, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged⁴, que mostram as movimentações (contratações e desligamentos). No cadastro relativo às declarações de contratações na

⁴ Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED, é um registro administrativo do Ministério do Trabalho que mede a quantidade de admissões e demissões de funcionários em regime CLT de cada empresa. A declaração é realizada pelas próprias empresas.

cultura do Abacaxi, a movimentação também é muito baixa, o que não deve retratar a realidade da movimentação de empregados rurais na cultura.

GRÁFICO 2
Saldo de contratações e demissões 2017 e 2018
Brasil



Fonte: Caged. MTb

TABELA 6
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no cultivo de abacaxi, por UF,
Janeiro – Outubro de 2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Pará	10	-6	4
Tocantins	11	-19	-8
Maranhão	1	0	1
Rio Grande do Norte	25	-9	16
Paraíba	65	-29	36
Pernambuco	1	-1	0
Alagoas	1	-1	0
Sergipe	0	-1	-1
Bahia	3	-4	-1
Minas Gerais	38	-41	-3
Rio de Janeiro	1	-5	-4
São Paulo	53	-68	-15
Paraná	0	-1	-1
Santa Catarina	1	-1	0
Rio Grande do Sul	0	-2	-2
Mato Grosso	3	-3	0
Goiás	8	-3	5
Brasil	223	-194	29

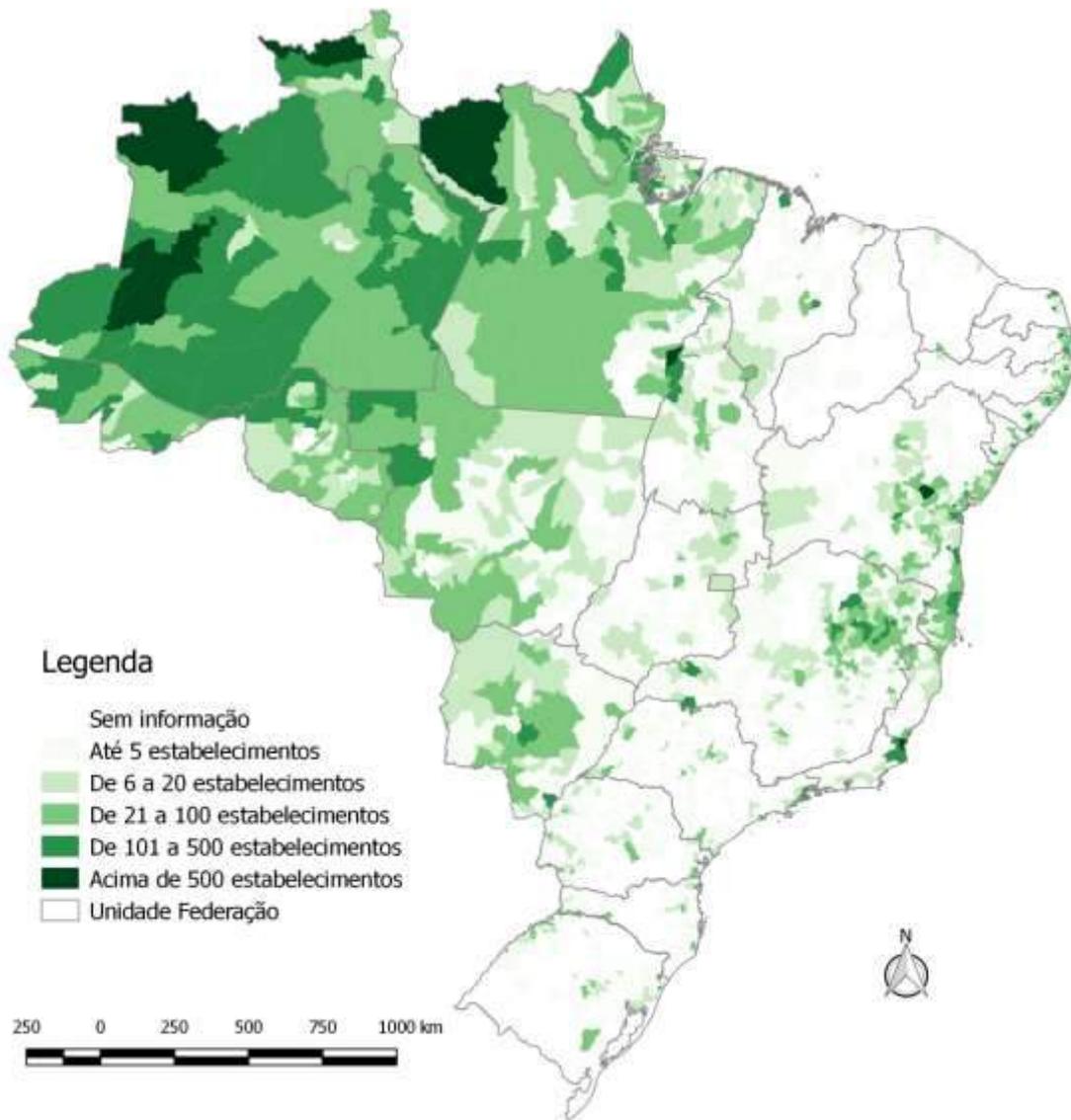
Fonte: Caged. MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017⁵

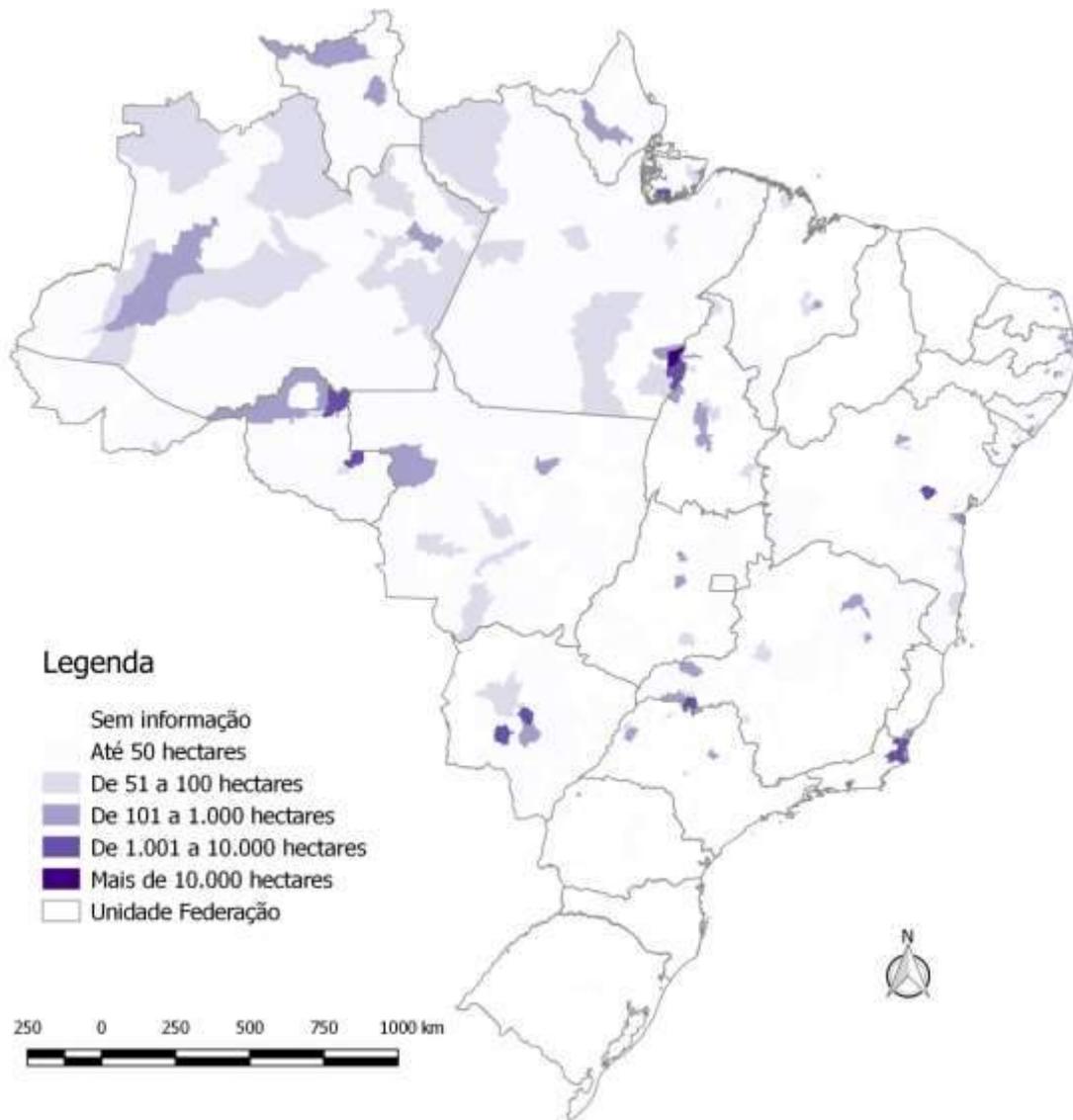
MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades)
Abacaxi – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

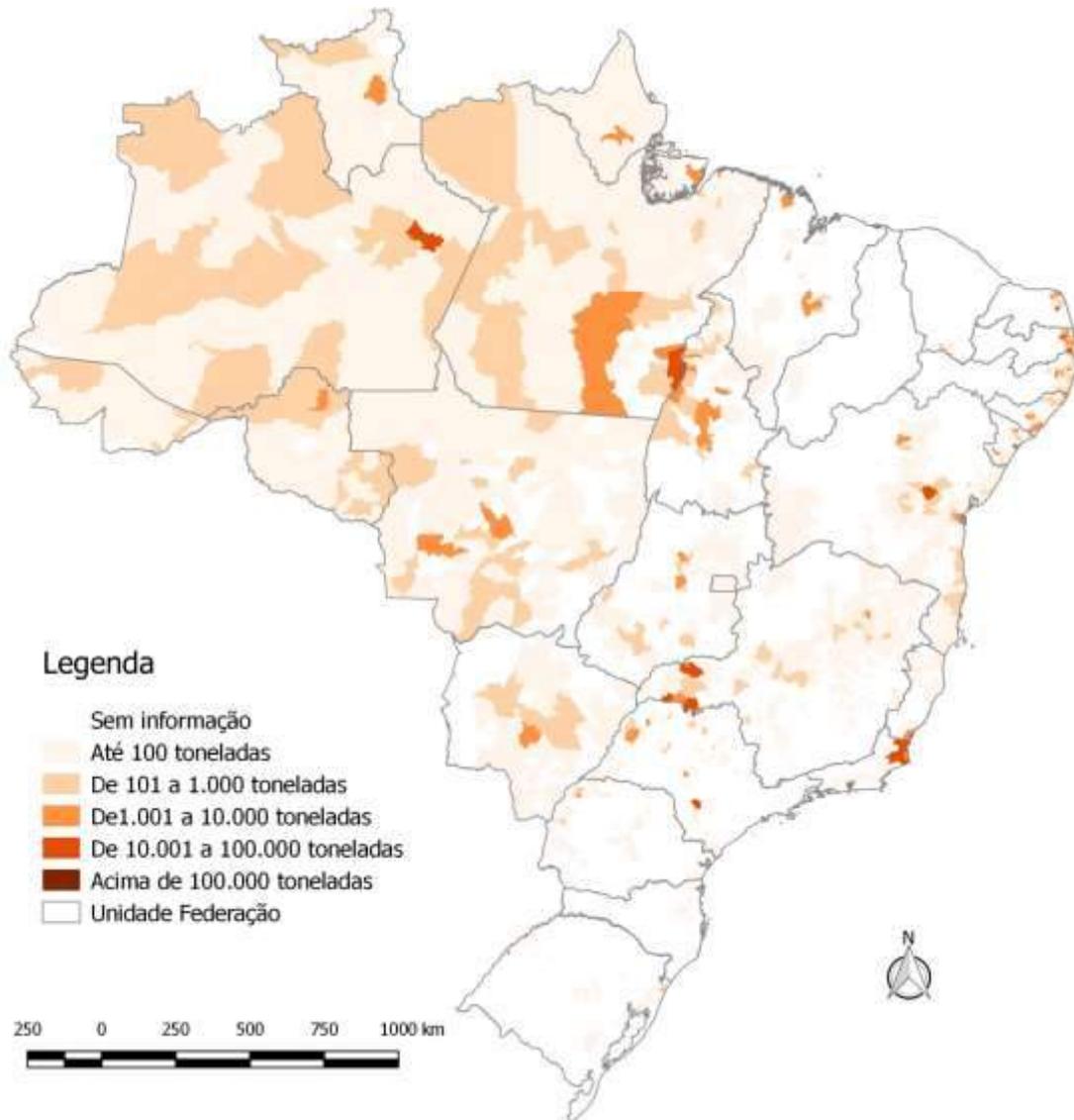
⁵Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Área colhida
Abacaxi (hectares) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Quantidade produzida
Abacaxi (mil frutos) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

BANANA

A PRODUÇÃO DE BANANA NO BRASIL

No Brasil, as condições climáticas permitem que a fruta seja cultivada em todos os estados, durante todo o ano, atendendo a demanda do consumo interno. Por ter um grande mercado interno, o país exporta pouco de sua produção, consumindo em torno de 98% do total. É uma das frutas mais produzidas e que apresenta maior índice de comercialização no mercado interno.

O Brasil produziu, 6,6 milhões de toneladas de banana em 2017, 8,1% a mais do que produzia em 2001, de acordo com os dados da Pesquisa Agrícola Municipal – PAM, realizada pelo IBGE. Um acréscimo de quase 500 mil toneladas em dezesseis anos. Porém, no mesmo período, de 2001 a 2017, houve uma redução de 8,8% na área colhida (- 45 mil hectares), significando um ganho de produtividade de 18,5% (tabela 1). O valor da produção também apresentou um ganho significativo, de 341%. Técnicos do setor apontam que a redução na área colhida ocorreu em função de mudanças no cultivo, afastando produtores menos qualificados.

TABELA 1
Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção do Banana

Variável/Ano	2001	2016	2017	Varição 2017/2001	Varição 2017/2016
Área colhida	510.313	468.754	465.434	-8,8%	-0,7%
Quantidade produzida (tonelada)	6.177.293	6.735.260	6.675.100	8,1%	-0,9%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	12.104	14.368	14.342	18,5%	-0,2%
Valor da produção (mil reais)	1.823.196	8.255.716	8.050.362	341,6%	-2,5%

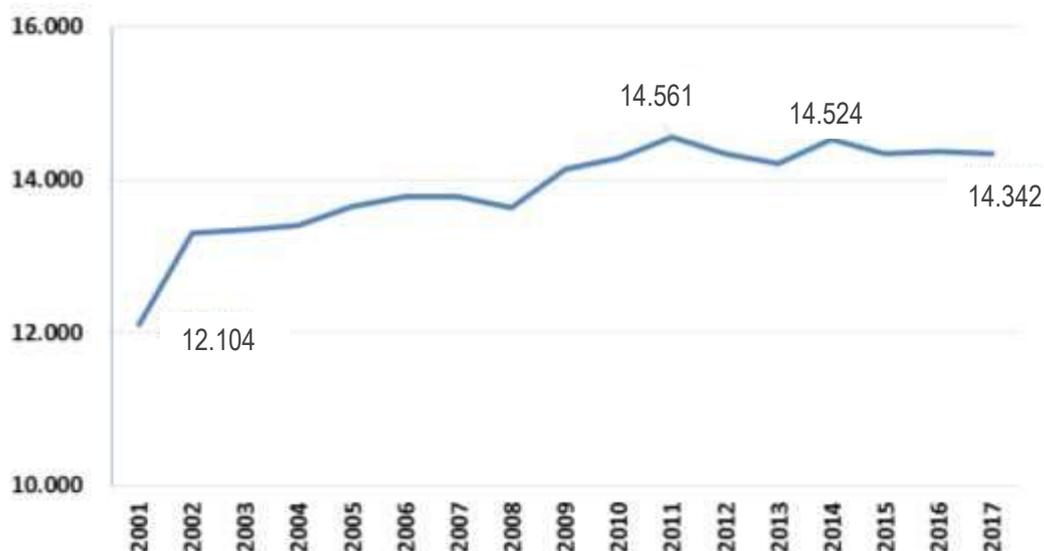
Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

O rendimento médio por hectare apresentou um resultado positivo ao longo do período de 2001 a 2017, de 12 toneladas por hectare para 14,3 toneladas por hectare, um crescimento de 18,5%.

O melhor rendimento médio da produção de Banana no Brasil ocorreu em 2011 (ver gráfico abaixo) quando a produção média por hectare foi de 14,5 toneladas.

GRÁFICO 1
Rendimento médio da produção (kg/ha)
Brasil



Fonte: PAM.IBGE

Produção nos estados e municípios

A maior produção de Banana em 2017 se deu no Estado de São Paulo, 1.085 toneladas, onde se concentra 16% de toda a produção nacional, em 49 mil hectares, com uma produção média de 22 toneladas por hectare, bem superior à média nacional, de 14,3 toneladas por hectare. Pela alta produtividade, o valor da produção representa 21% do total. Logo em seguida aparece o Estado da Bahia, com uma produção de 866,6 mil toneladas, 13% do total, mas com uma produtividade bem inferior, de 12 toneladas por hectare.

A maior produtividade média aparece no Estado do Rio Grande do Norte com 28 toneladas por hectare.

TABELA 2
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção de Banana
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	6.675.100	465.434	14.342	8.050.362
São Paulo	1.084.514	49.012	22.128	1.669.699
Bahia	866.591	72.584	11.939	931.809
Santa Catarina	712.775	29.145	24.456	742.716
Minas Gerais	685.471	41.525	16.507	731.457
Pará	514.205	43.145	11.918	667.785
Pernambuco	413.311	40.399	10.231	376.523
Ceará	393.378	40.029	9.836	638.697
Espírito Santo	339.082	25.020	13.552	349.520
Rio Grande do Norte	210.933	7.446	28.328	189.736
Goiás	208.911	13.719	15.228	193.109
Paraná	174.802	7.689	22.734	157.071
Rio Grande do Sul	135.153	11.854	11.401	182.008
Paraíba	121.398	9.873	12.296	134.439
Amazonas	103.363	7.833	13.196	149.869
Acre	102.949	8.118	12.682	59.046
Alagoas	101.950	6.758	15.086	137.380
Rio de Janeiro	87.926	11.382	7.725	125.979
Maranhão	80.765	7.100	11.375	70.646
Rondônia	76.468	8.808	8.682	135.238
Mato Grosso	74.821	6.724	11.127	119.142
Roraima	58.658	6.925	8.470	110.382
Piauí	36.647	1.852	19.788	57.998
Sergipe	26.574	2.000	13.287	39.631
Tocantins	24.030	2.496	9.627	30.173
Amapá	19.873	2.180	9.116	25.844
Mato Grosso do Sul	17.064	1.649	10.348	19.773
Distrito Federal	3.128	169	18.509	4.692

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Na Tabela 3 estão os vinte maiores municípios que produzem Banana no Brasil. Bom Jesus da Lapa-BA foi o município onde mais se produziu banana em 2017, 180 mil toneladas da fruta, em 8.500 hectares, representando 21% da produção no estado da Bahia e apenas 3% da produção nacional, o que mostra o quanto a cultura da Banana é disseminada no país. Em seguida aparece o município de Corupá, em Santa Catarina, com uma produção de 157,6 mil toneladas em 5,3 mil hectares, 23% da produção do estado. A produtividade média em Corupá é bem superior a de Bom Jesus da Lapa, sendo 29 toneladas por hectare na primeira e 21 toneladas na segunda.

O maior rendimento médio de 2017, entre os 20 maiores produtores, se deu no município de Luiz Alves, Santa Catarina, onde a produção alcançou 31 toneladas por hectare. Vários outros municípios estão próximos a essa produtividade, como Sete Barras e Jacupiranga, em São Paulo, e Massaranduba, em Santa Catarina.

Entre os 20 municípios, somente 9 têm o IDH superior à média nacional, que era de 0,699 em 2010. O município de Bom Jesus da Lapa, o maior produtor do país, está com um IDH um pouco inferior, de 0,633. A informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano- IDH¹ pretende sinalizar se o município pode ou não estar incorporando os ganhos com a produção dessa cultura, e das demais que possam existir na região, para melhorar a condições básicas de vida da população local.

TABELA 3
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 municípios brasileiros com maior produção de Banana em 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Bom Jesus da Lapa (BA)	180.000	8.500	21.176	270.000	0,633
Corupá (SC)	157.622	5.322	29.617	252.195	0,780
Jaíba (MG)	154.710	7.080	21.852	126.862	0,638
Luiz Alves (SC)	127.100	4.100	31.000	30.822	0,737
Cajati (SP)	126.000	4.500	28.000	214.200	0,694
Sete Barras (SP)	126.000	4.200	30.000	214.200	0,673
Vicência (PE)	120.000	10.000	12.000	120.000	0,605
Eldorado (SP)	100.000	4.000	25.000	170.000	0,691
Jacupiranga (SP)	90.000	3.000	30.000	162.000	0,717
Novo Repartimento (PA)	84.500	6.500	13.000	122.525	0,537
Guaratuba (PR)	70.000	2.800	25.000	53.486	0,717
Wenceslau Guimarães (BA)	65.000	3.500	18.571	83.850	0,544
Itariri (SP)	65.000	3.325	19.549	93.914	0,677
Registro (SP)	62.700	3.300	19.000	106.590	0,754
Massaranduba (SC)	60.986	2.082	29.292	97.578	0,774
Itanhaém (SP)	57.500	2.300	25.000	80.500	0,745
Santa Maria da Boa Vista (PE)	52.650	2.925	18.000	36.855	0,590
Teolândia (BA)	52.000	2.240	23.214	49.920	0,555
Juquiá (SP)	51.888	2.256	23.000	88.210	0,700
Jaraguá do Sul (SC)	51.100	2.100	24.333	81.760	0,803

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010

Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699

¹ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvidos (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional.

Produção no mundo e exportações

O Brasil é um país pouco influente no comércio mundial da Banana, já que mais de 98% de sua produção é destinada ao consumo interno.

Pelos dados disponibilizados pela *Embrapa*, o Brasil ocupava o quarto lugar entre os países que mais produzem banana. O cultivo da fruta ocupava mais de 5 milhões de hectares no mundo em 2016, sendo que é mais presente na Ásia, com mais de 61 milhões de toneladas e o maior produtor mundial é a Índia, onde se produziu 29 milhões de toneladas em 2016. O rendimento da Banana nos principais países produtores da fruta no mundo é bem superior ao do Brasil, mostrando que ainda há muito espaço para incorporar tecnologia e obter ganhos de produtividade no país. Enquanto no Brasil o rendimento médio era de 14,4 ton/ha, na Indonésia, a produtividade era de 50 ton/ha, e na Índia de 34,4 ton/ha.

TABELA 4
Produção da Banana no mundo - 2016²

Continente	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
África	1.941.004	21.019.246	10,83
Américas	1.186.303	28.626.955	24,13
Ásia	2.251.010	61.584.054	27,36
Europa	10.382	408.151	39,31
Oceania	105.306	1.641.926	15,59
Mundo	5.494.005	113.280.302	20,62
País	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento (t/ha)
Índia	846.000	29.124.000	34,43
China	416.439	13.066.778	31,38
Indonésia	139.964	7.007.125	50,06
Brasil	469.711	6.764.324	14,40
Equador	180.337	6.529.676	36,21
Outros	3.441.554	50.788.399	14,76
Mundo	5.494.005	113.280.302	20,62

Fonte: FAO, 2016. Consultado em 04/01/2018

Com a forte popularidade e demanda da fruta em todo o território nacional, as exportações para outros países ainda é muito pequena. Em 2017, segundo balanço da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), foram exportados 41.396.633 quilos, com valor estimado de US\$ 11.635.309. O Uruguai foi o principal importador, recebendo 52% do total exportado. A Argentina vem em segundo lugar, com 40%. Os números são ainda inferiores aos de 2016, quando foram exportados 64.361.054 quilos (-35,68%), com renda de US\$ 21.036.386 (-44,69%). As exportações são realizadas pelo polos mais tecnificados.

² Embrapa – Mandioca e Fruticultura. Base de Dados dos Produtos

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS(MTb), em 31 de dezembro de 2017 haviam 18.731 pessoas ocupadas formalmente na cultura da Banana, sendo 16.822 homens e 1.909 mulheres, que recebiam rendimentos com pouca diferença entre eles, de 5%.

Quanto aos rendimentos, os registos da RAIS de 2017 no cultivo da Banana apontam para um valor médio de R\$ 1.229,64, um montante 31% superior ao salário mínimo no país, de R\$ 937,00 em 2017.

Minas Gerais é o estado com maior número de vínculos formais, 6.125, onde 5.388 eram homens e 737 mulheres. O rendimento das mulheres era 8% inferior aos dos homens.

TABELA 5
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Cultivo de Banana

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Minas Gerais	5.388	737	6.125	1.271,06	1.167,95	1.258,66
São Paulo	4.530	489	5.019	1.254,41	1.150,76	1.244,31
Bahia	1.663	155	1.818	1.142,76	1.118,48	1.140,69
Ceará	1.604	169	1.773	1.276,82	1.383,41	1.286,98
Santa Catarina	822	79	901	1.561,75	1.300,82	1.538,88
Rio Grande do Norte	568	62	630	1.227,86	1.131,56	1.218,38
Pernambuco	493	23	516	1.014,68	1.062,72	1.016,82
Espírito Santo	434	77	511	1.266,83	1.181,50	1.253,98
Maranhão	316	45	361	1.203,46	1.230,59	1.206,84
Paraná	217	18	235	1.364,49	1.146,26	1.347,78
Tocantins	194	7	201	1.234,81	1.247,74	1.235,26
Mato Grosso	120	13	133	1.706,52	1.218,38	1.658,81
Goiás	119	14	133	1.388,22	1.294,47	1.378,35
Rio Grande do Sul	75	9	84	1.860,87	1.690,62	1.842,63
Rio de Janeiro	71	6	77	1.274,68	1.112,52	1.262,05
Piauí	61	0	61	1.050,18	0,00	1.050,18
Pará	54	3	57	1.069,15	970,66	1.063,96
Sergipe	53	1	54	1.237,17	963,02	1.232,09
Mato Grosso do Sul	14	2	16	1.045,14	1.039,59	1.044,45
Alagoas	12	0	12	972,80	0,00	972,80
Paraíba	5	0	5	1.011,77	0,00	1.011,77
Rondônia	3	0	3	642,01	0,00	642,01
Amazonas	2	0	2	1.305,11	0,00	1.305,11
Distrito Federal	2	0	2	951,31	0,00	951,31
Acre	1	0	1	963,02	0,00	963,02
Roraima	1	0	1	1.018,51	0,00	1.018,51
Amapá	0	0	0	0,00	0,00	0,00
Brasil	16.822	1.909	18.731	1.236,38	1.170,21	1.229,64

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Subclasse CNAE (IBGE): 0133-4/02 Cultivo de banana

Como muitas das ocupações são temporárias, mesmo onde as remunerações são mais elevadas que a média, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que pode ir de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para assegurar uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

Na Banana, o tempo de contratação de 36% dos trabalhadores é de até 11,9 meses, sendo que 16% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 6
Tempo de trabalho por vínculo ativo, 2017
Cultivo de Banana

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
Minas Gerais	469	374	1.194	1.312	782	965	721	308	6.125
São Paulo	359	331	929	942	564	694	753	444	5.019
Bahia	172	238	380	367	250	231	132	48	1.818
Ceará	114	167	242	323	292	302	256	77	1.773
Santa Catarina	66	96	146	150	97	114	156	76	901
Rio Grande do Norte	45	69	80	60	65	66	81	164	630
Pernambuco	16	35	60	60	45	77	96	127	516
Espírito Santo	64	47	107	97	59	56	57	24	511
Maranhão	49	42	69	133	44	24	0	0	361
Paraná	11	22	47	45	27	41	34	8	235
Tocantins	16	6	68	22	20	41	20	8	201
Mato Grosso	15	12	22	30	15	25	8	6	133
Goiás	6	16	19	24	24	22	19	3	133
Rio Grande do Sul	8	6	19	17	5	15	13	1	84
Rio de Janeiro	3	3	13	10	5	14	15	14	77
Piauí	1	6	11	15	16	4	8	0	61
Pará	7	6	12	9	9	5	8	1	57
Sergipe	4	0	5	8	3	20	8	6	54
Mato Grosso do Sul	1	6	5	1	0	1	2	0	16
Alagoas	0	1	3	0	2	1	3	2	12
Paraíba	0	0	1	1	2	0	0	1	5
Rondônia	0	0	0	0	0	3	0	0	3
Amazonas	0	0	0	1	0	0	0	1	2
Distrito Federal	0	1	0	0	0	1	0	0	2
Acre	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Roraima	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Amapá	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	1.426	1.484	3.432	3.627	2.327	2.723	2.390	1.319	18.731

Fonte: Rais.MTb

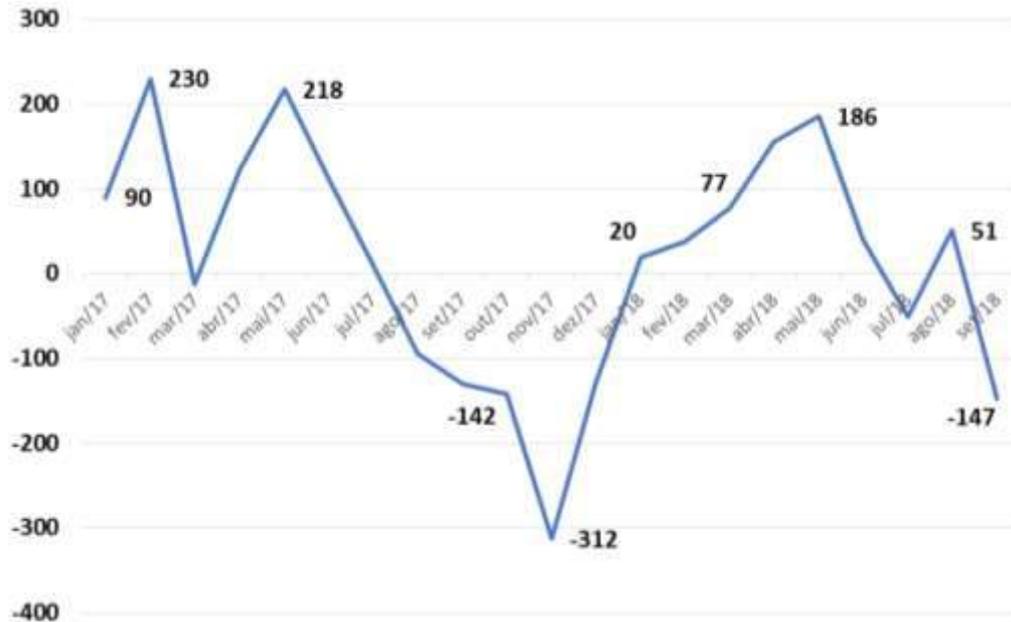
Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE): 0133-4/02 Cultivo de banana

Para exemplificar, um trabalhador de Minas Gerais, que é o maior empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.258,66, receberá, ao fim do contrato, R\$ 3.775,98. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 314,67 por mês (8% dos vínculos em MG estão nessa situação). Se a ocupação durar 6 meses, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 7.551,96 e se não tiver outra ocupação no ano, no final terá uma renda mensal de R\$ 629,33, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged (MTb), que mostram as movimentações (contratações e desligamentos) ao longo do ano. No cadastro relativo às declarações de

contratações na cultura da banana, há muitas contratações e demissões ao longo do ano, principalmente no final do ano, novembro e dezembro, demonstrando a sazonalidade de ocupação nessa cultura.

GRÁFICO 2
Saldo das contratações e demissões
2017 e 2018 - Brasil



Fonte: Caged.MTb

TABELA 7
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no Cultivo da banana, por UF
Janeiro – outubro de 2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Ceará	717	-515	202
Bahia	694	-613	81
Maranhão	240	-164	76
Piauí	66	-14	52
Rio Grande do Norte	227	-182	45
São Paulo	1.714	-1.671	43
Paraná	119	-100	19
Sergipe	8	-3	5
Pernambuco	57	-53	4
Tocantins	67	-64	3
Rondônia	1	-1	0
Acre	1	-1	0
Alagoas	1	-1	0
Rio de Janeiro	13	-13	0
Pará	20	-23	-3
Mato Grosso do Sul	8	-12	-4
Rio Grande do Sul	29	-35	-6
Mato Grosso	81	-88	-7
Goiás	19	-32	-13
Minas Gerais	2.403	-2.425	-22
Santa Catarina	295	-319	-24
Espírito Santo	302	-332	-30
Brasil	7.082	-6.661	421

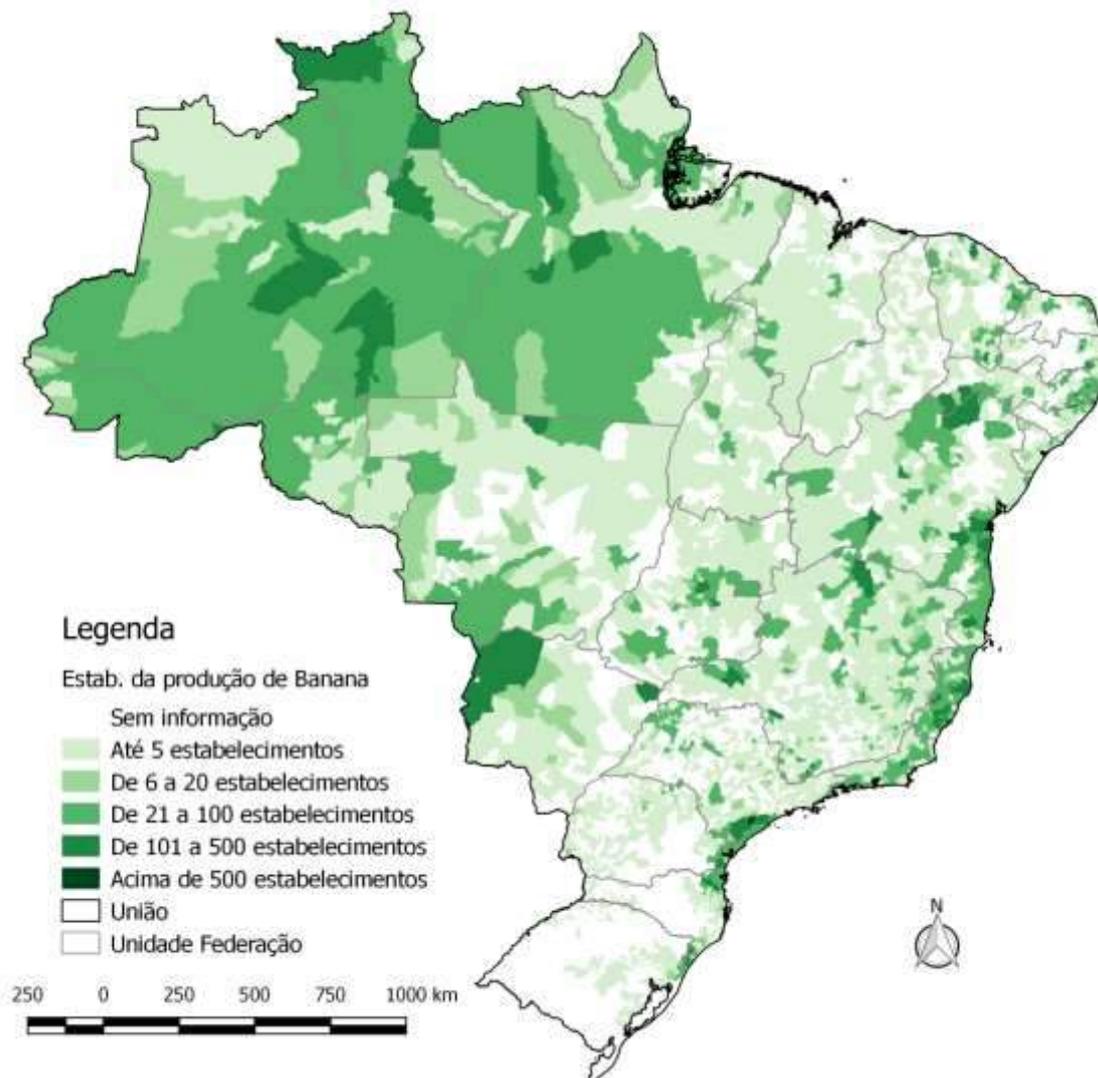
Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017³

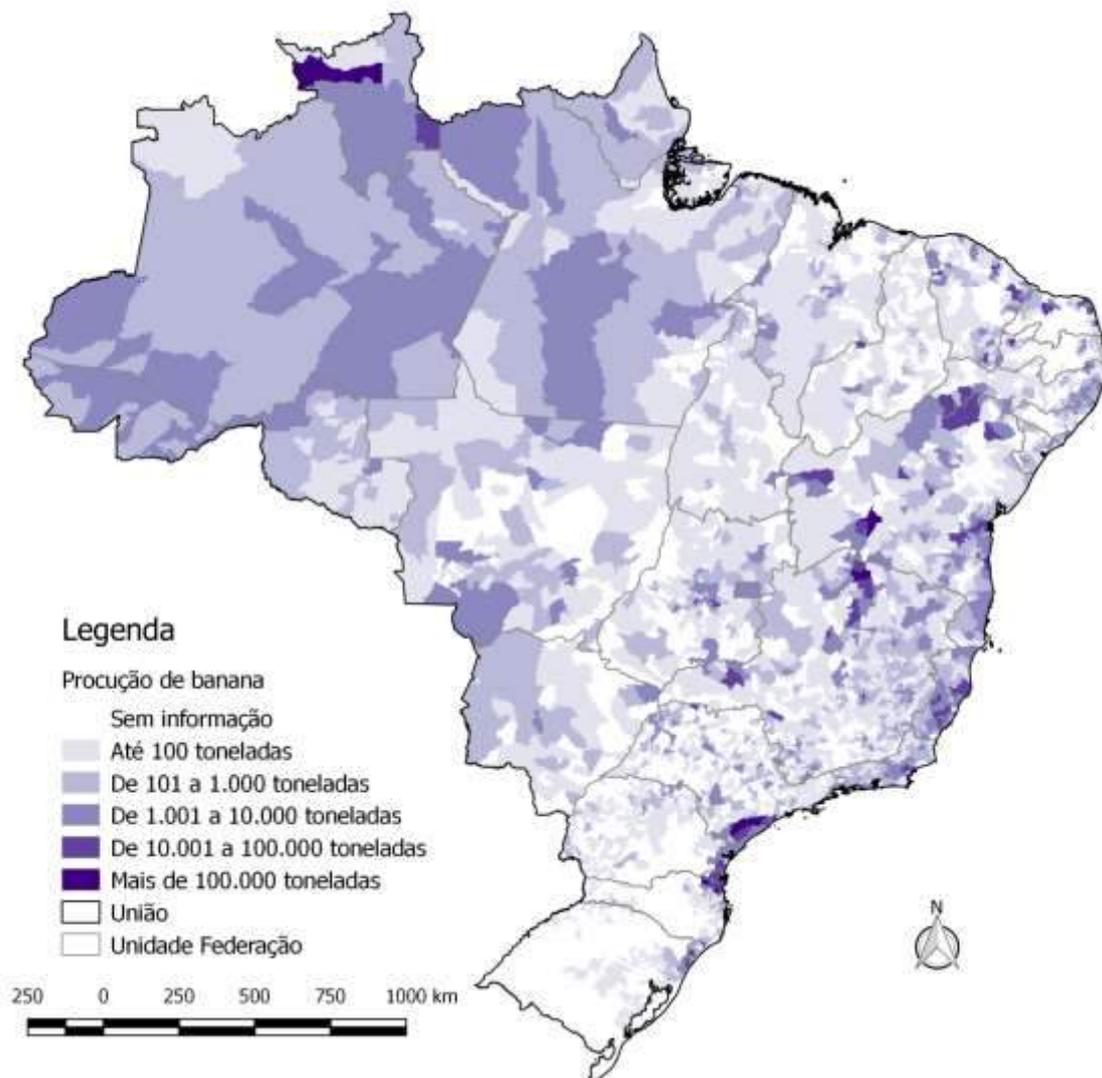
MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades)
Banana – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

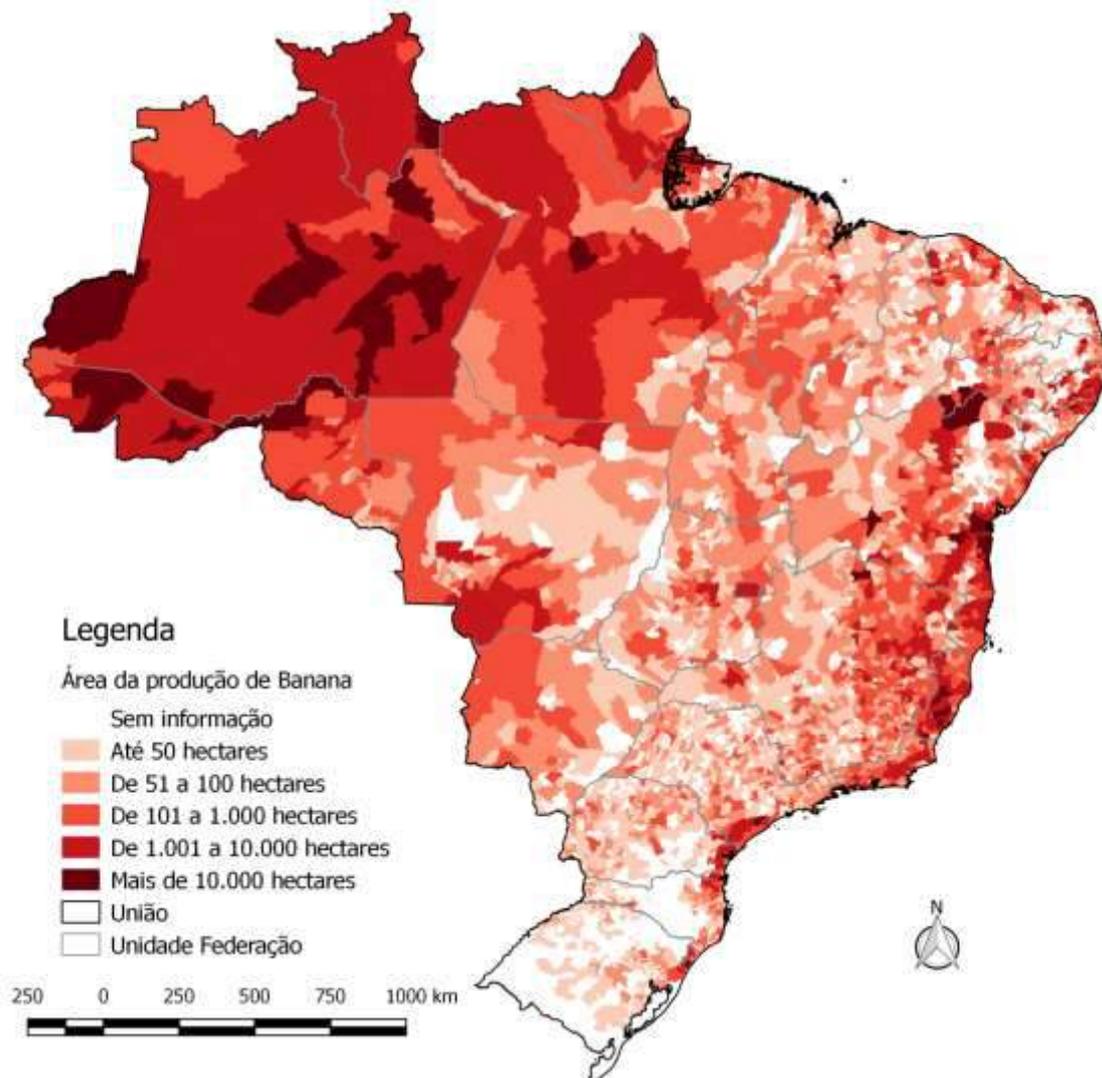
³Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida
Banana (toneladas) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Área colhida
Banana (Hectares) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAÇÃ

A PRODUÇÃO DE MAÇÃ NO BRASIL

Durante muito tempo o consumo de maçã no Brasil foi mantido através de importações (geralmente da Argentina). Produzia-se pouca maçã no país para atender a demanda interna. Hoje em dia ainda há importações, mas em volume bem inferior.

Atualmente a produção de maçã se concentra em duas cultivares, Gala e Fuji, que representam em torno de 90% da área plantada. Além do amplo consumo fresco, a maçã é útil para diversos tipos de processamento, produzindo produtos como doces, geleias, compotas, bebidas e vinagre.

Pelos dados da Pesquisa Agrícola Municipal, realizada pelo IBGE, a área colhida no Brasil cresceu 7% de 2001 a 2017, enquanto a quantidade produzida apresentou um crescimento de 81,7% no mesmo período, resultado do ganho em produtividade. Houve uma queda significativa da produção em 2016 em função de problemas climáticos. Em 2017 a produção do fruto apresentou uma boa recuperação.

O crescimento da produção nos últimos anos se deve, principalmente, a produção de novas variedades, disponibilidade de terras, existência de regiões com condições climáticas favoráveis, montagem de infraestruturas para embalagem e conservação, aumento da densidade de plantio (nº plantas por unidade de área), incentivos fiscais e investimentos em pesquisa.

O valor da produção teve um resultado ainda melhor, crescimento de 380,5% no período em análise. Em 2017, o valor apresentou uma queda em função do aumento da produção em período de crise, aumentando a oferta do produto e reduzindo o preço de comercialização.

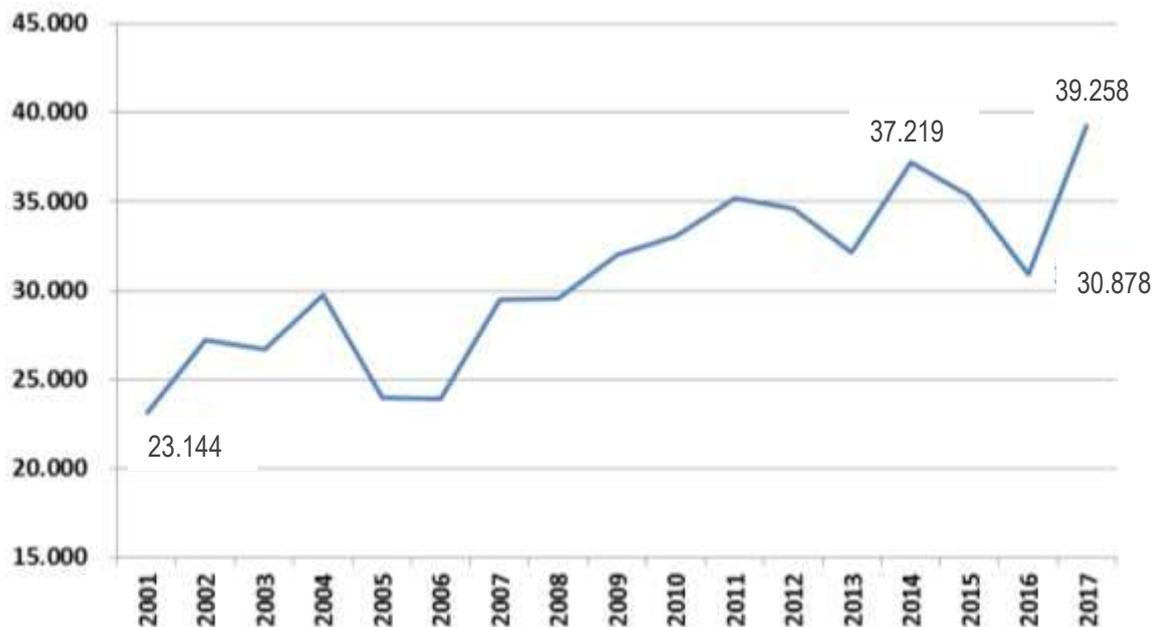
TABELA 1
Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção da maçã
Brasil

Variável/Ano	2001	2016	2017	Variação 2017/2001	Variação 2017/2016
Área colhida	30.938	33.981	33.138	7,1%	-2,5%
Quantidade produzida (tonelada)	716.030	1.049.251	1.300.943	81,7%	24,0%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	23.144	30.878	39.258	69,6%	27,1%
Valor da produção (mil reais)	335.660	1.650.768	1.612.917	380,5%	-2,3%

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal
 Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

O rendimento médio da produção foi de cerca de 70% nesse período, seguindo uma tendência de alta ao longo dos anos, como pode ser observado no Gráfico 1. A produção por hectare em 2017 foi o melhor resultado ao longo de dezesseis anos. O resultado negativo de 2016 se deve à quebra da safra por problemas climáticos.

GRÁFICO 1
Rendimento médio da produção (kg/ha)
Brasil



Fonte: PAM.IBGE

Produção nos estados e municípios

A maçã é uma fruta com exigências climáticas muito específicas para a produção comercial, se desenvolvendo, principalmente, em clima temperado. Os programas de melhoramento genético vêm criando cultivares com menor exigência em frio e resistente a doenças, mas a produção ainda se restringe a poucos estados brasileiros.

Em função dessas características, a maçã é produzida em apenas seis estados brasileiros, segundo a PAM/IBGE. O Estado de Santa Catarina é o maior produtor do país, com 680 mil toneladas produzidas em 2017, em 16,2 mil hectares, 52,3% da produção nacional. O Rio Grande do Sul vem logo em seguida, com uma produção de 579 mil toneladas, 44,4% do total, em 115,5 mil hectares. Os dois estados juntos produzem 96,7% da maçã nacional.

TABELA 2
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção de Maçã
Brasil e Unidades da Federação - 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	1.300.943	33.138	39.258	1.612.917
Santa Catarina	679.836	16.205	41.952	729.488
Rio Grande do Sul	577.774	15.536	37.189	777.938
Paraná	34.349	1.030	33.349	85.232
São Paulo	5.807	215	27.009	13.616
Minas Gerais	3.054	141	21.660	6.408
Rondônia	123	11	11.182	235

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Obs.: Acre, Amazonas, Amapá, Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe, Tocantins e Roraima não apresentaram produção

Na Tabela 3 estão os vinte principais municípios que produzem maçã no país. O município de São Joaquim, em Santa Catarina, produziu 374,6 mil toneladas de maçã em 2017, com um rendimento médio 45 mil kg/ha, em 8,3 mil hectares (29% da produção nacional e 55% da produção estadual). Vacaria, no Rio Grande do Sul, vem logo em seguida, com uma produção de 275,6 mil toneladas em 6,9 mil hectares e um rendimento médio de 40 mil kg/há (21% da produção nacional e 48% da produção estadual).

Entre os 20 municípios que mais produzem maçã, 7 têm o IDH superior à média nacional, que está em 0,699 (Tabela 3). Essa informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano pretende ser uma informação a mais, sinalizando se o município pode ou não estar incorporando seus ganhos com a produção dessa cultura, e das demais que possam existir na região, para melhorar a condições básicas de vida da população local.

TABELA 3
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 principais municípios brasileiros que produzem maçã 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
São Joaquim (SC)	374.625	8.325	45.000	393.356	0,687
Vacaria (RS)	275.400	6.885	40.000	413.100	0,721
Caxias do Sul (RS)	80.000	2.000	40.000	80.000	0,782
Fraiburgo (SC)	60.200	1.720	35.000	54.180	0,731
Bom Jesus (RS)	55.011	1.667	33.000	66.013	0,666
Bom Jardim da Serra (SC)	54.000	1.200	45.000	56.511	0,696
Muitos Capões (RS)	49.500	1.650	30.000	68.310	0,702
Urupema (RS)	28.416	512	55.500	34.099	0,699
Monte Alegre dos Campos (RS)	25.250	505	50.000	32.573	0,650
Bom Retiro (SC)	24.000	600	40.000	32.400	0,699
Urubici (SC)	24.000	600	40.000	24.000	0,694
Ipê (RS)	22.000	600	36.667	27.500	0,728
Lebon Régis (SC)	20.800	520	40.000	18.720	0,649
São Francisco de Paula (RS)	19.600	560	35.000	23.520	0,685
Água Doce (SC)	16.800	400	42.000	20.160	0,698
São José dos Ausentes (RS)	16.500	550	30.000	19.800	0,663
Painel (SC)	16.290	362	45.000	19.548	0,664
Monte Carlo (SC)	13.264	655	20.250	15.917	0,643
Palmas (PR)	13.177	338	38.985	15.878	0,660
Santa Cecília (SC)	10.526	277	38.000	18.947	0,698

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010
 Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699

Em algumas regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina há uma forte presença de agricultura familiar. Porém, há a presença de agricultores maiores e de muitas empresas. Muitos agricultores entregam sua produção para grandes empresas que comercializam o produto, com uma estrutura bem verticalizada. Uma mesma empresa opera nas várias etapas da cadeia de produção: Pomares, Câmaras frigoríficas para o armazenamento, classificação e embalagem da fruta e atuação na etapa das vendas para o mercado atacadista.

Exportações

A quebra da safra da maçã em 2016 afetou também a exportação da fruta, porém, em 2017, já apresenta uma boa recuperação, com boas perspectivas para 2018 também.

O volume expressivo de maçãs nacionais em 2017, mais a sua qualidade na coloração e no calibre, pela avaliação do Cepea/USP, facilitou as vendas para o mercado externo, que haviam caído pela metade no ano anterior, com menor disponibilidade do produto. A menor remuneração interna também influenciou no movimento externo, conforme a análise, que reitera boas condições para os embarques em 2018, diante de oferta menor na Europa e de aberturas na Rússia e na Índia, gerando boas expectativas em relação às exportações, mais uma vez, para o ano.

Quanto às importações, a queda em 2017 foi bem acentuada. Os principais fornecedores de maçãs ao Brasil em 2017 foram Chile, Itália e Argentina.

Exportação de maçã			
Ano	2016	2017	Varição %
Volume (kg)	30.696.465	55.437.969	81%
Receita (US\$)	18.334.603	41.893.023	128%
Importação de maçã			
Ano	2016	2017	Varição %
Volume (kg)	155.522.954	78.501.713	-50%
Receita (US\$)	140.169.733	75.533.112	-46%

Fonte: Agrostat/MAPA

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb¹, em 31 de dezembro de 2017 haviam 11.407 pessoas ocupadas formalmente na cultura da Maçã, sendo 7.415 homens e 3.992 mulheres. Quanto aos rendimentos dos trabalhadores, os registros da RAIS de 2017 no cultivo da Maçã apontam para um rendimento médio de R\$ 1.640,88, um valor 75% superior ao salário mínimo no país na época, de R\$ 937,00. O rendimento das mulheres era 70% do rendimento dos homens (tabela 4).

Santa Catarina aparece com 5.312 vínculos formais, sendo 3.573 homens e 1.960 mulheres, onde elas tinham um rendimento 29% menor que os dos homens.

TABELA 4

¹ A (RAIS) é um relatório de informações socioeconômicas solicitado pelo Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os dados se referem à mão-de-obra ocupada no dia 31 de dezembro de cada ano.

Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Cultivo de maçã

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Rio Grande do Sul	3.573	1.960	5.533	1.880,87	1.339,88	1.689,23
Santa Catarina	3.485	1.827	5.312	1.726,28	1.202,22	1.546,03
Paraná	315	185	500	1.883,07	1.599,42	1.778,12
São Paulo	30	18	48	4.618,79	3.241,44	4.102,28
Piauí	8	1	9	1.635,57	1.199,00	1.587,06
Minas Gerais	3	1	4	1.184,99	1.459,44	1.253,60
Rio de Janeiro	1	0	1	987,52	0,00	987,52
Brasil	7.415	3.992	11.407	1.830,62	1.288,46	1.640,88

Fonte: Rais/MTb

Obs.: Subclasse CNAE (IBGE): 0133-4/07 Cultivo de maçã

Como muitas das ocupações são temporárias, empregando mais durante a colheita, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que pode ir de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para assegurar uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

Na Maçã, o tempo de contratação de 46% dos trabalhadores é de até 11,9 meses, sendo que 31% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 5
Tempo de trabalho por vínculo ativo, 2017
Cultivo de Maçã

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
Rio Grande do Sul	813	552	935	789	623	698	676	444	5.533
Santa Catarina	1.321	544	718	638	398	449	589	655	5.312
Paraná	212	18	24	27	35	49	93	42	500
São Paulo	3	1	8	1	2	2	11	20	48
Piauí	0	9	0	0	0	0	0	0	9
Minas Gerais	0	0	0	1	0	1	1	1	4
Rio de Janeiro	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Brasil	2.349	1.124	1.685	1.456	1.059	1.199	1.370	1.162	11.407

Fonte: Rais.MTb

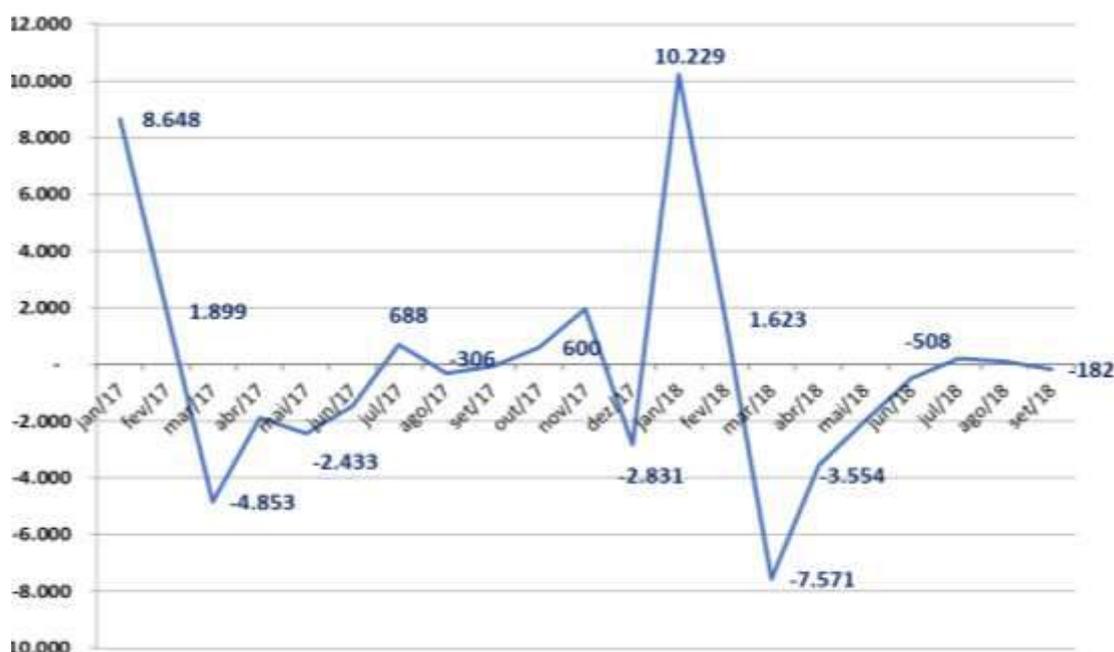
Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE): 0133-4/07 Cultivo de maçã

Para exemplificar, um trabalhador do Rio Grande do Sul, que é o maior empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.689,23, receberá, ao

fim do contrato, R\$ 5.067,69. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 422,31 por mês (15% dos vínculos no Rio Grande do Sul estão nessa situação). Se a ocupação durar 6 meses, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 10.135,38 e se não tiver outra ocupação no ano, no final terá uma renda mensal de R\$ 844,62, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged/MTb², que mostram as movimentações (contratações e desligamentos). Pelos dados do Caged as contratações começam a partir de janeiro. No cadastro relativo às declarações de contratações na cultura da Maçã, a contratação é bem intensa nos meses de janeiro e fevereiro, seguida de um processo de muitos desligamentos.

GRÁFICO 2
Saldo das contratações e demissões em 2017 e 2018
Brasil



Fonte: Caged.MTb

TABELA 6
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no cultivo de Maçã, por UF

² Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED é um registro administrativo do Ministério do Trabalho e Previdência Social que mede a quantidade de admissões e demissões de funcionários em regime CLT de cada empresa. A declaração é realizada pelas próprias empresas.

Janeiro – outubro de 018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Minas Gerais	31	-1	30
São Paulo	12	-7	5
Paraná	305	-488	-183
Rio Grande do Sul	22.186	-22.433	-247
Santa Catarina	8.124	-9.088	-964
Brasil	30.621	-32.017	-1.396

Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017³

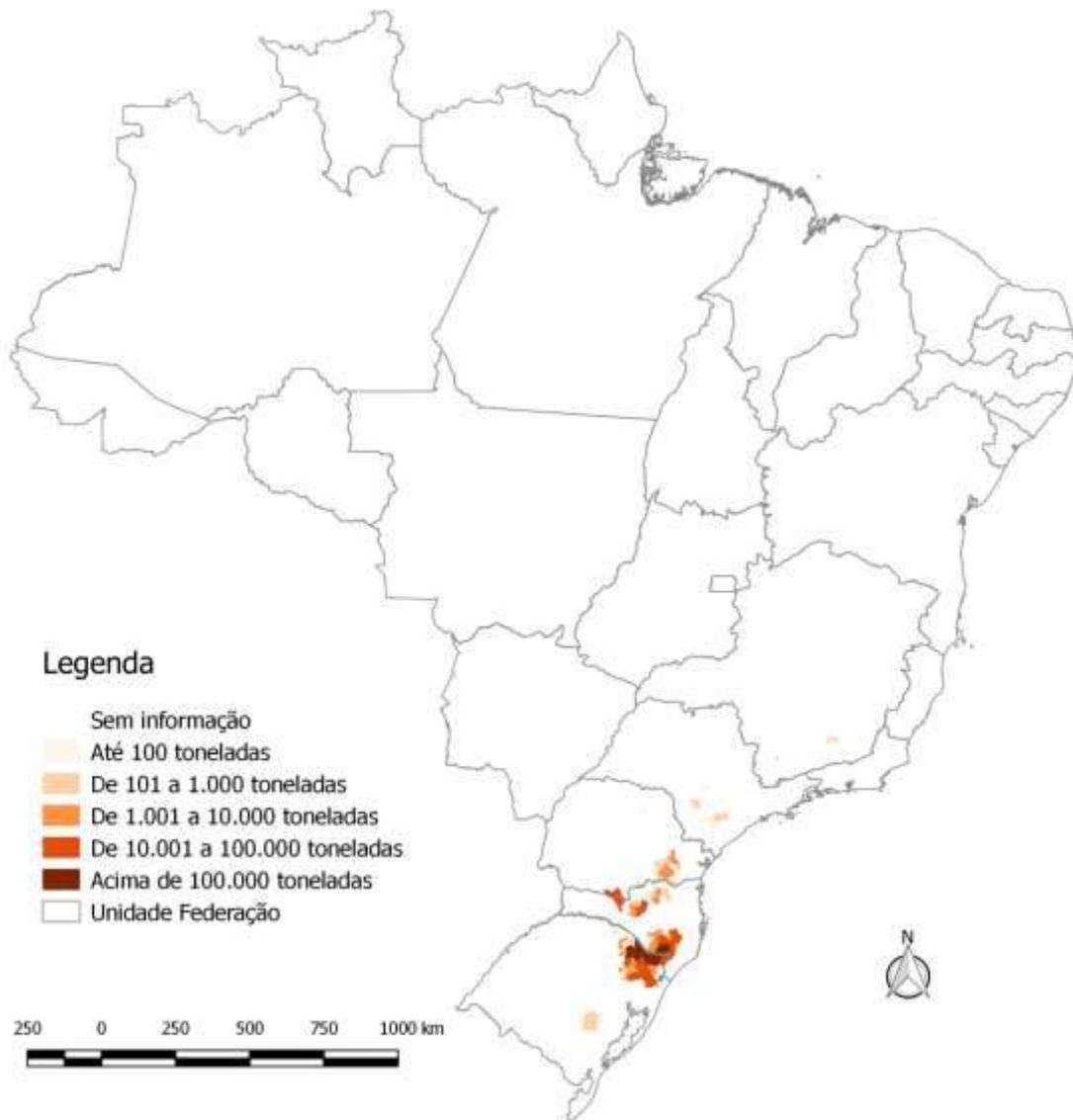
MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades)
Maçã – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

³Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida
Maçã (toneladas) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Área colhida
Maçã (Hectares) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MANGA

A PRODUÇÃO DE MANGA NO BRASIL

A manga produzida no Brasil tem no mercado interno seu principal destino e é comercializada quase que exclusivamente na forma fresca¹. De 2001 a 2017 apresentou um crescimento de 39% na produção e uma redução na área colhida de 5%, segundo dados da Pesquisa Agrícola Municipal – PAM, realizada pelo IBGE. A incorporação de novas áreas, principalmente com irrigação, acompanhadas do uso de tecnologias e variedades mais adaptadas, fez com que a manga ganhasse novos mercados e agregasse mais valor ao produto. O crescimento do valor da produção ao longo desse período, de 2001 a 2017, foi de 365%, resultado bem positivo para os produtores e exportadores brasileiros (tabela 1).

TABELA 1
Área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e
valor da produção da manga
Brasil

Variável/Ano	2001	2016	2017	Variação 2017/2001	Variação 2017/2016
Área colhida	67.234	61.850	63.900	-4,96%	3,31%
Quantidade produzida (tonelada)	782.348	1.002.267	1.087.091	38,95%	8,46%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	11.636	16.205	17.012	46,20%	4,98%
Valor da produção (mil reais)	211.513	788.433	984.294	365,36%	24,84%

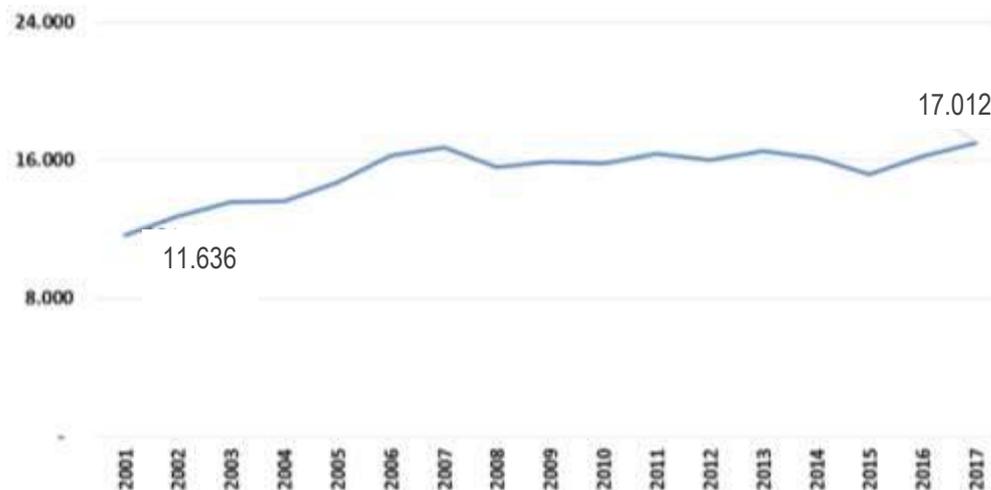
Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

O rendimento médio da produção de Manga no Brasil vem em um crescimento constante, com pequenas quedas pontuais. O rendimento médio, por hectare, teve um crescimento de 46%, saindo de 11,6 toneladas por hectare para 17 ton/hectare ao longo desses 16 anos.

¹ Também pode ser encontrada como compota, suco integral ou polpa congelada. A polpa pode ser utilizada na elaboração de doces, sorvetes, sucos, licores, geleias, entre outras utilizações. A indústria farmacêutica e madeireira utiliza as folhas e os troncos.

GRÁFICO 1
Rendimento médio da produção (kg/ha)
Brasil



Fonte: PAM/IBGE

Produção nos estados e municípios

Embora seja produzida em todo o território nacional, a manga concentra-se em especial no Nordeste. Segundo dados da PAM/IBGE, a Bahia é o estado com maior quantidade produzida, 438,6 mil toneladas, concentrando 40% da produção nacional, em 24 mil hectares. Pernambuco vem em seguida, com 20% da produção nacional, 240 mil toneladas, em 10,8 mil hectares. A cultura da manga em Pernambuco apresentou o melhor rendimento médio por hectare, 22,2 mil toneladas. Somente os estados da Bahia e Pernambuco produzem 60% da manga produzida no Brasil (2017), sendo essa produção concentrada no Vale do São Francisco².

São Paulo vem logo em seguida, com 176 mil toneladas produzida em 9,4 mil hectares. O rendimento médio por hectare foi bem próximo ao rendimento da Bahia, 18,6 ton/ha.

A produção da manga no país em 2017 teve um valor de produção próximo a R\$ 1 bilhão.

² O Vale do São Francisco é a região drenada pelo rio São Francisco e seus afluentes. Está localizada em sua grande parte nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. É uma área fértil e que tem recebido diversos investimentos em irrigação federal e governamental. Tornou-se um importante produtor de frutas e hortaliças. A sub-região que mais se desenvolve é aquela compreendida pelas cidades de Juazeiro (Bahia) e Petrolina (Pernambuco) que se tornou o maior conglomerado urbano do Semiárido. Sua produção é exportada através do aeroporto de Petrolina e do porto de Suape, ambos em Pernambuco e o Porto de Aratu e pelo Mercado do Produtor em Juazeiro, maior entreposto comercial do Norte-Nordeste do Brasil, ambos na Bahia.

TABELA 2
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção de manga
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	1.087.091	63.900	17.012	984.294
Bahia	438.603	23.917	18.339	424.324
Pernambuco	239.559	10.770	22.243	210.464
São Paulo	176.127	9.461	18.616	122.742
Minas Gerais	68.807	4.532	15.182	88.977
Ceará	45.337	5.642	8.036	37.465
Rio Grande do Norte	44.253	2.816	15.715	34.950
Sergipe	17.950	844	21.268	12.652
Alagoas	13.046	1.181	11.047	8.157
Paraíba	9.110	1.189	7.662	7.023
Paraná	5.633	386	14.593	8.398
Piauí	5.063	530	9.553	4.651
Roraima	4.214	410	10.278	5.341
Rio de Janeiro	2.563	148	17.318	3.212
Maranhão	2.234	380	5.879	2.480
Mato Grosso	1.398	75	18.640	1.796
Rio Grande do Sul	1.170	153	7.647	2.325
Distrito Federal	694	54	12.852	1.284
Pará	449	38	11.816	398
Tocantins	377	49	7.694	228
Goiás	338	37	9.135	303

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Obs.: Acre, Amazonas, Amapá, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Rondônia não apresentaram produção

Na Tabela 3 estão 27 municípios produtores de manga, sendo que os 20 primeiros são os principais produtores do Brasil. O Município de Petrolina, em Pernambuco, é o maior produtor de manga do país, com 173 mil toneladas em 7,9 mil hectares. Representa 16% da produção nacional e 72% da produção do estado. Casa Nova, na Bahia, vem logo em seguida, com 150 mil toneladas produzidas em 4 mil hectares, com um rendimento médio muito superior a Petrolina, de 37,5 ton/ha e o maior entre esses municípios. O rendimento médio varia muito de uma localidade para outra, indicando que ainda há muita possibilidade de crescimento na produção dessa fruta.

A informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano³ pretende sinalizar, indicar, se o município pode ou não estar incorporando os ganhos com a produção dessa cultura, e

³ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento

das demais que possam existir na região, para melhorar a condições básicas de vida da população local. Entre esses 27 municípios, somente 7 têm o IDH superior à média nacional, que era de 0,699 em 2010.

TABELA 3
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 municípios brasileiros com maior produção de Manga em 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Petrolina (PE)	173.360	7.880	22.000	164.692	0,697
Casa Nova (BA)	150.000	4.000	37.500	150.000	0,570
Juazeiro (BA)	144.770	7.458	19.411	144.770	0,677
Santa Maria da Boa Vista (PE)	42.000	1.400	30.000	16.800	0,590
Livramento de Nossa Senhora (BA)	40.000	4.500	8.889	27.200	0,611
Monte Alto (SP)	40.000	2.500	16.000	22.200	0,768
Cândido Rodrigues (SP)	17.040	600	28.400	11.971	0,789
Ipanguaçu (RN)	17.000	850	20.000	13.600	0,603
Fernando Prestes (SP)	15.850	657	24.125	10.857	0,758
Taquaritinga (SP)	15.400	840	18.333	10.241	0,748
Dom Basílio (BA)	15.000	1.500	10.000	17.700	0,591
Belém do São Francisco (PE)	12.00	600	20.000	19.200	0,642
Janaúba (MG)	11.300	452	25.000	22.807	0,696
Curaçá (BA)	11.177	630	17.741	10.842	0,581
Matias Cardoso (MG)	11.060	700	15.800	14.820	0,616
Itápolis (SP)	10.847	524	20.700	7.213	0,744
Rio de Contas (BA)	9.500	800	11.875	7.790	0,605
Jaíba (MG)	9.223	610	15.120	11.805	0,638
Vista Alegre do Alto (SP)	9.000	300	30.000	5.985	0,744
Ituaçu (BA)	8.000	600	13.333	5.920	0,570
Açu (RN)	5.170	235	22.000	4.136	0,661
Sobradinho (BA)	3.840	200	19.200	3.494	0,631
Carnaubais (RN)	3.240	180	18.000	2.592	0,589
Quixeré (CE)	1.748	146	11.973	3.031	0,622
Mossoró (RN)	1.000	100	10.000	650	0,720
Limoeiro do Norte (CE)	510	38	13.421	977	0,682
Baraúna (RN)	415	50	8.300	374	0,574

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010

Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699. Os municípios de Açu, Sobradinho, Carnaubais, Quixeré, Mossoró, Limoeiro do Norte e Baraúna não estão entre os principais produtores, mas foram incluídos a pedido da OXFAM.

humano muito alto), em desenvolvidos (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional.

Exportação

A manga continua sendo a fruta que o Brasil mais exporta. Em 2017, houve recorde nos embarques, tanto em volume, com cerca de 180 mil toneladas, quanto em receita, de mais de US\$ 205 milhões. No comparativo com 2016, o crescimento foi de 16,46% em peso e de 13,99% em valor. Os maiores compradores da fruta são a União Europeia (132.820 toneladas, com receita de US\$ 157,2 milhões) e os Estados Unidos (33.095 toneladas e receita de US\$ 30,6 milhões). Um dos fatores que possivelmente contribui com esse cenário e diferencia o Brasil de outras nações produtoras é o fato de o País conseguir produzir durante todo o ano. Para o pesquisador João Ricardo Ferreira de Lima, da Embrapa Semiárido, basta que os produtores se mobilizem para elevar ainda mais a qualidade da fruta produzida em solo nacional. Porém, ressalta que “São muitos produtores, pouco organizados, e pequena quantidade de compradores. Outro problema que preocupa a região está relacionado com a crise hídrica. Devido à redução do volume de água no Lago de Sobradinho durante o ano, está sendo necessário realizar racionamento e, caso isso se agrave, a redução da água pode afetar a produtividade das mangueiras”, explica o pesquisador⁴.

Exportação de manga			
Ano	2016	2017	Variação %
Volume (kg)	154.211.079	179.601.248	16%
Receita (US\$)	179.932.100	205.111.150	14%

Fonte: Agrostat/MAPA

A manga, assim como a produção de outras frutas, trata-se de cultivos de alta tecnologia e grandes consumidores de capital, situação que exige que o produtor além de uma alta produtividade física obtenha também uma adequada rentabilidade econômica. Os tratamentos oneram os custos e exigem instalações próprias (*packing house*⁵) para serem realizados, aumentando substancialmente o investimento. Por se tratar de produto perecível e sujeito a doenças e pragas, exigem um alto controle na exportação. A tendência, nessas condições, é de concentração de capital para fazer frente aos custos, principalmente na produção destinada a exportação.

⁴ Anuário Brasileiro da Fruticultura 2018. Editora Gazeta. http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/04/FRUTICULTURA_2018_dupla.pdf

⁵ É um barracão de classificação próximo das roças onde a colheita de vários produtores é descarregada, e os produtos são separados, classificados e formam cargas maiores para serem levadas aos grandes centros consumidores. Essas estruturas facilitam e barateiam o transporte.

BOX

A Agrodan – maior produtora e exportadora de manga do país, com mais de mil hectares de área plantada em Belém de São Francisco (PE), no Sertão de Itaparica, e Abaré e Curaçá-BA (no norte da Bahia), bateu novo recorde no ano passado, obtendo o melhor resultado de sua história, com 30,5 milhões de quilos de manga produzidos, o que equivale a um aumento de quase 20% com relação a 2016. De acordo com o diretor-geral da Agrodan, Paulo Dantas, os investimentos são altos. “O nosso Packing House é o maior, mais moderno e mais automatizado do Brasil e os nossos processos possuem diversos certificados internacionais”, ressalta. Atualmente 92% da produção da Agrodan são exportados para a Europa, em países como Portugal, Alemanha, Espanha, Holanda e Itália. Mas a empresa vem, a cada ano, mirando o mercado interno. De acordo com Paulo, diversos estados no Brasil já comercializam a fruta e, com a constante crescente da produção, o objetivo é que, nos próximos anos, 40% da manga produzida seja destinada ao consumidor brasileiro*.

* <https://agrodan.site/>

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb⁶, em 31 de dezembro de 2017 haviam 10.310 pessoas ocupadas formalmente na cultura da manga, sendo 7.729 homens e 2.581 mulheres. O rendimento médio era de R\$ 1.287,14, um valor 37% superior ao salário mínimo no país, de R\$ 937,00. A mulher recebia 5% a menos que os homens.

A Bahia, que é o estado com maior produção de manga, aparece com 4.807 vínculos formais, sendo 3.684 homens e 1.123 mulheres, que têm um rendimento médio 7% inferior ao dos homens.

⁶ A (RAIS) é um relatório de informações socioeconômico solicitado pelo Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os dados se refere a mão-de-obra ocupada no dia 31 de dezembro de cada ano e somente a trabalhadores com contratos formais.

TABELA 4
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Cultivo de manga

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Bahia	3.684	1.123	4.807	1.206,89	1.121,76	1.187,00
Pernambuco	2.906	1.225	4.131	1.344,46	1.235,03	1.312,01
Rio Grande do Norte	385	60	445	1.455,92	1.517,11	1.464,17
São Paulo	279	73	352	1.464,32	1.328,20	1.436,09
Sergipe	167	24	191	1.033,51	999,10	1.029,18
Minas Gerais	118	33	151	1.146,72	1.019,48	1.118,91
Paraíba	96	31	127	1.448,70	1.511,95	1.464,14
Ceará	81	8	89	1.339,89	2.223,77	1.419,34
Roraima	4	1	5	1.217,94	955,21	1.165,39
Goiás	3	1	4	2.095,79	963,02	1.812,60
Tocantins	2	1	3	1.115,90	0,00	743,93
Espírito Santo	1	1	2	0,00	0,00	0,00
Maranhão	1	0	1	963,02	0,00	963,02
Piauí	1	0	1	937,00	0,00	937,00
Distrito Federal	1	0	1	1.387,50	0,00	1.387,50
Brasil	7.729	2.581	10.310	1.303,65	1.237,00	1.287,14

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE): 0133-4/10 Cultivo de manga

Como muitas das ocupações são temporárias, empregando mais durante a colheita, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que pode ir de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para assegurar uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

Na Manga, o tempo de contratação de 43% dos trabalhadores têm vínculos de até 11,9 meses, sendo que 29% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 5
Tempo de trabalho por vínculo ativo, 2017
Cultivo de manga

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
Bahia	680	551	799	832	640	613	413	279	4.807
Pernambuco	611	675	473	676	398	550	527	221	4.131
Rio Grande do Norte	37	80	35	64	34	44	81	70	445
São Paulo	55	44	51	50	35	56	34	27	352
Sergipe	78	0	17	24	13	28	15	16	191
Minas Gerais	22	21	19	27	20	21	9	12	151
Paraíba	36	8	8	10	8	17	20	20	127
Ceará	0	14	1	19	10	21	22	2	89
Roraima	0	0	0	1	0	1	3	0	5
Goiás	0	0	0	1	0	0	2	1	4
Tocantins	1	0	0	1	0	1	0	0	3
Espírito Santo	0	0	0	0	0	2	0	0	2
Maranhão	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Piauí	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Distrito Federal	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Brasil	1.520	1.393	1.403	1.706	1.158	1.355	1.126	649	10.310

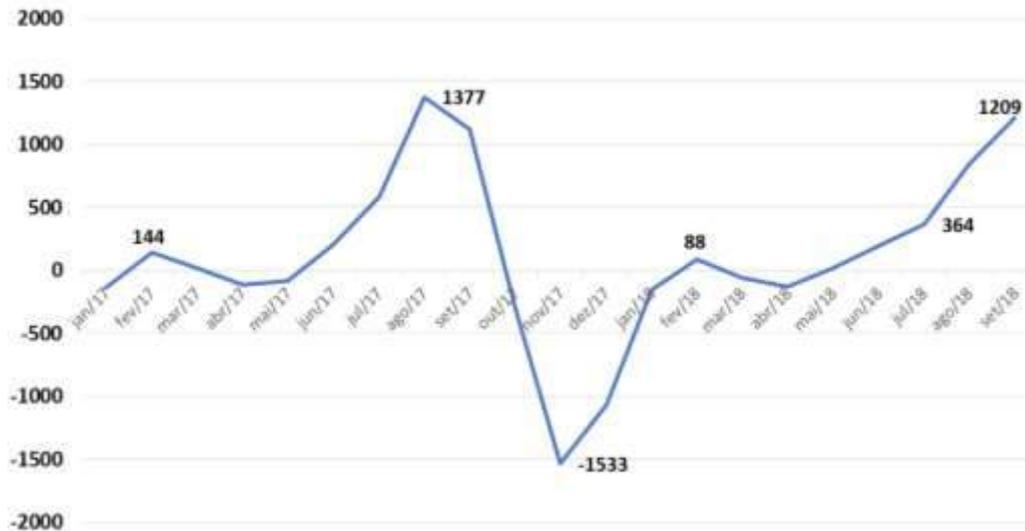
Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro.

Para exemplificar, um trabalhador no Estado da Bahia, que é o maior empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.187,00, receberá, ao fim do contrato, R\$ 3.561,00. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 296,75 por mês (14% dos vínculos na Bahia estão nessa situação). Se a ocupação durar 6 meses, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 7.122,00 e se não tiver outra ocupação no ano, terá uma renda mensal de R\$ 593,50, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged/MTb, que mostram as movimentações (contratações e desligamentos) ao longo do ano. No cadastro relativo às declarações de contratações na cultura da manga, há muitas contratações e demissões ao longo do ano, principalmente no final do ano, novembro e dezembro, demonstrando a sazonalidade de ocupação nessa cultura.

GRÁFICO 2
Saldo das contratações
Brasil – 2017 e 2018



Fonte: Caged.MTb

TABELA 6
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no Cultivo de manga, por UF
Janeiro/18 – outubro/2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Bahia	3.704	-2.203	1.501
Pernambuco	3.198	-2.250	948
Rio Grande do Norte	661	-240	421
Ceará	97	-51	46
Paraíba	102	-64	38
Minas Gerais	137	-124	13
Roraima	5	-4	1
Tocantins	0	-1	-1
Espírito Santo	2	-3	-1
Distrito Federal	0	-1	-1
Sergipe	4	-31	-27
São Paulo	118	-186	-68
Brasil	8.028	-5.158	2.870

Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017⁷

MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades)
Manga – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

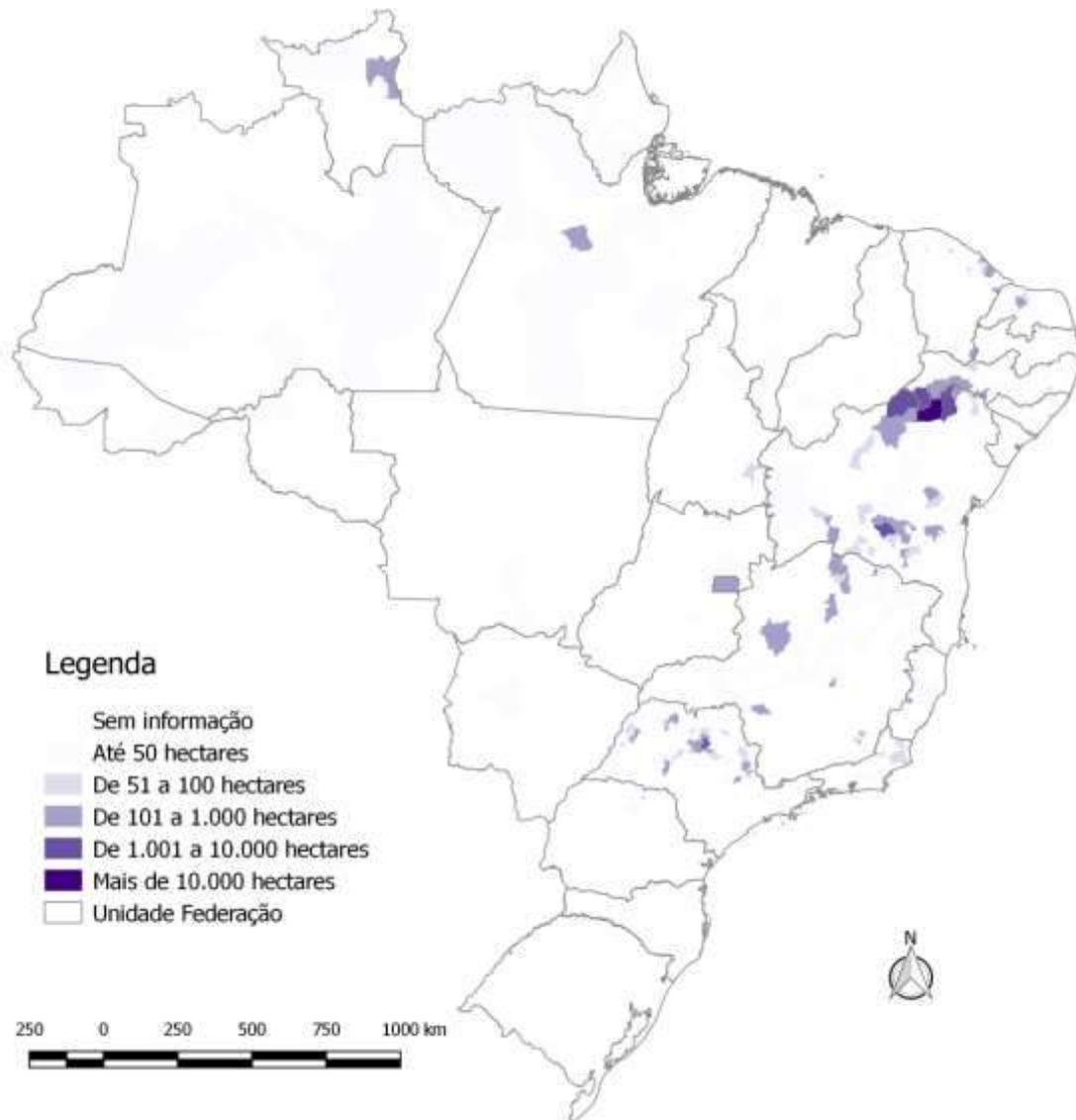
⁷Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida –
Manga (toneladas) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Área de produção
Manga (hectares) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MELÃO

A PRODUÇÃO DO MELÃO NO BRASIL

O melão é consumido no Brasil como fruta fresca ou na forma de refrescos. Tem propriedades refrescantes e hidratantes, pois é composto de 90% de água. O meloeiro se desenvolve melhor em regiões de temperatura mais elevada, entre 25 e 32°C. No entanto, temperaturas acima dos 35°C podem comprometer a frutificação. O meloeiro é capaz de absorver a umidade do ar e do solo. Quando isso acontece, o teor de açúcar fica diminuído. As condições climáticas favorecem o Nordeste, onde os frutos têm melhor sabor e maior teor de açúcares.

A produção de melão no Brasil dobrou nos últimos 16 anos, saltando de 264,4 mil toneladas em 2001 para 540 mil toneladas em 2017, segundo dados da Pesquisa Agrícola Municipal – PAM, realizada pelo IBGE. No mesmo período a área colhida cresceu 64,6%.

A conquista de mercados importantes interna e externamente, além da melhoria da qualidade do produto, fez com que o valor da produção crescesse em 437% ao longo desses anos.

TABELA 1
Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção do melão
Brasil

Variável/Ano	2001	2016	2017	Variação 2017/2001	Variação 2017/2016
Área colhida	14.198	23.105	23.377	64,6%	1,2%
Quantidade produzida (tonelada)	264.431	596.430	540.229	104,3%	-9,4%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	18.624	25.814	23.109	24,1%	-10,5%
Valor da produção (mil reais)	91.785	597.724	492.874	437,0%	-17,5%

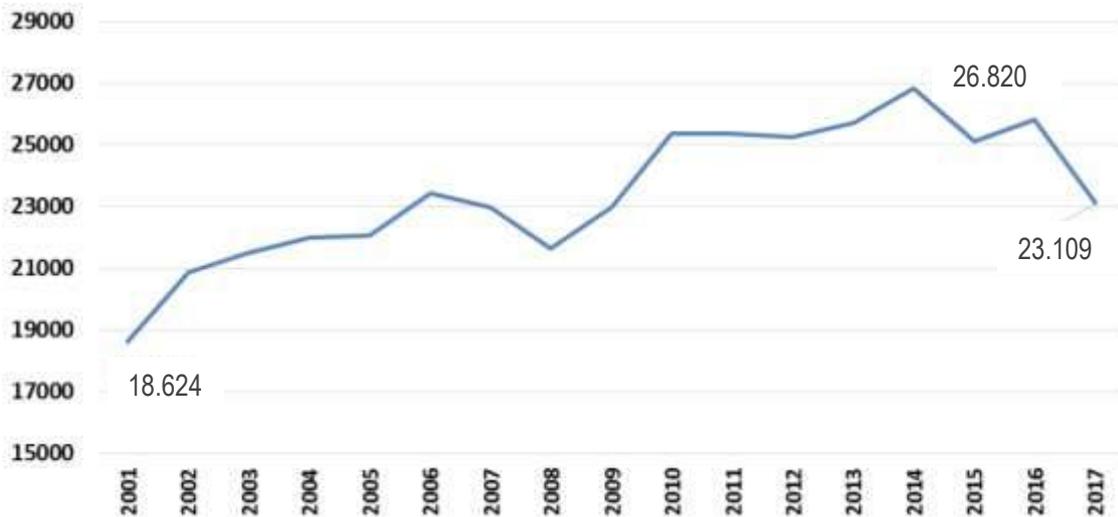
Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal
Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

O rendimento médio da produção apresentou um crescimento de 24,1% de 2001 a 2017. Se considerar o período de 2001 a 2016, o crescimento na produtividade do melão foi de 38,6%. Em 2014 a produtividade foi ainda maior, de 26.820 kg/hectare (gráfico 1).

A produção de melão no país teve uma queda acentuada de 2016 para 2017 em função da forte estiagem que atingiu algumas regiões do nordeste brasileiro, onde se localiza a

maior parte da produção da fruta. Em anos anteriores, pelo mesmo motivo, a produção já vinha apresentado alguns recuos, com reflexo na produtividade.

GRÁFICO 1
Rendimento médio da produção (kg/ha)
Brasil



Fonte: PAM/IBGE

Produção nos estados e municípios

A região Nordeste é a principal produtora de melão, contribuindo com mais de 90% da produção nacional. A expansão da cultura na região se deve à atuação de grandes empresas, que destinam boa parte da sua produção para exportação.

Pelos dados da PAM/IBGE 2017, a produção de melão no Brasil foi de 540 mil toneladas distribuídas em cerca de 23 mil hectares, com um rendimento médio de 23 toneladas por hectare. O Estado do Rio Grande do Norte foi responsável por 63% da produção nacional, 338,7 mil toneladas, cultivados em 13 mil hectares, com um rendimento médio de 25,7 toneladas por hectare. O Ceará, segundo colocado, produziu 13% do total em 2017 em 2,6 mil hectares, com um rendimento de 27,5 ton/ha, superior ao do Rio Grande do Norte (tabela 2).

TABELA 2
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção,
valor da produção de melão
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	540.229	23.377	23.109	492.874
Rio Grande do Norte	338.665	13.133	25.787	256.710
Ceará	70.593	2.559	27.586	62.069
Bahia	54.154	3.077	17.600	45.914
Piauí	26.024	885	29.406	69.977
Pernambuco	22.408	1.113	20.133	17.850
Rio Grande do Sul	18.914	1.880	10.061	25.777
Paraná	2.840	315	9.016	5.734
Alagoas	2.190	73	30.000	1.721
Mato Grosso	1.854	126	14.714	3.953
Santa Catarina	678	67	10.119	853
Tocantins	630	33	19.091	571
São Paulo	363	14	25.929	233
Roraima	350	21	16.667	906
Mato Grosso do Sul	240	30	8.000	192
Paraíba	140	20	7.000	182
Maranhão	102	17	6.000	102
Pará	70	10	7.000	102
Amazonas	14	4	3.500	28

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Obs.: Acre, Amapá, Sergipe, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal

A expansão do cultivo do Melão ao longo dos últimos anos se deu principalmente no Estado do Rio Grande do Norte e Ceará, devido especialmente às fontes de abastecimento de água na região produtora desses estados. Nos últimos anos ocorreu uma grande migração da produção de melão do estado de Ceará para o Rio Grande do Norte devido a grande seca que ocorreu na região. A crise hídrica no Ceará foi mais grave do que a do Rio Grande do Norte, que tem água em abundância no subsolo, no aquífero da Chapada do Apodi, além da diferença tecnológica empregada na irrigação: no Ceará a irrigação se desenvolve utilizando águas artificiais e no Rio Grande do Norte a produção se desenvolve a partir de poços tubulares. Em alguns municípios, devido a grande exploração do lençol freático, e de baixa reposição de água subterrânea, também ocorreu forte queda da produção de melão. Uma das características da produção de melão nessa região é sua grande mobilidade espacial. A produção na região é caracterizada por grandes agroindústrias¹.

¹http://www.corecon-rn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Joacir-e-Aldemir-2017_Din%C3%A2mica-produ%C3%A7%C3%A3o-de-mel%C3%A3o-no-RN.pdf. A dinâmica da produção de melão no RN. Joacir Rufino de Aquino (Economista, professor e pesquisador da UERN). José Aldemir Freire (Economista e

Na Tabela 3 estão 23 municípios produtores de Melão, sendo que os 20 primeiros são os principais produtores do Brasil. Esses dados reforçam a importância do estado do Rio Grande do Norte na produção de melão no país. As três cidades que mais produziram, Mossoró, Tibau e Apodi responderam por 54% de toda a produção nacional e 85% da produção do estado do Rio Grande do Norte. O rendimento médio da produção em Apodi foi o maior entre todas essas cidades, de 37 toneladas por hectare, bem superior à média apresentada por Mossoró e Tibau.

Entre esses 20 municípios que mais produzem Melão, e os 3 municípios acrescentados, somente Mossoró tem o IDH superior à média nacional, que era de 0,699 em 2010. A informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH pretende sinalizar se o município pode ou não estar incorporando os ganhos com a produção dessa cultura para melhorar as condições básicas de vida da população local.

TABELA 3
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 municípios brasileiros com maior produção de Melão em 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Mossoró (RN)	199.000	8.000	24.875	149.250	0,720
Tibau (RN)	49.600	2.000	24.800	32.240	0,635
Apodi (RN)	40.671	1.090	37.313	34.570	0,639
Aracati (CE)	26.600	950	28.000	16.492	0,655
Canto do Buriti (PI)	25.724	855	30.087	69.647	0,576
Icapuí (CE)	22.237	800	27.796	17.345	0,616
Limoeiro do Norte (CE)	21.654	802	27.000	28.150	0,682
Ribeira do Amparo (BA)	21.010	938	22.399	23.111	0,512
Juazeiro (BA)	21.000	1.368	15.351	14.910	0,677
Baraúna (RN)	15.000	500	30.000	15.000	0,574
Inajá (PE)	12.000	600	20.000	10.800	0,523
Governador Dix-Sept Rosado (RN)	9.900	350	28.286	6.435	0,592
Galinhas (RN)	8.960	320	28.000	7.168	0,564
Upanema (RN)	4.500	150	30.000	2.925	0,596
Afonso Bezerra (RN)	4.000	200	20.000	3.200	0,585
Sobradinho (BA)	3.761	178	21.129	2.294	0,631
Macau (RN)	3.545	383	9.256	2.836	0,665
Curaçá (BA)	3.427	244	14.045	2.365	0,581
Lagoa Grande (PE)	3.078	171	18.000	2.462	0,597
Santa Maria da Boa Vista (PE)	2.500	100	25.000	1.000	0,590
Casa Nova (BA)	1.613	100	16.130	807	0,570
Açu (RN)	1.500	60	25.000	1.200	0,661
Carnaubais (RN)	108	6	18.000	86	0,589

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010

Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699. Os municípios de Casa Nova, Açu e Carnaubais não estão entre os 20 principais produtores, mas foram incluídos a pedido da OXFAM

Exportações

Segundo informações do Anuário da Fruticultura 2018², cerca de 60% da produção é destinada para o mercado externo, o que coloca a fruta como a mais exportada quando se utiliza o critério de percentagem da produção. Segundo balanço de janeiro de 2018 das Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (Agrostat), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em 2017 foram embarcados 233,6 mil

² Anuário Brasileiro da Fruticultura 2018. Editora Gazeta. http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/04/FRUTICULTURA_2018_dupla.pdf

toneladas, totalizando mais de US\$ 162,9 milhões, um incremento de 4% em relação ao ano anterior. Hoje, os maiores compradores da fruta brasileira são Inglaterra, Holanda e Espanha, mas o mercado interno também ganha com a qualidade dos produtos. O produto também chega aos Emirados Árabes, além de países da América do Norte e América Latina. Novos mercados estão recebendo a fruta, como Oriente Médio e Rússia, e, em breve, poderá chegar também a mercados asiáticos.

Exportação de melão			
Ano	2016	2017	Varição %
Volume (kg)	224.688.423	233.652.626	4,0%
Receita (US\$)	148.741.470	162.916.237	9,5%

Fonte: Agrostat/MAPA

No passado, havia grande diferença no sabor por causa dos teores de açúcar, uma vez que se exportava as melhores frutas. Agora, isso não ocorre mais. “Melões de qualidade tipo exportação também são ofertados regularmente no mercado interno. Os produtores estão valorizando suas marcas, fazendo seleção muito criteriosa antes de colocar suas identificações. E o consumidor está sabendo identificá-las”, ressalta o presidente da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrasfrutas), Luiz Roberto Barcelos. A produção se torna mais intensa a partir de setembro, até janeiro. “Neste período do ano, apenas o Brasil fornece as frutas para o mercado Europeu, que é o maior consumidor”, revela o presidente da Abrasfrutas.

BOX

A maior empresa produtora de melão e melancia do Brasil e uma das maiores do mundo é a Agrícola Famosa, empresa de capital nacional situada na divisa dos estados do Rio Grande do Norte e Ceará, que hoje conta com quase 9.000 empregados nos períodos de safra, e com uma área atual total de mais de 30.000 hectares. Um dos sócios fundadores presidente do Comitê Executivo de Fruticultura do RN e da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frutas e Derivados (Abrasfrutas), Luiz Roberto Barcelos.

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb³, em 31 de dezembro de 2017 haviam 12.053 pessoas ocupadas formalmente na cultura do Melão, com um rendimento médio de R\$ 1.414,41, um rendimento 51% superior ao salário mínimo do país, de R\$ 937,00. Do total de ocupados, 10.506 eram homens e 1.547 eram mulheres. Os dados apontam que os homens possuem um rendimento de R\$ 1.477,39, enquanto as mulheres recebem, em média, R\$ 1.310,51, 88% do rendimento masculino.

No Rio Grande do Norte é o estado com maior produção da fruta, aparece com 6.997 vínculos formais, com 6.056 homens e apenas 941 mulheres. As mulheres recebiam, em média, 85% do rendimento dos homens.

TABELA 4
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Cultivo de melão

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Rio Grande do Norte	6.056	941	6.997	1.404,24	1.192,39	1.375,75
Ceará	3.085	433	3.518	1.606,18	1.498,61	1.592,94
Bahia	510	102	612	1.129,54	1.069,24	1.119,49
Pernambuco	556	41	597	1.244,14	1.132,02	1.236,44
Piauí	270	19	289	1.277,73	1.274,51	1.277,52
São Paulo	14	11	25	3.580,98	2.049,30	2.907,04
Rio de Janeiro	7	0	7	1.099,55	0,00	1.099,55
Rio Grande do Sul	5	0	5	1.457,28	0,00	1.457,28
Minas Gerais	2	0	2	934,39	0,00	934,39
Tocantins	1	0	1	1.970,00	0,00	1.970,00
Brasil	10.506	1.547	12.053	1.436,33	1.265,61	1.414,41

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE): 0119-9/07 Cultivo de melão

Como muitas das ocupações são temporárias, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que normalmente vai de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para garantir uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

³ A (RAIS) é um relatório de informações socioeconômicas solicitado pelo Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os dados se refere a mão-de-obra ocupada no dia 31 de dezembro de cada ano.

No melão, o tempo de contratação de 59% dos trabalhadores tem vínculos de até 11,9 meses, sendo que 44% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 5
Tempo de trabalho por vínculo ativo, 2017
Cultivo de melão

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
Rio Grande do Norte	397	2.921	1.044	1.614	540	277	180	24	6.997
Ceará	97	1.266	621	721	269	278	190	76	3.518
Bahia	266	185	1	41	42	35	33	9	612
Pernambuco	46	61	80	163	117	94	36	0	597
Piauí	54	31	70	61	15	25	26	7	289
São Paulo	2	1	10	0	3	6	3	0	25
Rio de Janeiro	0	0	0	7	0	0	0	0	7
Rio Grande do Sul	0	0	0	0	2	3	0	0	5
Minas Gerais	0	0	0	0	0	0	1	1	2
Tocantins	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Brasil	862	4.465	1.826	2.607	989	718	469	117	12.053

Fonte: Rais.MTb

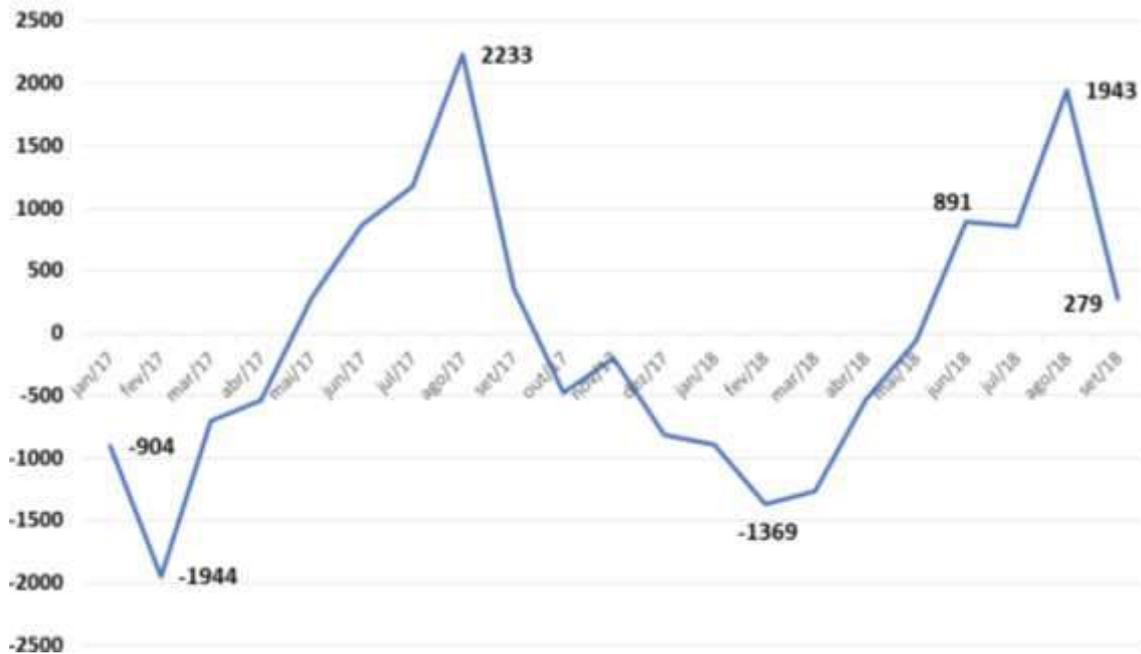
Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE) 0119-9/07 Cultivo de melão

Para exemplificar, um trabalhador do Rio Grande do Norte, que é o maior empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.375,75, receberá, ao fim do contrato, R\$ 4.127,25. 6% dos trabalhadores estão nessa situação. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 343,94 por mês. Se a ocupação durar 06 meses, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 8.254,50, 48% dos trabalhadores, e se não tiver outra ocupação no ano, no final terá uma renda mensal de R\$ 687,88, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged⁴, que mostram as movimentações (contratações e desligamentos). De maio a agosto é o período com maior volume de contratação. Após agosto, há muitas demissões, demonstrando a sazonalidade de grande parte das contratações nesse setor.

⁴ Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED, é um registro administrativo do Ministério do Trabalho e Previdência Social que mede a quantidade de admissões e demissões de funcionários em regime CLT de cada empresa. A declaração é realizada pelas próprias empresas.

GRÁFICO 2
Saldo de contratações em 2017 e 2018
Brasil (mensal)



Fonte: Caged.MTb

TABELA 6
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no cultivo de melão, por UF,
Janeiro – outubro de 2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Tocantins	0	-12	-12
Piauí	595	-520	75
Ceará	1.031	-1.646	-615
Rio Grande do Norte	4.717	-4.438	279
Pernambuco	222	-360	-138
Bahia	8	-9	-1
Rio de Janeiro	0	-5	-5
São Paulo	13	-8	5
Rio Grande do Sul	3	-1	2
Brasil	6.589	-6.999	-410

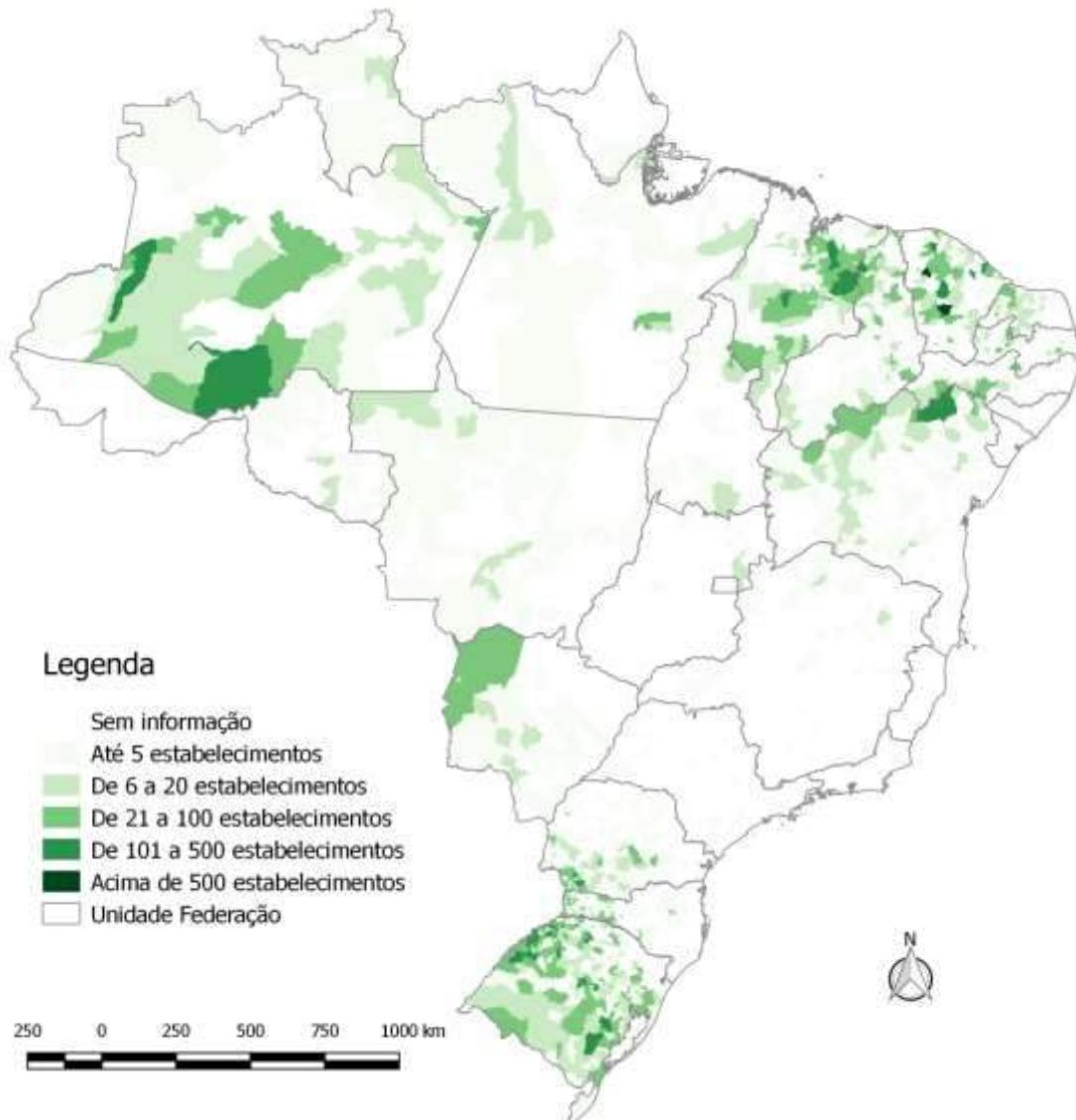
Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017⁵

MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades)
Melão – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

⁵Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida
Melão (toneladas) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Área colhida - Melão (hectares)
2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

UVA

A PRODUÇÃO DE UVA NO BRASIL

A uva é altamente apreciada para consumo “in natura” e é utilizada na fabricação de diversos produtos, como passa, suco, doce, geleia, vinho e vinagre. Fornece, também, outros subprodutos, como corantes naturais, ácido tartárico, óleo de semente e taninos.

Segundo dados da Pesquisa Agrícola Municipal – PAM, realizada pelo IBGE, a produção de uva no país cresceu 80,6% de 2001 a 2017. Em 2016 ocorreu uma drástica queda na produção da Uva no Rio Grande do Sul, mais de 50%, e também na produção de Santa Catarina, devido a problemas climáticos (geadas e excesso de chuvas).

A área colhida cresceu 19,3% nesses 16 anos, mas teve uma pequena redução de 2016 para 2017, de 2%¹.

TABELA 1
Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção da uva
Brasil

Variável/Ano	2001	2016	2017	Variação 2017/2001	Variação 2017/2016
Área colhida	63.288	77.052	75.510	19,3%	-2,0%
Quantidade produzida (tonelada)	1.058.579	985.074	1.912.034	80,6%	94,1%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	16.726	12.785	25.322	51,4%	98,1%
Valor da produção (mil reais)	1.179.635	2.129.901	3.532.720	199,5%	65,9%

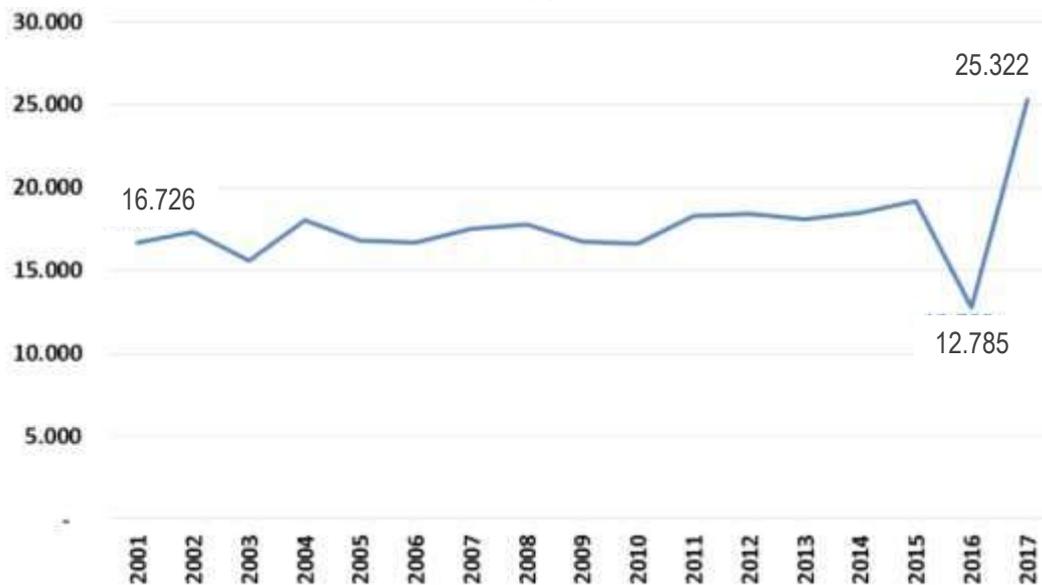
Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

O rendimento médio também apresentou um bom resultado no período de dezesseis anos, com crescimento de 51,4%. A grande queda no rendimento de 2016 se deveu aos problemas enfrentados principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, mas a cultura se recuperou bem em 2017 (gráfico 1).

¹ “Até 2016 o IBGE considerava apenas uma safra no Vale do São Francisco e a partir de 2017 passaram a considerar 2,5 safras. Os dados estão sendo analisados por técnicos da Supervisão de Agropecuária/PE junto a algumas empresas produtoras, com a Embrapa e com instituições do Grupo de Coordenação das Estatísticas Agropecuárias de Pernambuco (GCEA-PE). Na região do Vale do São Francisco as condições climáticas, o melhoramento genético e a tecnologia empregada permitem uma produção em média de 2,5 safras ao ano. A produtividade média destes municípios é em torno de 35 ton/ha”. Resposta do Coordenador de Agropecuária – COAGRO/IBGE, Diretoria de Pesquisas – DPE - Sr Octávio Costa de Oliveira, na consulta sobre os dados junto ao Instituto.

GRÁFICO 1
Rendimento médio da produção (kg/ha)
Brasil



Fonte: PAM.IBGE

A produção nacional de uvas destinadas ao processamento (vinho, suco e derivados) foi de 818.783 milhões de quilos em 2017, representando apenas 48,74% da produção nacional de uvas. O restante da produção (51,26%) foi destinado ao consumo in natura.

A quantidade de uvas processadas para elaboração de vinho e suco em 2016 foi menor devido às condições climáticas adversas, com forte impacto, em especial nos vinhedos do Rio Grande do Sul. Já em 2017 as condições foram favoráveis, resultando na maior safra já registrada².

Produção nos estados e municípios

O Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que mais produziu Uva, com 957 mil toneladas em 2017 em 75.510 hectares, 50% da produção nacional. Em seguida aparece Pernambuco, com 621 mil toneladas em 8.237 hectares, 32% da produção nacional. O rendimento médio da produção no Rio Grande do Sul foi de cerca de 20 toneladas por hectare enquanto em Pernambuco o rendimento médio foi de 75 toneladas, muito superior à média brasileira e a todos os outros estados, em função de produzir mais de uma safra

² Anuário Brasileiro da Fruticultura 2018. Editora Gazeta. http://www.editoragazeta.com.br/sitewp/wp-content/uploads/2018/04/FRUTICULTURA_2018_dupla.pdf

ao ano, em torno de 35 toneladas por hectare em cada safra³. Apesar de a Bahia ser o quinto estado no ranking de produção em 2017, destaca-se o rendimento médio por hectare, de 28 toneladas. As áreas de cultivos de Uva em Pernambuco e Bahia são contíguas, tomando parte do polígono irrigado do Vale do rio São Francisco⁴.

TABELA 2
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção,
valor da produção de uva
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	1.912.034	75.510	25.322	3.532.720
Rio Grande do Sul	956.887	48.373	19.781	1.217.306
Pernambuco	621.170	8.237	75.412	1.273.054
São Paulo	133.261	7.348	18.136	387.867
Santa Catarina	65.196	4.426	14.730	123.480
Bahia	56.504	1.960	28.829	230.255
Paraná	53.345	3.662	14.567	204.298
Minas Gerais	13.685	889	15.394	49.269
Espírito Santo	3.468	196	17.694	17.016
Paraíba	2.620	132	19.848	6.550
Distrito Federal	1.700	68	25.000	8.772
Goiás	1.650	71	23.239	4.580
Mato Grosso	1.002	50	20.040	4.606
Ceará	708	36	19.667	2.013
Rio de Janeiro	302	17	17.765	1.408
Piauí	240	10	24.000	960
Rondônia	187	25	7.480	804
Mato Grosso do Sul	78	7	11.143	423
Rio Grande do Norte	30	2	15.000	48
Tocantins	1	1	1.000	12

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Obs.: Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Maranhão, Sergipe, Pará e Amazonas

³ “Até 2016 o IBGE considerava apenas uma safra no Vale do São Francisco e a partir de 2017 passaram a considerar 2,5 safras. Os dados estão sendo analisados por técnicos da Supervisão de Agropecuária/PE junto a algumas empresas produtoras, com a Embrapa e com instituições do Grupo de Coordenação das Estatísticas Agropecuárias de Pernambuco (GCEA-PE). Na região do Vale do São Francisco as condições climáticas, o melhoramento genético e a tecnologia empregada permitem uma produção em média de 2,5 safras ao ano. A produtividade média destes municípios é em torno de 35 ton/ha”. Resposta do Coordenador de Agropecuária – COAGRO/IBGE, Diretoria de Pesquisas – DPE, Sr Octávio Costa de Oliveira, na consulta realizada sobre os dados junto ao Instituto.

⁴ O Vale do São Francisco é a região drenada pelo rio São Francisco e seus afluentes. Está localizada em sua grande parte nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. É uma área fértil e que tem recebido diversos investimentos em irrigação federal e governamental. Tornou-se um importante produtor de frutas e hortaliças. A sub-região que mais se desenvolve é aquela compreendida pelas cidades de Juazeiro (Bahia) e Petrolina (Pernambuco) que se tornou o maior conglomerado urbano do Semiárido. Sua produção é exportada através do aeroporto de Petrolina e do porto de Suape, ambos em Pernambuco e o Porto de Aratu e pelo Mercado do Produtor em Juazeiro, maior entreposto comercial do Norte-Nordeste do Brasil, ambos na Bahia.

O município que mais produziu Uva no Brasil em 2017 foi Petrolina, em Pernambuco, com 464 mil toneladas em 5.800 hectares, 24% da produção nacional e 75% da produção do estado de Pernambuco. Como a região tem mais de uma produção por ano, em função das condições climáticas, melhoramento genético e a tecnologia empregada, o rendimento médio da produção em 2017 em Petrolina foi de 80 toneladas por hectares. Lagoa Grande, também em Pernambuco é o segundo município que mais produz Uva no país, tem uma produção de 127,5 mil toneladas de Uva e um rendimento médio de 85 toneladas por hectare, o maior do Brasil.

O Rio Grande do Sul é o maior estado produtor, com apenas uma safra ao ano, e 14 municípios do estado aparecem entre os 20 maiores, com 37% da produção nacional. Esse estado tem uma produção mais pulverizada geograficamente. Pernambuco aparece com 4 municípios entre os 20 maiores, com 34% da produção nacional, e São Paulo aparece com apenas 2 município, São Miguel Arcanjo e Jundiáí, com 3% da produção nacional.

TABELA 3
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 municípios brasileiros com maior produção de uva em 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Petrolina (PE)	464.000	5.800	80.000	952.717	0,697
Lagoa Grande (PE)	127.500	1.500	85.000	248.570	0,597
Bento Gonçalves (RS)	116.427	4.333	26.870	119.034	0,778
Flores da Cunha (RS)	103.300	4.950	20.869	146.078	0,754
Farroupilha (RS)	71.260	3.950	20.869	146.078	0,754
Caxias do Sul (RS)	70.340	3.850	18.270	89.461	0,782
Garibaldi (RS)	59.750	2.393	24.969	56.250	0,786
Monte Belo do Sul (RS)	52.250	2.270	23.018	58.210	0,752
Pinto Bandeira (RS)	39.646	1.526	25.980	41.710	(1)
Antônio Prado (RS)	38.300	1.470	26.074	42.319	0,758
São Marcos (RS)	36.726	1.250	29.381	37.334	0,768
Nova Pádua (RS)	36.029	1.568	22.978	39.967	0,761
São Miguel Arcanjo (SP)	32.500	1.300	25.000	108.225	0,710
Juazeiro (BA)	32.000	1.150	27.826	133.760	0,677
Cotiporã (RS)	28.680	1.240	23.129	31.452	0,741
Nova Roma do Sul (RS)	23.100	930	24.839	24.540	0,741
Casa Nova (BA)	23.000	750	30.667	92.000	0,570
Coronel Pilar (RS)	22.350	977	22.876	21.027	0,727
Jundiáí (SP)	19.500	1.300	15.000	35.100	0,822
Campestre da Serra (RS)	18.458	802	23.015	25.823	0,706

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010

Nota: (1) Não disponível

Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699

Exportação e Importação

O balanço do setor vitivinícola ainda é muito desfavorável ao Brasil. As exportações somaram US\$ 109,94 milhões em 2017, 42,11% acima do verificado em 2016 e 134% superior a 2015. A exportação de vinho de 2015 a 2017 cresceu 231% em quantidade e 244% no valor recebido. Porém, ainda é muito inferior à importação do mesmo produto. Já o saldo em relação à exportação e importação de uva fresca é mais favorável ao Brasil. As importações brasileiras alcançaram US\$ 453,28 milhões em 2017, 118,5% superior a 2015. A importação de vinho cresceu 152% na quantidade e de 131% no valor nesse período.

TABELA 3
Exportação Brasileira de Uvas, Sucos, Vinhos e Derivados
Valores em US\$ 1.000,00 (FOB)

Discriminação	2015		2016		2017		Variação % (2017/2018)	
	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
Exportação								
Uvas frescas (toneladas)	34.385	72.307	30.813	65.255	44.493	96.207	129%	133%
Suco de uva (toneladas)	2.610	5.866	2.809	6.924	2.273	6.330	87%	108%
Vinhos (1.000 litros)	1.254	2.926	1.787	4.475	2.891	7.141	231%	244%
Espumantes (1.000 litros)	145	712	174	712	84	263	58%	37%
							Importação	
Uvas frescas (toneladas)	31.818	49.965	27.780	45.838	24.197	39.144	76%	78%
Uvas passas	24.834	40.603	27.545	42.012	25.336	43.532	102%	107%
Vinhos (1.000 litros)	77.685	258.978	88.384	260.881	118.335	339.385	152%	131%
Espumantes (1.000 litros)	4.105	32.862	3.748	21.047	7.757	30.930	189%	94%
Suco de uva (toneladas)	175	201	278	511	245	227	140%	113%
Total		382.609		370.289		453.218		118%
Balanco		-300.798		-292.923		-343.277		

Fonte: MDIC
Elaboração: Embrapa Uva e Vinho

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb, em 31 de dezembro de 2017 haviam 21.805 pessoas ocupadas formalmente na cultura da Uva, com um rendimento médio de R\$ 1.214,27 um valor 30% superior ao salário mínimo no país, de R\$ 937,00 em 2017. Os dados apontam

uma maior ocupação de homens, que possuem um maior rendimento que as mulheres. Do total de ocupados, 13.367 eram homens e eram 8.438 mulheres.

O Rio Grande do Sul, estado com maior produção da fruta, aparece com 669 vínculos formais, sendo apenas 109 mulheres, enquanto Pernambuco tinha 14.442 vínculos formais, sendo 8.617 de homens e 5.825 de mulheres. Em função do processo de irrigação, a Uva no Vale do São Francisco, principal região de produção de Uva no Nordeste, produz mais vezes que no estados do sul e sudeste. Vale ressaltar que no Rio Grande do Sul a produção de uvas se dá predominantemente em pequenas propriedades sendo o trabalho mais familiar enquanto que na região do Vale do São Francisco (Nordeste), predomina as grandes empresas com trabalho assalariado.

TABELA 4
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Cultivo de Uva

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Pernambuco	8.617	5.825	14.442	1.234,22	1.104,56	1.181,92
Bahia	2.744	1.738	4.482	1.309,93	1.174,79	1.257,52
São Paulo	699	254	953	1.826,04	1.267,23	1.677,10
Minas Gerais	462	445	907	1.210,39	961,18	1.088,12
Rio Grande do Sul	560	109	669	1.722,31	1.501,92	1.686,41
Santa Catarina	100	28	128	1.541,80	1.001,18	1.423,54
Paraná	98	17	115	1.517,15	1.383,63	1.497,41
Goiás	17	5	22	2.814,92	1.736,35	2.569,79
Roraima	14	1	15	1.286,37	937,00	1.263,08
Ceará	8	6	14	1.009,85	1.368,30	1.163,47
Rio Grande do Norte	11	2	13	1.080,69	3.913,37	1.516,49
Espírito Santo	7	4	11	1.186,66	1.074,57	1.145,90
Rio de Janeiro	11	0	11	1.366,67	0,00	1.366,67
Mato Grosso do Sul	6	3	9	1.309,83	1.038,08	1.219,25
Mato Grosso	4	1	5	1.419,52	1.161,60	1.367,93
Sergipe	4	0	4	951,31	0,00	951,31
Piauí	3	0	3	1.290,98	0,00	1.290,98
Rondônia	1	0	1	0,00	0,00	0,00
Distrito Federal	1	0	1	1.099,54	0,00	1.099,54
Brasil	13.367	8.438	21.805	1.288,40	1.096,83	1.214,27

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE) 0132-6/00 Cultivo de uva

No Rio Grande do Sul, o rendimento médio foi de R\$ 1.686,41, sendo que o das mulheres foi de R\$ 1.501,92 e dos homens de R\$ 1.722,31. Em Pernambuco o rendimento médio foi de R\$ 1.181,92 -as mulheres recebiam R\$ 1.104,56 e os homens R\$ 1.234,22.

Como muitas das ocupações são temporárias, mesmo onde as remunerações são mais elevadas que a média, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que pode ir de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para garantir uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

Na Uva, o tempo de contratação de 44% dos trabalhadores têm vínculos de até 11,9 meses, sendo que 28% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 5
Tempo de trabalho por vínculo ativo 2017
Cultivo de uva

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
Pernambuco	2.257	1.783	2.789	3.212	1.420	1.455	1.044	482	14.442
Bahia	671	593	683	701	449	573	523	289	4.482
São Paulo	50	79	96	164	142	148	196	78	953
Minas Gerais	70	78	161	202	136	101	107	52	907
Rio Grande do Sul	55	55	77	125	67	86	126	78	669
Santa Catarina	11	21	25	19	14	17	17	4	128
Paraná	13	8	11	10	8	23	25	17	115
Goiás	2	5	7	2	3	0	2	1	22
Roraima	2	0	6	0	0	3	2	2	15
Ceará	0	2	4	1	2	2	3	0	14
Rio Grande do Norte	0	0	2	0	3	3	5	0	13
Espírito Santo	0	0	6	1	3	1	0	0	11
Rio de Janeiro	0	1	2	0	0	5	3	0	11
Mato Grosso do Sul	1	1	1	3	1	0	2	0	9
Mato Grosso	0	0	0	1	1	0	2	1	5
Sergipe	1	0	0	0	2	1	0	0	4
Piauí	3	0	0	0	0	0	0	0	3
Rondônia	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Distrito Federal	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Total	3.137	2.626	3.870	4.441	2.251	2.418	2.058	1.004	21.805

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE) 0132-6/00 Cultivo de uva

Para exemplificar, um trabalhador de Pernambuco - maior estado empregador -, que permaneça durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.181,92, receberá, ao fim do contrato, R\$ 3.545,76. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 295,48 por mês. 16% dos contratos estão nessa situação. Se a ocupação durar 6 meses, 28% dos contratos, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 7.091,52 e se não tiver outra ocupação no ano, no final terá uma renda mensal de R\$ 590,96, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged (MTb), que mostram as movimentações (contratações e desligamentos) ao longo do ano de 2017 e 2018. No cadastro relativo às declarações de contratações e demissões na cultura da cultura Uva, observa-se a grande movimentação ao longo do ano, principalmente no final do ano, onde os desligamentos se acentuam.

A sazonalidade do trabalho na cultura da Uva também é um dos problemas enfrentados pelos trabalhadores.

O Grafico 2 acompanha o saldo da movimentação mensal de janeiro de 2017 a setembro de 2018. Enquanto a Tabela 6 apresenta as admissões e os desligamentos no ano de 2018 (janeiro a outubro), com um saldo de empregos formais baixo para o tamanho da produção da Uva no Brasil.

GRÁFICO 2
Saldo das contratações e demissões
Brasil 2017 e 2018 (mensal)



Fonte: Caged.MTb

TABELA 6
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no cultivo de uva, por UF
Janeiro – Outubro de 2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Pernambuco	14.832	-10.571	4.123
Bahia	4.481	-3.188	1.256
Goiás	38	-10	28
Minas Gerais	542	-477	26
São Paulo	306	-300	5
Rio Grande do Norte	3	-1	2
Mato Grosso do Sul	2	0	2
Piauí	2	0	2
Rio de Janeiro	0	-1	-1
Mato Grosso	0	-1	-1
Roraima	7	-9	-2
Santa Catarina	38	-37	1
Distrito Federal	4	-10	-6
Ceará	0	-7	-7
Espírito Santo	3	-10	-7
Paraná	18	-28	-10
Rio Grande do Sul	353	-392	-41
Brasil	20.629	-15.042	5.365

Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017⁵

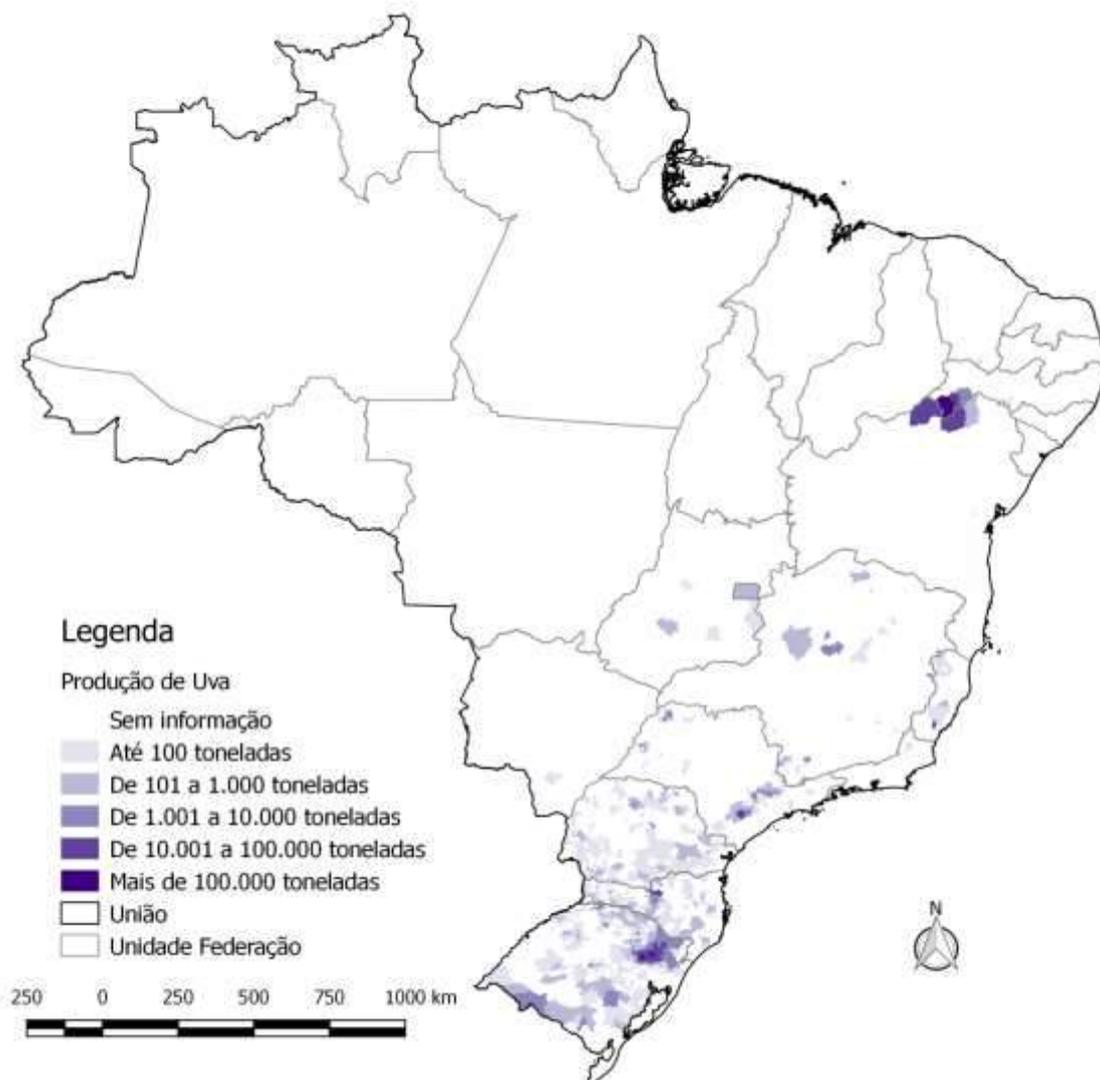
MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades)
Uva – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

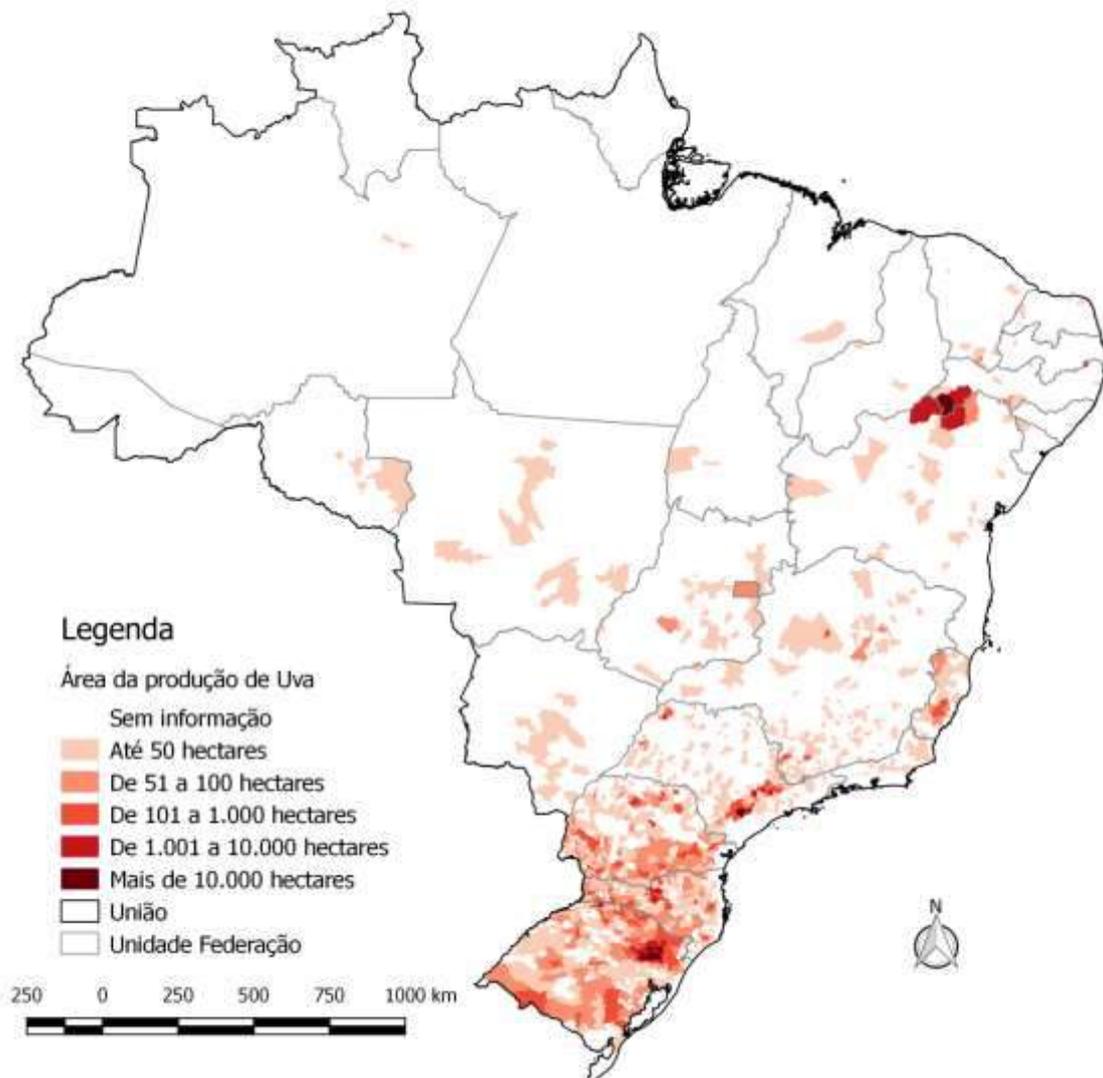
⁵Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida
Uva (toneladas) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Área de produção
Uva (hectares) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

CAFÉ

A PRODUÇÃO DE CAFÉ NO BRASIL

O Brasil é o maior exportador de café no mercado mundial e ocupa a segunda posição, entre os países consumidores da bebida. O Brasil responde por um terço da produção mundial de café, o que o coloca como maior produtor mundial - posto que detém há mais de 150 anos.

Na cafeicultura brasileira é muito conhecida a característica de safras altas alternadas com baixas safras, o que se chama de ciclo bienal de produção de café. Esse ciclo afeta a oferta do produto, exigindo a estocagem e carregamento de safra de um ano para outro, situação que traz dificuldades para a política cafeeira do país e para o produtor, que em certos anos tem pouca renda¹. Esse ciclo bienal se manifesta em períodos diferentes nos estados e nos tipos de café.

Nos anos de bienalidade negativa a área em formação aumenta, já que os produtores optam em manejar as culturas, especialmente as mais velhas.

No mundo existem muitas variedades de café, mas no Brasil são produzidos dois tipos: Arábica e Robusta, ou Conilon². Cerca de 80% do café produzido no país é do tipo Arábica, que é a variedade predominante principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Bahia e Paraná. O tipo Robusta (Conilon) é produzido principalmente nos estados do Espírito Santo, Rondônia, Pará, Mato Grosso e em parte da Bahia.

Pelas especificidades dos dois principais tipos de cafés produzidos no Brasil, com características de produção e valores diferentes, alguns dados serão apresentados separadamente.

¹ As causas da produção de café diferenciada no Brasil podem ser explicadas fisiologicamente. Os cafeeiros cultivados a pleno sol produzem muito num ano, suas reservas são carreadas para a frutificação, então o crescimento dos ramos é prejudicado e a safra seguinte reduzida. Diz-se comumente que o cafezal se veste um ano e no outro veste o seu dono. A lavoura assim fica com suas plantas estressadas pela carga, cresce menos e produz menos no ano seguinte.

² Ambas as espécies são originárias da África, no entanto, os grãos arábica são da Etiópia e os de Conilon do Congo e da Guiné. Dois terços de toda a produção mundial de café são compostos de arábica, encontrados, principalmente, na América do Sul e Central, e o restante, um terço, é de café Conilon, localizados na África, Ásia e América do Sul. As duas espécies têm aroma e sabor bastante diferentes. Enquanto o arábica é mais aromático, suave e ácido (seco), o Conilon é amargo e mais marcante.

Segundo dados da Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, a área colhida do café Tipo Arábica vem caindo ao longo dos últimos anos. Entre 2012 e 2017 a queda foi de 13,5% na área colhida e de 10,5% na quantidade produzida. De 2012 para 2016 houve crescimento da produção, mas 2017 foi considerado um ano de baixa bial em várias regiões produtoras importantes. O rendimento médio de 2012 para 2017 cresceu 3,4%. Se comparar 2016 com 2012 o crescimento do rendimento foi de 15%. O valor da produção também variou menos do que a inflação do período (tabela 1).

TABELA 1
Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção do Café em Grão Tipo Arábica

Café Arábica	2012	2016	2017	Varição 2017/2012	Varição 2017/2016
Área colhida	1.615.017	1.567.777	1.396.837	-13,5%	-10,9%
Quantidade produzida (tonelada)	2.278.738	2.548.481	2.038.461	-10,5%	-20,0%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	1.411	1.626	1.459	3,4%	-10,3%
Valor da produção (mil reais)	13.810.664	18.557.056	14.525.958	5,2%	-21,7%

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Obs.: De 2012 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 44,44%

Na produção do Café Conilon os resultados apontam pra um decréscimo da sua produção ao longo desses anos, mas com um desempenho econômico melhor. Enquanto a área colhida diminui 20% entre 2012 e 2017, a quantidade produzida caiu 15,4%, graças a uma recuperação em 2017, e o rendimento médio por hectare cresceu 6%. O valor da produção teve uma valorização de 37,8%, inferior à inflação do período, de 44,4% (tabela 2).

TABELA 2
Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção do Café em Grão – Tipo Conilon

Café Conilon	2012	2016	2017	Varição 2017/2012	Varição 2017/2016
Área colhida	505.063	427.131	403.561	-20,1%	-5,5%
Quantidade produzida (tonelada)	758.796	470.747	642.054	-15,4%	36,4%
Rendimento médio da produção (kg/hectare)	1.502	1.102	1.591	5,9%	44,4%
Valor da produção (mil reais)	2.900.544	2.804.995	3.997.496	37,8%	42,5%

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

Obs.: De 2012 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 44,44%

Produção nos estados e municípios

Minas Gerais responde por 71% de todo o café Arábica produzido no país, em 915 mil hectares e com um rendimento médio de 1.571 kg/ha. São Paulo vem em seguida, com 262 mil toneladas produzidas, 13% da produção nacional, em 193,5 mil hectares, com uma produção média de 1.358 Kg/ha, produtividade um pouco abaixo de Minas Gerais. Os demais estados possuem participação na produção inferior a 10% (tabela 3).

Observa-se que o rendimento médio da produção de Goiás é bem superior aos demais estados. Nesse estado a área é quase que totalmente irrigada.

TABELA 3
Produção de Café em Grão – Tipo Arábica, área colhida, rendimento médio e valor da produção
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	2.038.461	1.396.837	1.459	14.525.958
Minas Gerais	1.437.330	915.086	1.571	10.624.611
São Paulo	262.763	193.539	1.358	1.690.681
Espírito Santo	178.689	149.211	1.198	1.179.067
Paraná	63.494	38.444	1.652	448.916
Bahia	60.543	76.592	790	417.353
Rio de Janeiro	18.141	12.235	1.483	84.476
Goiás	14.622	5.647	2.589	62.404
Distrito Federal	968	528	1.833	7.179
Ceará	665	2.762	241	4.325
Pernambuco	655	2.236	293	3.480
Mato Grosso do Sul	464	470	987	2.638
Mato Grosso	101	63	1.603	724
Amazonas	26	24	1.083	103

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Obs.: Acre, Amapá, Alagoas, Maranhão, Pará, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins, Rondônia e Roraima não apresentaram produção

Na produção do Café Conilon, o Estado do Espírito Santo é o maior produtor, com 373 mil toneladas, 58% da produção nacional, em 257 mil hectares e um rendimento médio de 1.455 Kg/ha (tabela 4). Rondônia vem em seguida, com 140,6 mil toneladas, 22% da produção nacional, em 71 mil hectares, com um rendimento médio de 1.973 kg/ha, superior ao do estado do Espírito Santo, que passou por diversidades climáticas nos últimos anos, interrompendo uma série de aumentos na produção do café Conilon no estado.

TABELA 4
Produção de Café em Grão – Tipo Conilon, área colhida, rendimento médio e valor da produção
Brasil e Unidades da Federação – 2017

Brasil e Unidades da Federação	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)
Brasil	642.054	403.561	1.591	3.997.496
Espírito Santo	373.711	256.884	1.455	2.403.299
Rondônia	140.553	71.250	1.973	812.318
Bahia	100.105	47.218	2.120	616.638
Minas Gerais	17.449	10.022	1.741	113.334
Mato Grosso	6.675	15.693	425	38.236
Acre	2.629	1.538	1.709	10.817
Amazonas	481	344	1.398	1.312
Pará	384	460	835	1.204
São Paulo	42	25	1.680	221
Ceará	25	127	197	116

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017

Obs.: Amapá, Alagoas, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins e Roraima não apresentaram produção

Em 2017 já começa a recuperação da produção no Espírito Santo, Rondônia e Bahia com uso de tecnologia, com a melhoria do material genético e melhor manejo da cultura. Pelo levantamento mais recente da CONAB, a safra 2018 de café no Brasil deverá apresentar um melhor resultado. Atribui o crescimento da produtividade (sobretudo em lavouras da espécie arábica) às condições climáticas favoráveis e à utilização de tecnologias, tais como de irrigação, adubação e poda, inclusive pela renovação de parte do parque cafeeiro com cultivares (variedades) mais produtivas³.

Na apresentação dos 20 principais municípios produtores de café no país, não foi feita a diferenciação por tipo de café, já que é importante ter uma visão nacional do desempenho desses municípios.

Segundo a pesquisa da Produção Agrícola Municipal do IBGE, dos 20 maiores produtores nacionais de café em grão, 13 são mineiros, 03 do Espírito Santo, 02 da Bahia e 02 de Rondônia. O município que mais produz café em grãos no Brasil é Patrocínio, em Minas Gerais, com 56 mil toneladas, em uma área de 38,7 mil hectares, com um rendimento médio de 1.450 Kg/ha. Nesse município se produz o café tipo Arábica (tabela 5).

³ Boletim: Acompanhamento da Safra Brasileira de Café. Dezembro de 2017. Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB

Em seguida aparece o município de São Miguel do Guaporé, em Rondônia, com uma produção de café em grão, tipo Conilon, de 33,8 mil toneladas, em 10 mil hectares e um rendimento médio de 3.375 kg/ha.

A informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH⁴ pretende indicar se o município pode ou não estar incorporando os ganhos com a produção dessa cultura, e das demais que possam existir na região, para melhorar as condições básicas de vida da população local. Entre esses 20 municípios, 10 têm o IDH superior à média nacional, que era de 0,699 em 2010.

TABELA 5
Quantidade produzida, área colhida, rendimento médio da produção, valor da produção e IDH nos 20 municípios brasileiros com maior produção Café em Grão em 2017

Municípios	Quantidade produzida (toneladas)	Área colhida (hectares)	Rendimento médio da produção (kg/hectare)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Patrocínio (MG)	56.115	38.700	1.450	459.021	0,729
São Miguel do Guaporé (RO)	33.761	10.002	3.375	180.059	0,646
Sooretama (ES)	28.710	13.700	2.096	182.978	0,662
Campos Gerais (MG)	28.085	15.546	1.807	204.316	0,682
Machado (MG)	27.600	18.330	1.506	208.564	0,715
Araguari (MG)	27.550	9.980	2.761	210.207	0,773
Três Pontas (MG)	26.950	14.320	1.882	196.466	0,731
Boa Esperança (MG)	26.570	10.500	2.530	201.401	0,704
Manhuaçu (MG)	26.274	18.330	1.433	185.757	0,689
Nova Resende (MG)	23.550	13.400	1.757	174.270	0,671
Prado (BA)	23.400	9.180	2.549	138.060	0,621
Cacoal (RO)	22.671	13.030	1.740	145.697	0,718
Monte Carmelo (MG)	22.430	12.160	1.845	172.038	0,728
Campestre (MG)	21.060	10.000	2.106	154.159	0,698
Itamaraju (BA)	21.000	7.500	2.800	140.700	0,627
São Sebastião do Paraíso (MG)	20.320	13.200	1.539	154.026	0,722
Linhares (ES)	18.720	10.400	1.800	120.516	0,724
Ibiraci (MG)	18.050	11.200	1.612	137.541	0,706
Carmo da Cachoeira (MG)	17.400	10.030	1.735	129.456	0,655
Vargem Alta (ES)	17.052	10.600	1.609	112.720	0,663

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010

Nota: (1) Não disponível

Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699

⁴ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvidos (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional.

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb⁵, em 31 de dezembro de 2017 havia 85.044 pessoas ocupadas formalmente na cultura do Café, sendo 72.726 homens e 12.318 mulheres. Minas Gerais, o maior produtor de Café Arábica, que é o mais produzido no país, aparece com 55.724 vínculos formais, com 47.494 homens e 8.230 mulheres (tabela 6). Importante destacar que em alguns estados a presença da agricultura familiar tem um peso significativo. Esse tipo de ocupação não aparece nesse registro. Estima-se que a cafeicultura empregue diretamente cerca de 250 mil trabalhadores assalariados⁶.

Quanto aos rendimentos, os registros da RAIS de 2017 no cultivo do Café apontam para um rendimento médio de R\$ 1.373,86, um valor 47% superior ao salário mínimo no país, de R\$ 937,00. O rendimento das mulheres era 84% do rendimento dos homens.

TABELA 6
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Cultivo Café

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Minas Gerais	47.494	8.230	55.724	1.445,98	1.196,06	1.409,07
São Paulo	11.277	2.233	13.510	1.610,58	1.355,43	1.568,41
Espírito Santo	6.691	843	7.534	1.160,26	1.066,72	1.149,80
Bahia	5.441	778	6.219	1.257,06	1.059,74	1.232,38
Paraná	1.298	172	1.470	1.458,28	1.165,62	1.424,04
Rio de Janeiro	245	31	276	1.189,94	1.864,49	1.265,71
Goiás	165	19	184	1.942,50	2.240,11	1.973,23
Piauí	32	1	33	1.646,47	1.209,77	1.633,24
Distrito Federal	27	6	33	1.586,15	1.026,53	1.484,40
Rondônia	30	2	32	1.629,84	950,01	1.587,35
Pernambuco	10	0	10	963,46	0,00	963,46
Alagoas	3	3	6	1.024,73	1.161,40	1.093,07
Mato Grosso	6	0	6	1.508,07	0,00	1.508,07
Tocantins	5	0	5	1.853,40	0,00	1.853,40
Ceará	1	0	1	937,00	0,00	937,00
Paraíba	1	0	1	963,02	0,00	963,02
Brasil	72.726	12.318	85.044	1.406,04	1.183,90	1.373,86

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE) 0134-2/00 Cultivo de café

⁵ A (RAIS) é um relatório de informações socioeconômico solicitado pelo Ministério do Trabalho e Emprego brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os dados se refere a mão-de-obra ocupada no dia 31 de dezembro de cada ano e somente a trabalhadores com contratos formais.

⁶ Com base nos dados da Pnad-IBGE, de 2015.

Como muitas das ocupações são temporárias, empregando mais durante a colheita, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que pode ir de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para assegurar uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

Na produção do Café, o tempo de contratação de 31% dos trabalhadores formais têm vínculos de até 11,9 meses, sendo que 16% tem contrato até 5,9 meses (tabela 7).

TABELA 7
Tempo de trabalho por vínculo ativo
Cultivo Café – 2017

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total
Minas Gerais	6.029	3.284	8.211	8.193	5.513	7.295	9.076	8.067	55.724
São Paulo	1.056	748	1.773	2.006	1.292	1.835	2.575	2.210	13.510
Espírito Santo	685	836	1.333	1.235	851	1.005	951	638	7.534
Bahia	723	522	988	1.024	631	877	928	526	6.219
Paraná	102	63	136	220	147	197	336	269	1.470
Rio de Janeiro	8	23	29	26	28	55	53	54	276
Goiás	10	9	40	21	11	64	22	7	184
Piauí	3	5	1	7	2	5	10	0	33
Distrito Federal	3	0	9	2	5	5	5	4	33
Rondônia	8	2	4	6	2	7	2	1	32
Pernambuco	0	0	1	0	0	2	1	6	10
Alagoas	2	1	0	3	0	0	0	0	6
Mato Grosso	1	0	2	0	0	1	1	1	6
Tocantins	1	1	0	0	0	0	1	2	5
Ceará	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Paraíba	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Brasil	8.631	5.494	12.527	12.744	8.482	11.348	13.962	11.785	85.044

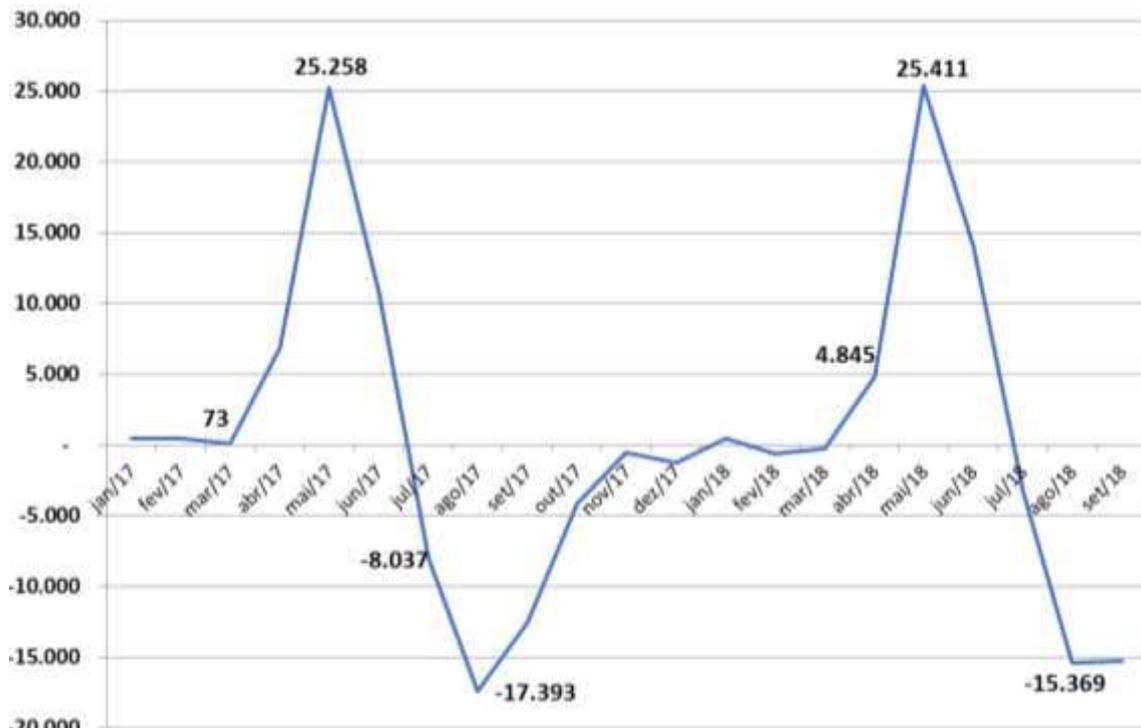
Fonte: Rais.MTb

Obs.: Os demais estados não apresentaram nenhum registro. Subclasse CNAE (IBGE) Cultivo de café 0134-2/00

Para exemplificar, um trabalhador em Minas Gerais, que é o maior estado empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.409,07, receberá, ao fim do contrato, R\$ 4.227,21. Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 352,27 por mês – isso considerando que 11% dos vínculos em Minas Gerais estão nessa situação. Se a ocupação durar 6 meses, 16% dos contratos, ao fim desse período o trabalhador terá recebido R\$ 8.454,42 e se não tiver outra ocupação no ano, terá uma renda mensal de R\$ 704,54, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged/Mtb⁷, que mostram as movimentações (contratações e desligamentos) ao longo do ano. No cadastro relativo às declarações de contratações na cultura do Café, há muitas contratações ao longo do ano, principalmente de março a julho, demonstrando a sazonalidade de ocupação nessa cultura.

GRÁFICO 1
Saldo de contratações e demissões
2017 e 2018 - Brasil



Fonte: Caged.MTb

⁷ Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED é um registro administrativo do Ministério do Trabalho e Previdência Social que mede a quantidade de admissões e demissões de funcionários em regime CLT de cada empresa. A declaração é realizada pelas próprias empresas.

TABELA 8
Admitidos, desligados e saldo de vínculos no cultivo do café, por UF
Janeiro – Outubro de 2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Minas Gerais	65.798	-63.930	1.868
Bahia	10.064	-9.146	918
São Paulo	10.983	-10.457	526
Espírito Santo	12.072	-11.721	351
Rio de Janeiro	219	-178	41
Goiás	92	-67	25
Distrito Federal	6	-3	3
Mato Grosso do Sul	2	0	2
Pará	1	0	1
Mato Grosso	4	-4	0
Ceará	0	-1	-1
Pernambuco	1	-3	-2
Rondônia	10	-13	-3
Paraná	649	-693	-44
Brasil	99.901	-96.216	3.685

Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

BOX

A importância do pequeno produtor para o setor cafeeiro

O pequeno produtor da cadeia agropecuária desempenha um papel tão importante no Brasil que o sistema é referência para outros países. Segundo dados de 2015 do Governo Federal, pequenos agricultores produzem cerca de 70% dos alimentos consumidos no país e suas propriedades empregam 80% da mão de obra rural. Essas informações mostram o quanto a atividade agropecuária do pequeno e médio produtor é estratégica para o abastecimento da população.

No que diz respeito ao café, 80% da produção provém da agricultura familiar e, ainda, segundo dados do Ministério da Agricultura, a cadeia emprega mais de oito milhões de pessoas, consolidando a posição do café como uma importante fonte de renda.

Em um mundo onde a população cresce em ritmo acelerado e muitas pessoas ainda não têm acesso a alimentação de qualidade, o papel do pequeno produtor é essencial para garantir a segurança alimentar da população brasileira.

BOX – continuação

De acordo com dados obtidos com a Organização Internacional do Café (OIC), o consumo mundial de café em 2015 foi 2,24% superior ao volume produzido no mesmo período, e a tendência é que esse número aumente cada vez mais. A produção precisa se adequar para atender a demanda crescente, mas para isso será necessário adotar tecnologias e boas práticas agrícolas que aumentem sua produtividade sem prejudicar o meio ambiente. Ao mesmo tempo em que a situação se mostra desafiadora, é onde também florescem boas oportunidades.

Não é novidade que o Brasil produz cafés diferenciados por sua qualidade e pela sustentabilidade na produção. Há uma enorme variedade de cafés especiais, pois temos diversos climas, tipos de solo e altitudes nos 7 principais estados produtores de café. Estudos mostram que não só os países desenvolvidos são os grandes consumidores de cafés especiais, como também os brasileiros têm se interessado cada vez mais por esses tipos de grãos. A diferenciação, impulsionada pelas exigências do mercado externo, agrega valor ao produto final e traz novas oportunidades de negócio, tornando o mercado de cafés especiais bastante promissor.

Marjorie Miranda – Coordenadora dos programas de Responsabilidade Social e Sustentabilidade do Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil)- 9 de novembro de 2016

<https://www.cecafe.com.br/sustentabilidade/artigos/a-importancia-do-pequeno-produtor-para-o-setor-cafeeiro-20161109>

Exportações

No ano passado, as exportações brasileiras de café tiveram um decréscimo no volume na comparação com 2016, quando foram exportados 34.268.749 sacas, segundo dados consolidados do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

O total de café exportado em 2017 foi de 30,9 milhões com uma receita cambial de US\$ 5,2 bilhões e garantiu ao produto a 5ª posição nos embarques totais do agronegócio brasileiro, com 5,4% de participação. O preço médio no período (US\$ 169,36) foi 6,6% superior na comparação com o ano anterior (US\$ 158,91).

TABELA 9
Exportação de café entre 01/01/2017 e 31/12/2017

2017	Arábica	Conilon	Solúvel	Torrado	Total
Sacas	27.121.157	295.623	3.482.908	26.321	30.926.009
Receita	4.535.198.531,17	45.286.494,94	642.519.202,31	15.472.211,42	5.238.476.439,85

Fonte: Conselho de Exportadores de Café do Brasil (Cecafé)

No compilado do ano civil de 2017, os Estados Unidos mantiveram a liderança como o país que mais recebeu café exportado do Brasil, com 6.143.455 (19,9%). Na sequência, aparece a Alemanha com 5.539.966 sacas (17,9%). O ranking tem ainda a participação da Itália com 2.798.722 sacas (9%), Japão com 2.107.575 sacas (6,8%) e Bélgica com 1.774.582 sacas (5,8%).

Para 2018, o Cecafé observa que a recuperação deve chegar no segundo semestre, com a expectativa de entrada da próxima safra. “A partir de 1º de julho, ao que tudo indica, teremos uma boa safra como resultado de novos plantios, bons tratamentos culturais e o bom índice pluviométrico que atinge todo o parque cafeeiro até o momento, indicando um cenário com resultado otimista. Importante salientar que os estoques de passagem, cafés das safras remanescentes, no momento da entrada da safra 2018/19, deverão ser ‘os mais baixos historicamente’, porém temos que acompanhar o desempenho das exportações mais o consumo interno neste primeiro semestre de 2018”, conclui.

Cafés diferenciados⁸

No ano de 2017, as exportações de cafés diferenciados (aqueles que têm qualidade superior ou algum tipo de certificado de práticas sustentáveis) corresponderam a 5.133.792 sacas, representando 16,7% do total de café embarcado no ano. A receita cambial dessa modalidade foi de US\$ 1,02 bilhão no acumulado de 2017, correspondendo a 19,6% do total gerado com os valores da exportação de café. O preço médio dos cafés diferenciados ficou em US\$ 199,59.

Os 10 maiores países importadores de cafés diferenciados representam 84,6% dos embarques com diferenciação. Os Estados Unidos são o país que mais recebe cafés diferenciados do Brasil, com 1.170.757 sacas exportadas, o que corresponde a 22,8% da modalidade. A Alemanha conquista o segundo lugar – posição em 2016 ocupada pelo Japão – com 13,8% (708.060 sacas), seguida da Bélgica, com 11,5% (591.831 sacas), Itália, com 10% (511.819 sacas) e Japão, com 9,6% (492.913 sacas).

⁸ <https://www.cecafe.com.br/publicacoes/brasil-exporta-mais-de-307-milhoes-de-sacas-de-cafe-em-2017-20180116/>

Segundo o analista (Cecafé) o mercado mundial de café passa por um momento de tranquilidade quanto a questão de abastecimento mundial a curto e médio prazo vai se consolidando e com boas perspectivas de produção no Brasil.

TABELA 10
Suprimento Mundial de café

Discriminação	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17 (1)	2017/18 (2)
Est. Inicial	35.365	41.164	43.104	34.393	32.160	29.403
Produção	160.054	153.816	152.945	161.824	159.768	171.166
Arábica	92.465	86.608	86.346	101.643	94.881	101.616
Robusta	67.589	67.208	66.599	60.181	64.887	69.550
Importação	117.011	117.404	124.267	126.544	126.959	131.633
Oferta total	312.430	312.384	320.316	322.761	318.887	332.202
Consumo	142.389	145.637	152.702	157.049	158.657	163.218
Exportação	128.877	123.643	133.421	133.552	130.827	136.172
Estoque final	41.164	43.104	34.393	32.160	29.403	32.812

Fonte: Usda
Notas: (1) Estimativa
(2) Previsão

TABELA 11
10 maiores sócios da Associação Brasileira da Indústria do Café

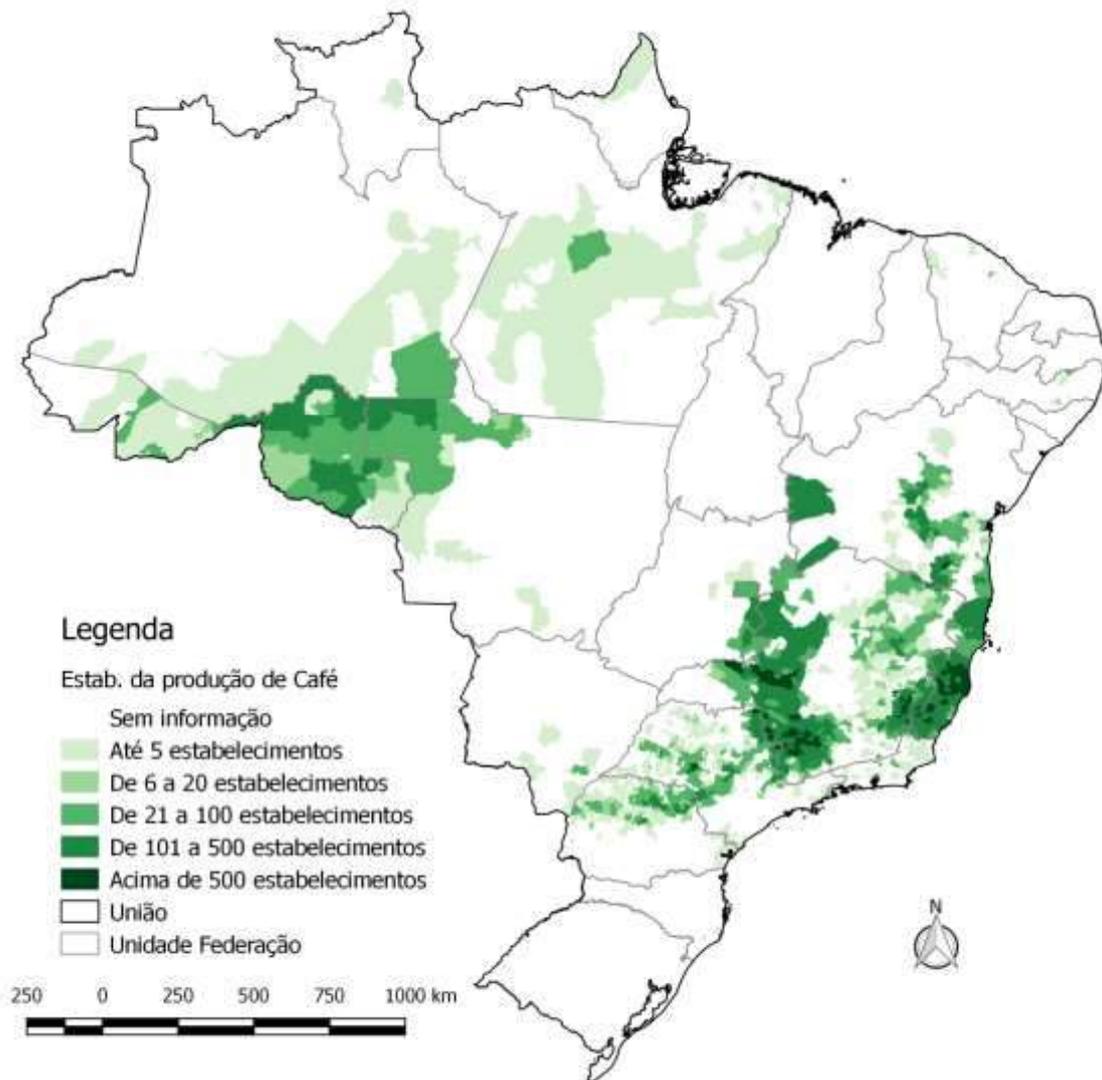
Classificação atual	UF	Empresa
1	CE	Grupo Três Corações
2	SP	Jacobs Douwe Egberts BR Com. De Cafés LTDA
3	SE	Inds. Alimentos. Marata LTDA
4	SP	Melitta do Brasil Ind. e Com. LTDA
5	SP	Mitsui Alimentos LTDA
6	MG	Coop. Regional de Cafeicultores em Guaxupé LTDA
7	PB	São Braz S/A Ind. e Com. De Alimentos S.A
8	MG	Café Bom Dia LTDA
9	SP	Café Pacaembu LTDA
10	GO	Café Rancheiro Agro Indl. LTDA

Fonte: Associação Brasileira da Indústria de Café – Abic
Obs.: Indicadores de 2017

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017⁹

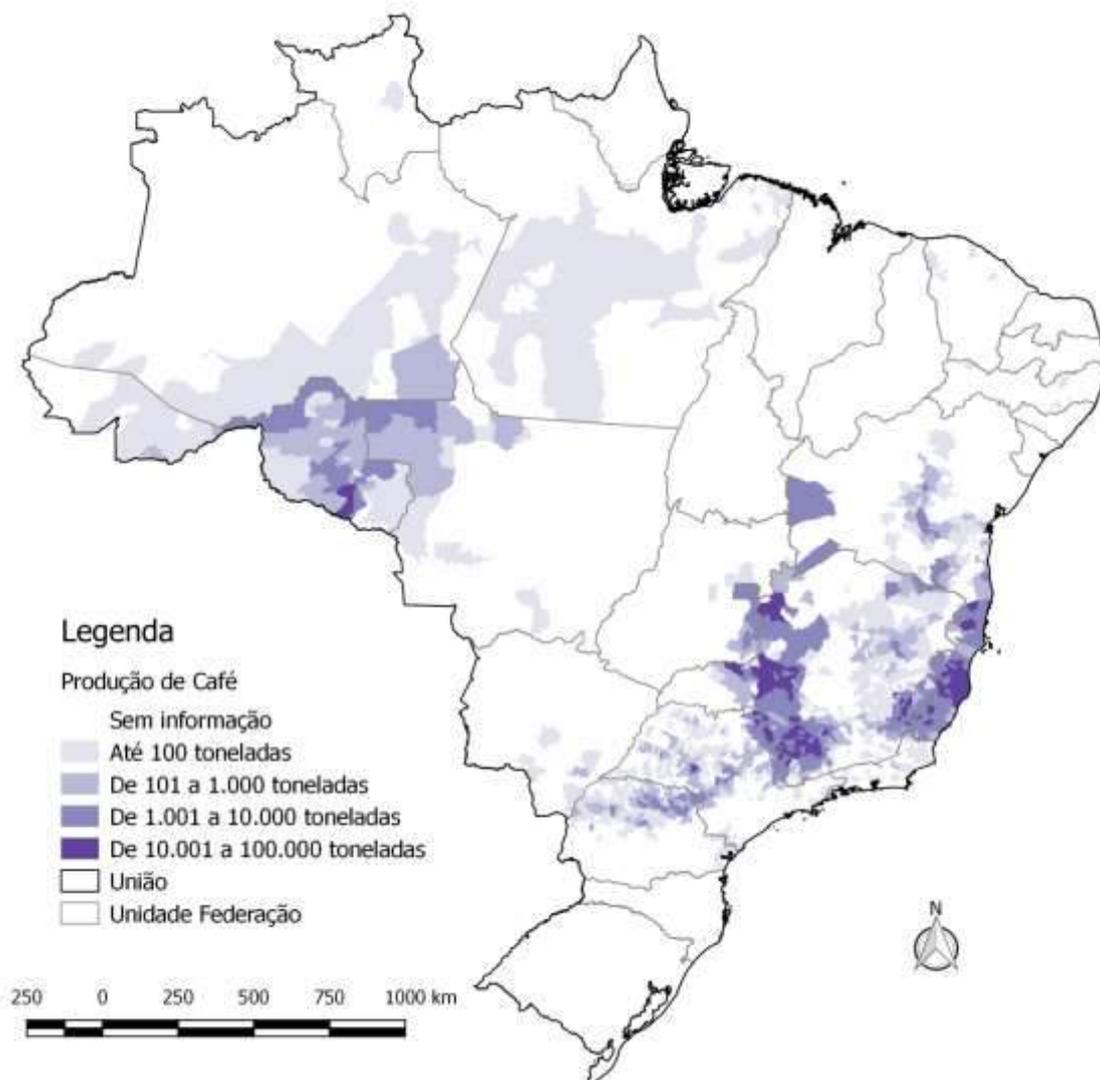
MAPA 1
Número de estabelecimentos agropecuários (unidades) –
Café – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

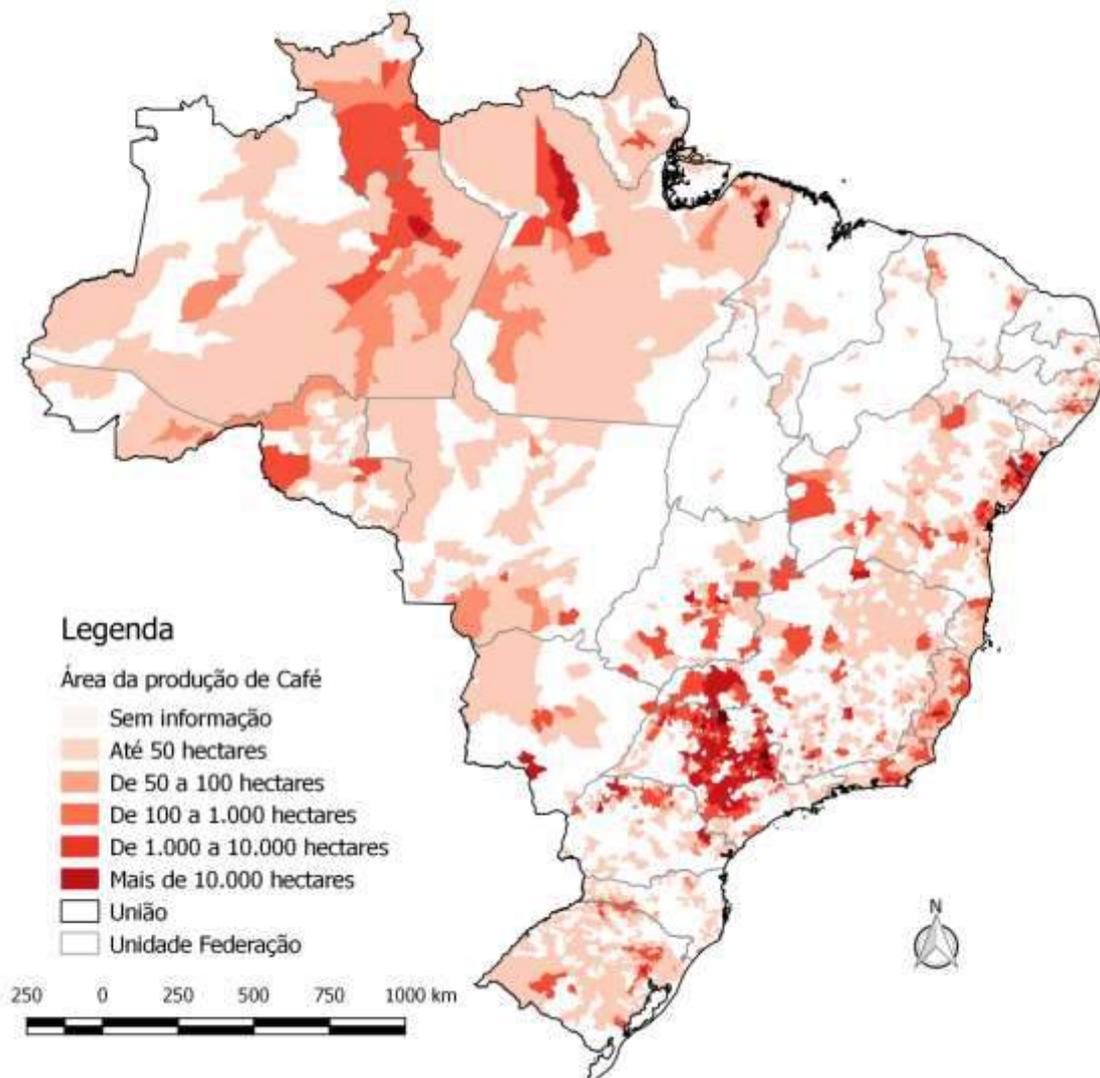
⁹Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida
Café - (toneladas) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Área de produção
Café - (hectares) – 2017



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

LEITE

A PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL

Desde o início da década de 90, a atividade leiteira no Brasil tem passado por grandes transformações, buscando maior competitividade e inovação no mercado global, focando na produção em escala com maior qualidade, agregação de valor e industrialização de produtos diferenciados. O leite é um produto produzido em praticamente todos os estados brasileiros e consumido por milhões de pessoas.

Entre 2001 e 2017, a produção de leite brasileira saltou de 20,5 bilhões para 33,5 bilhões de litros de leite por ano, segundo dados da Pesquisa da Pecuária Municipal do IBGE, um crescimento de 163%. O valor da produção teve uma variação de 622% no mesmo período.

O estado brasileiro com a maior produção é Minas Gerais, que em 2017 produziu 8,9 bilhões de litros de leite, 27% da produção nacional. Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor, com 4,6 bilhões de litros, representando 14% da produção nacional. Em seguida, com uma produção um pouco abaixo, vem o estado do Paraná, com 4,4 bilhões de litros de leite, representando 13% da produção nacional. Esses três estados concentram 53% da produção nacional (tabela 1).

TABELA 1
Produção de Leite e Valor da Produção
Brasil e Unidades da Federação - 2001-2017

Brasil e Unidades da Federação	Produção (mil litros)		Variação (%)	Valor da produção (mil reais)		Variação (%)
	2001	2017		2001	2017	
Brasil	20.509.953	33.490.810	163%	5.966.110	37.099.058	622%
Minas Gerais	5.981.223	8.912.565	149%	1.763.052	9.509.423	539%
Rio Grande do Sul	2.222.054	4.551.601	205%	605.338	4.892.956	808%
Paraná	1.889.627	4.438.434	235%	504.018	5.105.859	1013%
Goiás	2.321.740	2.989.833	129%	582.937	3.178.289	545%
Santa Catarina	1.076.084	2.979.863	277%	276.808	3.228.712	1166%
São Paulo	1.783.017	1.693.537	95%	549.393	2.078.619	378%
Rondônia	475.596	1.030.595	217%	82.520	871.278	1056%
Bahia	739.099	870.281	118%	261.412	985.417	377%
Pernambuco	360.266	795.698	221%	123.553	1.010.691	818%
Mato Grosso	442.803	615.818	139%	145.932	620.132	425%
Pará	459.165	612.810	133%	140.741	646.211	459%
Ceará	328.127	577.864	176%	137.311	796.114	580%
Rio de Janeiro	446.676	468.791	105%	131.006	528.140	403%
Alagoas	244.046	436.972	179%	88.906	551.964	621%
Tocantins	166.020	432.060	260%	44.460	440.967	992%
Espírito Santo	362.236	374.031	103%	97.688	426.706	437%
Mato Grosso do Sul	445.179	354.500	80%	112.282	353.797	315%
Maranhão	155.452	353.014	227%	61.839	453.335	733%
Sergipe	112.873	337.602	299%	33.614	384.031	1142%
Rio Grande do Norte	143.074	239.045	167%	57.069	406.458	712%
Paraíba	105.547	212.239	201%	40.137	298.179	743%
Piauí	77.628	73.284	94%	49.226	146.408	297%
Acre	85.773	46.489	54%	29.458	50.926	173%
Amazonas	37.704	42.925	114%	29.485	62.096	211%
Distrito Federal	36.597	29.000	79%	11.711	30.450	260%
Roraima	9.043	16.708	185%	4.522	31.810	703%
Amapá	3.307	5.253	159%	1.694	10.088	596%

Fonte: IBGE, Pesquisa da Pecuária Municipal 2001 a 2017
Obs.: De 2001 a 2017 a variação do IPCA-IBGE foi de 192,04%

Na Tabela 2 estão os vinte maiores municípios que produziram Leite no Brasil em 2017. Castro, no estado do Paraná, produziu 264 milhões de litros de leite, com um valor de produção de R\$ 316 milhões, o que o tornou o município com maior produção nesse ano. Patos de Minas vem em seguida, com 191 milhões de litro de leite e um valor de produção de R\$ 228 milhões.

Apesar do Rio Grande do Sul ser o segundo estado que mais produz leite, nenhum município está entre os 20 primeiros. Minas Gerais, o estado com maior produção, aparece com 12 municípios, Paraná com 4 municípios, Goiás, que é o quarto estado produtor, aparece com 4 municípios, e Santa Catarina com apenas 1 município.

Entre esses 20 municípios, 17 têm o IDH¹ superior à média nacional, que era de 0,699 em 2010. O município de Cascavel, no Paraná, tinha em 2010 um IDH de 0,782. A informação sobre o Índice de Desenvolvimento Humano- IDH pretende sinalizar se o município pode ou não estar incorporando os ganhos com a produção dessa cultura, e das demais que possam existir na região, para melhorar a condições básicas de vida da população local.

TABELA 2
Produção de Leite, Valor da Produção e IDH nos 20 municípios
brasileiros com maior produção em 2017
Brasil

Municípios	Produção (mil litros)	Valor da produção (mil reais)	IDH – Municipal (2010)
Castro (PR)	264.00	316.800	0,703
Patos de Minas (MG)	191.328	227.680	0,765
Carambeí (PR)	160.000	192.000	0,728
Patrocínio (MG)	144.432	160.320	0,729
Coromandel (MG)	119.070	125.024	0,708
Pompéu (MG)	117.900	129.690	0,689
Lagoa Formosa (MG)	98.310	120.921	0,703
Prata (MG)	95.000	111.150	0,695
Piracanjuba (GO)	95.000	88.350	0,721
Carmo do Paranaíba (MG)	93.596	110.443	0,705
Orizona (GO)	93.000	109.740	0,715
Unaí (MG)	91.301	94.953	0,736
Toledo (PR)	88.969	88.969	0,768
Perdizes (MG)	86.020	94.622	0,723
Jataí (GO)	85.000	76.500	0,757
Rio Paranaíba (MG)	83.173	110.620	0,709
Passos (MG)	82.781	90.231	0,756
Cascavel (PR)	80.752	86.405	0,782
Monte Alegre de Minas (MG)	79.500	89.040	0,674
Guaraciaba (SC)	78.592	87.237	0,751

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal 2017. PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2010
Obs.: O IDH do Brasil em 2010 era de 0,699

A origem do leite é bastante pulverizada e conta com grande diversidade estrutural, com heterogeneidade tanto nos sistemas de produção, como em aspectos ligados a alimentação do rebanho e qualidade do leite, com muitas propriedades usando tecnologia de ponta e outras ainda usando técnicas simples de reprodução e manejo.

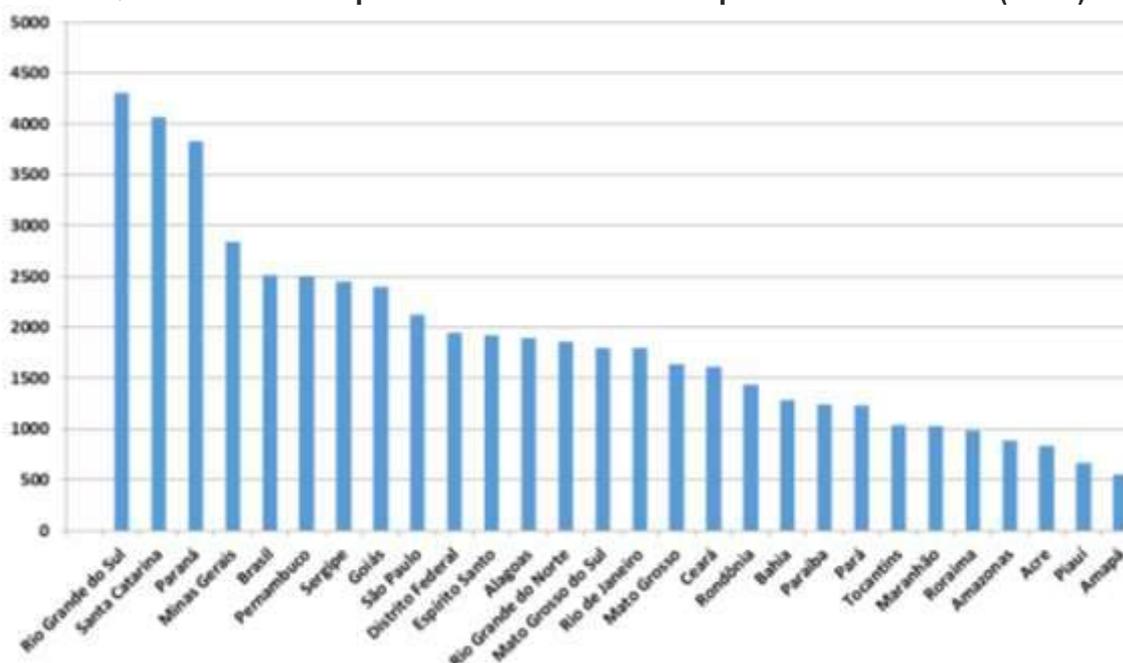
¹ Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvidos (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional.

O país possui uma elevada diversidade socioeconômica, cultural e climática que caracteriza os sistemas de produção que exigem, muitas vezes, soluções adaptáveis a diferentes realidades. Mudanças socioeconômicas, institucionais, tecnológicas e de mercado têm configurado uma nova geografia da produção de leite no Brasil, que faz com que a expansão não seja uniforme em todo o país. O leite caminha para uma pecuária onde a disponibilidade de tecnologias é cada vez mais forte, como por exemplo, o uso da biotecnologia, os veículos autônomos, como são os tratores, drones, robôs e sensores. Porém, nem todos irão acompanhar o mesmo ritmo e na mesma intensidade a introdução dessa tecnologia. Estudos divulgados pela Embrapa Gado de Leite apontam que a metade de todas as atividades desempenhadas hoje por trabalhadores poderão ser automatizadas até 2050.

Sobre sua utilização, estima-se que um terço do leite produzido no País é empregado como ingrediente básico para os mais diversos produtos, não só na alimentação, mas também na indústria de higiene pessoal, cosméticos e medicamentos. Mais de 90 produtos têm o leite ou a proteína do leite em sua composição. Os outros dois terços da produção são consumidos na forma de leite fluído ou de derivados lácteos, como os queijos e iogurtes².

O Gráfico 1 apresenta a quantidade média de litros produzidos por vaca ordenhada, onde se observa que mesmo em MG, estado onde se produz mais leite, a média está abaixo de outros estados como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

GRÁFICO 1
Quantidade média produzida de leite de vaca por vaca ordenhada (litros)



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares (podem sofrer alterações)

² <http://www.baldebranco.com.br/forca-agro-e-leite-no-brasil/> - Acesso em: 31/10/2018.

O Gráfico mostra a diversidade na produção de Leite no Brasil, onde convivem diferentes tipos de produtores. Como se trata de dados das médias estaduais, não é possível analisar o desempenho das pequenas propriedades em relação à grande, mas nem sempre o tamanho define a tecnologia empregada e a produtividade obtida.

Produção Mundial de Leite

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), a produção mundial de leite de vaca em 2015 foi de 656 mil toneladas e os dez países com maior volume produziram 374 mil toneladas, 57% do total.

Durante o período avaliado pelo estudo da FAO, 2000 a 2015, o Brasil apresentou um crescimento do rebanho em 72%, com o crescimento de vacas ordenhadas em 29%, sendo que a produtividade no mesmo período cresceu 34%. Os Estados Unidos continuam sendo o maior produtor mundial, porém o crescimento da China surpreende, com 336% na produção de leite, 158% nas vacas ordenhadas e 69% na produtividade. Os EUA apresentaram a maior quantidade de leite por vaca ordenhada 10.150 mil litros/ano, e o Brasil apresentou uma produtividade baixíssima, 1.525 litros/vaca/ano. Dentre esses países, apenas a Rússia reduziu a produção de leite nos últimos 15 anos.

TABELA 3

Produção de leite, vacas ordenhadas e produtividade animal em dez países selecionados 2000/2015

País	Produção (mil toneladas)			Vacas ordenhadas			Produtividade mil l/vaca		
	2000	2015	Var. %	2000	2015	Var. %	2000	2015	Var. %
Estados Unidos	76.023	93.461	23%	9.210	9.208	0%	8.254	10.150	23%
Índia	32.967	66.423	101%	32.883	45.949	40%	1.003	1.446	44%
China	8.632	37.610	336%	4.866	12.561	158%	1.774	2.994	69%
Brasil	20.380	35.124	72%	17.885	23.028	29%	1.140	1.525	34%
Alemanha	28.331	32.395	14%	4.628	4.296	-7%	6.122	7.541	23%
Rússia	31.959	30.511	-5%	12.771	7.573	-41%	2.502	4.029	61%
França	24.998	25.333	1%	4.203	3.698	-12%	5.948	6.849	15%
Nova Zelândia	12.235	21.317	74%	3.337	5.176	55%	3.666	4.119	12%
Turquia	8.732	16.999	95%	5.280	5.609	6%	1.654	3.031	83%
Reino Unido	14.488	15.050	4%	2.354	1.851	-21%	6.155	8.131	32%
Total 10	258.745	374.223	45%	97.417	118.949	22%	3.822	4.982	30%
Mundo	489.981	655.958	34%	219.963	274.002	25%	2.228	2.394	7%

Fonte: Faostat, 2017

Estudo disponibilizado pela Embrapa Gado de Leite³ destaca que três forças atuarão no futuro da produção e comércio leiteiro no mundo: Urbanização acelerada, com a previsão de que até 2050, 66% da população mundial viverá em zonas urbanas; Eventos Climáticos extremos, quando regiões tropicais serão mais afetadas e colocarão pressão para incrementar ganhos de produtividade, e; Desenvolvimento científico, onde a inovação constituirá importante vantagem competitiva.

Maiores Laticínios do Brasil

A Associação Leite Brasil⁴ elege, todos os anos, os maiores laticínios do Brasil. Segundo a Associação, a capacidade instalada de processamento destes laticínios foi estimada em 13,85 bilhões de litros ao ano, ou seja, em média, a ociosidade foi de 37,9%. Em 2016, a ociosidade média foi de 40,0%.

Em 2017, a Nestlé se manteve na primeira colocação, com acréscimo de 0,3% no volume captado na comparação com o ano anterior. Em segundo lugar, galgando duas posições, ficou o laticínio Bela Vista (Piracanjuba), com crescimento de 20,9%.

³ Desafios e oportunidades para pecuária de Leite no Brasil: A pecuária de Leite no Brasil, Cenários e Avanços Tecnológicos.

https://www.researchgate.net/publication/319130171_A_pecuaria_de_leite_no_Brasil_cenarios_e_avancos_tecnologicos

⁴ A Associação Brasileira dos Produtores de Leite, nome fantasia Leite Brasil, é uma entidade de classe de representação nacional dos produtores de leite, fundada em 1997 em São Paulo.

TABELA 4
Ranking maiores empresas de laticínios do Brasil
2017

Posição (1)	Empresas/ marcas	Recepção leite (mil litros)						Var. % total
		2016			2017			
		Produtores	Terceiros	Total	Produtores	Terceiros	Total	2017/ 2016
1ª	Nestlé	995.000	695.000	1.690.000	1.048.000	646.400	1.694.400	0,3
2ª	Laticínios Bela Vista	916.860	177.028	1.093.888	869.357	452.971	1.322.328	20,9
3ª	Unium (3)	600.382	368.372	968.754	679.654	460.003	1.139.657	17,6
4ª	CCPR/Itambé	989.000	115.000	1.104.000	939.444	56.209	995.653	-9,8
5ª	Embaré	389.121	194.737	583.858	382.813	186.472	569.285	-2,5
6ª	Aurora	453.000	0	453.000	475.000	13.000	488.000	7,7
7ª	CCGL	345.928	10.332	356.260	437.203	1.870	439.073	23,2
8ª	Jussara	288.104	89.417	377.521	297.186	97.546	394.732	4,6
9ª	Danone	219.989	128.611	348.600	178.837	199.814	378.651	8,6
10ª	Vigor	257.277	54.060	311.337	254.802	57.873	312.675	0,4
11ª	DPA Brasil	31.999	211.936	243.935	39.495	206.943	246.438	1,0
12ª	Centroleite	211.499	0	211.499	217.851	0	217.851	3,0
13ª	Frimesa	204.227	9.936	214.163	204.945	9.368	214.313	0,1
14ª	Confepar/Cativa	183.678	11.949	195.627	180.293	11.811	192.104	-1,8
Total ranking		6.086.064	2.341.748	8.152.442	6.204.880	2.273.431	8.605.160	5,6

Posição (1)	Empresas/ marcas	Número de produtores de leite			Litros de leite por produtor/dia		
		2016	2017	Var. % 2016/2017	2016	2017	Var. % 2016/2017
1ª	Nestlé	4.439	3.898	-12,2	614	735	19,6
2ª	Laticínios Bela Vista	6.159	6.633	7,7	408	358	-12,2
3ª	Unium (3)	1.819	1.520	-16,4	904	1.222	35,1
4ª	CCPR/Itambé	4.705	4.314	-8,3	576	595	3,3
5ª	Embaré	1.840	1.667	-9,4	579	627	8,3
6ª	Aurora	6.000	5.520	-8,0	207	235	13,7
7ª	CCGL	4.619	4.302	-6,9	205	278	35,3
8ª	Jussara	3.505	3.495	-0,3	225	232	3,2
9ª	Danone	278	213	-23,4	2.168	2.294	5,8
10ª	Vigor	1.259	1.184	-6,0	560	588	5,0
11ª	DPA Brasil	114	131	14,9	769	824	7,1
12ª	Centroleite	3.504	3.832	9,4	165	145	-12,4
13ª	Frimesa	3.412	2.859	-16,2	164	196	19,4
14ª	Confepar/Cativa	2.161	2.036	-5,8	233	242	3,9
Total ranking		43.814	41.604	-5,0	381	407	7,1

Estimativa da capacidade instalada de processamento de leite das empresas do ranking 2017(mil litros/ano) **13.849.769**

Fonte: Leite Brasil, CNA, OCB, CBCL, Viva Lácteos, Embrapa/Gado de leite e G100

Notas: (1) Classificação base recepção (produtores + terceiros) no ano de 2017 das empresas que responderam à pesquisa

(2) O total de terceiros não inclui o leite recebido de participantes do ranking devido a duplicidade

(3) Interooperação de Lácteos das Cooperativas Frisia, Castrolanda e Capal

Emprego e remuneração

Segundo dados da RAIS/MTb, em 31 de dezembro de 2017 haviam 85.013 pessoas ocupadas formalmente na Criação de Bovinos para Leite, sendo 74.721 homens, 88% de toda a ocupação, e 10.292 mulheres. Minas Gerais é o estado com maior produção de leite, aparece com 39.817 vínculos formais, sendo 35.043 homens e 4.774 mulheres. Como é uma atividade que está presente em todo o território nacional e envolve milhões de propriedade, o dado de ocupação parece baixo para a dimensão da produção. Esse dado tanto pode apontar para uma grande informalidade no setor, como também pode ser resultado da presença forte da agricultura familiar na produção de leite no Brasil.

Quanto aos rendimentos, os registros da RAIS de 2017 no Criação de Bovinos para Leite apontam para um rendimento médio de R\$ 1.303,31, um valor 39% superior ao salário mínimo no país, de R\$ 937,00 em 2017. As mulheres recebiam 86% do rendimentos dos homens. Os maiores rendimentos médios declarados apareceram no Estado do Rio Grande do Sul, de R\$ 1.703,25, em Goiás, de R\$ 1.461,75 e São Paulo, que aparece com um rendimento médio de R\$ 1.421,61.

TABELA 5
Vínculos Ativos e rendimento médio 2017
Criação de Bovinos para Produção de Leite

Unidade da Federação	Vínculo			Rendimento médio (R\$)		
	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
Minas Gerais	35.043	4.774	39.817	1.284,45	1.082,38	1.260,22
Goiás	9.289	1.607	10.896	1.521,11	1.118,65	1.461,75
São Paulo	8.025	1.404	9.429	1.453,30	1.240,49	1.421,61
Rio de Janeiro	4.754	338	5.092	1.264,09	1.258,30	1.263,71
Bahia	3.795	257	4.052	1.110,41	1.038,40	1.105,85
Paraná	2.810	600	3.410	1.779,08	1.334,17	1.700,80
Espírito Santo	1.826	162	1.988	1.226,31	1.077,36	1.214,17
Pará	1.239	69	1.308	1.256,50	1.063,45	1.246,31
Tocantins	1.082	86	1.168	1.309,91	1.189,74	1.301,06
Rio Grande do Sul	796	239	1.035	1.759,65	1.515,41	1.703,25
Ceará	834	78	912	1.133,58	1.454,87	1.161,06
Mato Grosso	681	163	844	1.591,84	1.326,30	1.540,56
Rondônia	685	62	747	1.286,37	1.100,89	1.270,98
Mato Grosso do Sul	598	113	711	1.484,08	1.170,17	1.434,19
Sergipe	651	44	695	1.040,44	1.068,30	1.042,20
Pernambuco	483	37	520	1.074,71	1.176,86	1.081,98
Maranhão	435	38	473	1.146,58	1.126,90	1.145,00
Santa Catarina	295	120	415	1.538,91	1.294,10	1.468,12
Rio Grande do Norte	351	29	380	1.047,84	1.104,93	1.052,19
Alagoas	338	18	356	1.158,83	1.635,07	1.182,91
Paraíba	204	7	211	1.024,33	1.030,62	1.024,54
Distrito Federal	150	15	165	1.221,80	1.093,02	1.210,09
Acre	153	10	163	1.279,07	1.156,44	1.271,55
Piauí	117	7	124	1.019,72	1.001,87	1.018,71
Amazonas	63	12	75	1.636,32	1.185,63	1.564,21
Roraima	16	2	18	1.127,64	991,79	1.112,55
Amapá	8	1	9	1.029,62	965,63	1.022,51
Brasil	74.721	10.292	85.013	1.325,56	1.141,76	1.303,31

Fonte: Rais.MTb

Obs.: Subclasse CNAE (IBGE): 0151-2/02 - Criação de Bovinos para Produção de Leite

Como muitas das ocupações são temporárias, muitos trabalhadores só conseguem permanecer no emprego durante o período de safra, que normalmente vai de 3 a 6 meses por ano. Esse período não é suficiente para garantir uma renda média anual que garanta uma qualidade de vida digna para o trabalhador e sua família, além dos direitos trabalhistas vinculados à formalização.

Na Criação de Bovinos para produção de Leite, o tempo de contratação de 29% dos trabalhadores tem vínculos de até 11,9 meses, e 16% tem contrato até 5,9 meses.

TABELA 6
Tempo de trabalho por vínculo ativo, 2017 – 2017
Criação de Bovinos para Produção de Leite

Unidades da Federação	Até 2,9 meses	3,0 a 5,9 meses	6,0 a 11,9 meses	12,0 a 23,9 meses	24,0 a 35,9 meses	36,0 a 59,9 meses	60,0 a 119,9 meses	120,0 ou mais	Total (1)
Minas Gerais	2.972	3.175	5.402	6.337	4.548	6.027	6.682	4.654	39.817
Goiás	1.129	1.031	1.778	1.964	1.312	1.469	1.510	702	10.896
São Paulo	694	683	1.194	1.350	1.008	1.324	1.650	1.521	9.429
Rio de Janeiro	220	287	490	645	513	833	1.084	1.020	5.092
Bahia	243	272	440	637	507	693	775	485	4.052
Paraná	241	350	476	586	420	458	523	356	3.410
Espírito Santo	126	123	219	284	198	302	396	337	1.988
Pará	153	146	208	235	201	175	147	43	1.308
Tocantins	94	105	190	213	157	174	169	66	1.168
Rio Grande do Sul	105	107	171	169	118	127	154	84	1.035
Ceará	48	81	75	119	123	191	209	66	912
Mato Grosso	132	134	126	121	97	103	97	34	844
Rondônia	66	66	112	139	81	123	106	54	747
Mato Grosso do Sul	63	83	113	134	88	82	99	49	711
Sergipe	36	39	62	114	91	129	115	109	695
Pernambuco	22	14	59	62	89	115	106	53	520
Maranhão	35	36	58	103	62	80	57	42	473
Santa Catarina	43	39	65	78	41	64	57	28	415
Rio Grande do Norte	16	14	30	58	46	61	95	60	380
Alagoas	16	15	31	65	58	52	63	56	356
Paraíba	7	30	22	27	23	30	38	34	211
Distrito Federal	10	16	18	30	21	25	25	20	165
Acre	13	20	26	39	16	15	19	14	163
Piauí	8	7	15	25	16	21	25	4	124
Amazonas	1	6	5	19	16	16	10	2	75
Roraima	3	2	3	5	1	2	1	1	18
Amapá	1	0	1	2	0	4	1	0	9
Total	6.497	6.884	11.389	13.560	9.851	12.695	14.213	9.897	85.013

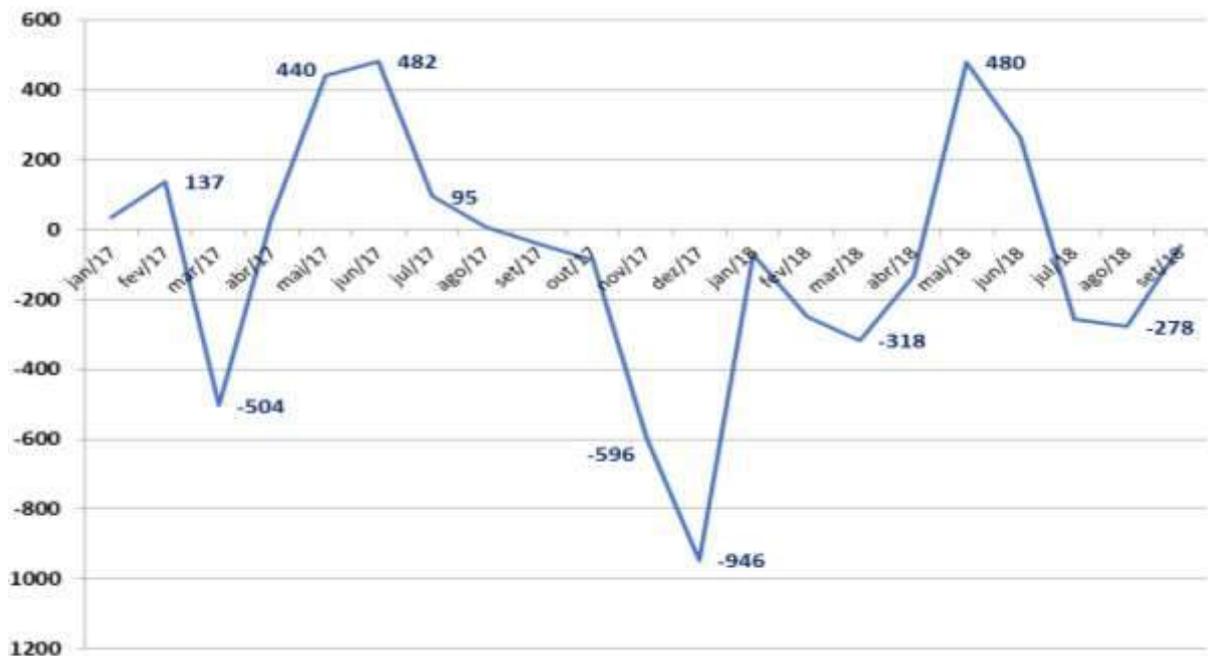
Fonte: Rais.MTb

Nota: (1) Vínculos não classificáveis foram acrescidos. Subclasse CNAE (IBGE): 0151-2/02 - Criação de Bovinos para Produção de Leite

Para exemplificar, um trabalhador de Minas Gerais, que é o maior empregador, que permanece durante 3 meses com uma remuneração média de R\$ 1.260,22, receberá, ao fim do contrato, R\$ 3.780,66 (7% dos trabalhadores estão nessa situação). Se for a única ocupação no ano, sua renda em 12 meses será de R\$ 315,06 por mês. Se a ocupação durar 06 meses, ao fim do contrato o trabalhador terá recebido R\$ 7.561,32 (15% dos trabalhadores formais), e se não tiver outra ocupação no ano, no final terá uma renda mensal de R\$ 630,11, excluindo possíveis descontos ou benefícios.

Também foram analisados os dados do Caged/Mtb, que mostram as movimentações (contratações e desligamentos) ao longo do ano. No cadastro relativo às declarações de contratações criação de bovinos para leite, há muitas contratações longo do ano, principalmente de abril a outubro, demonstrando a sazonalidade de ocupação nessa cultura.

GRÁFICO 2
Saldo de contratações e demissões
2017 e 2018



Fonte: Caged.MTb

TABELA 7
Admitidos, desligados e saldo de vínculos na Criação de Bovinos
para Produção de Leite, por UF
Janeiro/18 - outubro/2018

Unidade da Federação	Admitidos	Desligados	Saldo
Goiás	4.405	-4.275	130
Sergipe	169	-130	39
Mato Grosso	354	-316	38
Pará	546	-514	32
Pernambuco	92	-77	15
Santa Catarina	204	-191	13
Paraná	1.249	-1.241	8
Rondônia	264	-257	7
Maranhão	136	-129	7
Distrito Federal	58	-53	5
Piauí	42	-39	3
Ceará	235	-232	3
Paraíba	44	-44	0
Amazonas	18	-19	-1
Mato Grosso do Sul	332	-333	-1
Roraima	4	-8	-4
Acre	40	-47	-7
Rio Grande do Sul	417	-425	-8
Rio Grande do Norte	63	-77	-14
Alagoas	43	-63	-20
Tocantins	366	-390	-24
Espírito Santo	578	-613	-35
Bahia	1.116	-1.153	-37
Rio de Janeiro	968	-1.033	-65
São Paulo	2.880	-3.006	-126
Minas Gerais	12.772	-13.104	-332
Brasil	27.395	-27.769	-374

Fonte: Caged.MTb

Obs.: Dados de janeiro a outubro de 2018. Inclui dados publicados fora do prazo entre janeiro e setembro de 2018

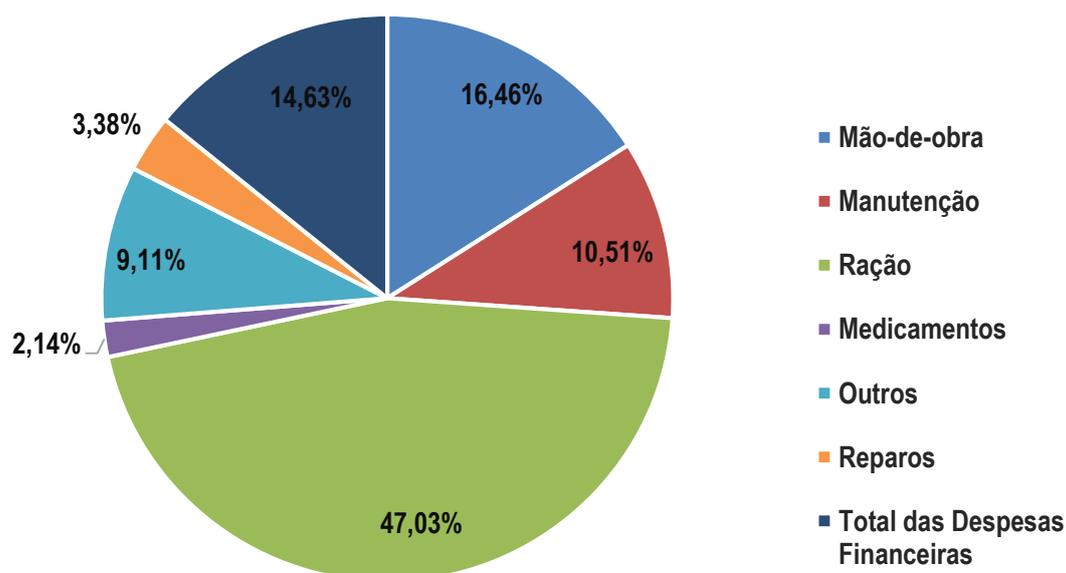
Custo de Produção do Leite

O custo de produção da atividade leiteira é complexo, em razão de algumas características da atividade, entre as quais a produção conjunta (em alguns casos ocorre a produção simultânea de leite e carne); elevada participação da mão-de-obra familiar, cuja apropriação dos custos é sempre muito subjetiva; produção contínua, que é, arbitrariamente, segmentada para o período de análise, que pode ser anual ou semestral e, completando, altos investimentos em terras, benfeitorias, máquinas e animais, cuja apropriação dos custos também tem elevada dose de

subjetividade. No Brasil, a Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, realiza, desde 1976, o levantamento dos custos de produção de algumas culturas⁵.

De acordo com este levantamento (CONAB), a alimentação do gado é um dos principais custos de produção da atividade leiteira e representava 47% dos custos no município de Pompéu-MG e 30% dos custos em Passo Fundo-RS no ano de 2016⁶. Essa diferença traduz a diversidade das formas de produção e as especificidades de cada região como, por exemplo, o tipo de pastagem utilizada (pasto natural, cilagem etc.). A mão de obra é o outro grande custo da atividade e enquanto em Pompéu-MG representa 16% dos custos totais, em Passo Fundo-RS chega a 39% do total. Mais uma vez, as especificidades do processo de produção, como ressaltado acima, geram tais discrepâncias. Os gráficos a seguir resumem os custos para os dois municípios destacados.

GRÁFICO 3
Custo de produção estimado da atividade leiteira
Pompéu/MG - 2016

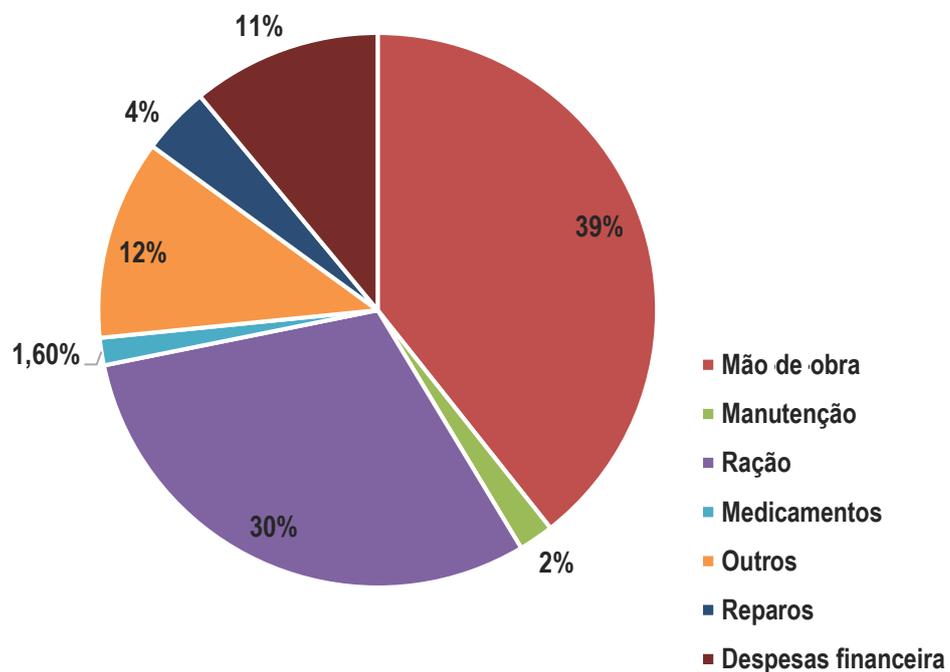


Fonte: Conab.Dlgem.Suinf.Gecup

⁵ https://www.conab.gov.br/images/arquivos/informacoes_agricolas/metodologia_custo_producao.pdf

⁶ Estatística mais recente.

GRÁFICO 4
Custo de produção estimado na produção de leite
Passo Fundo/RS - 2016

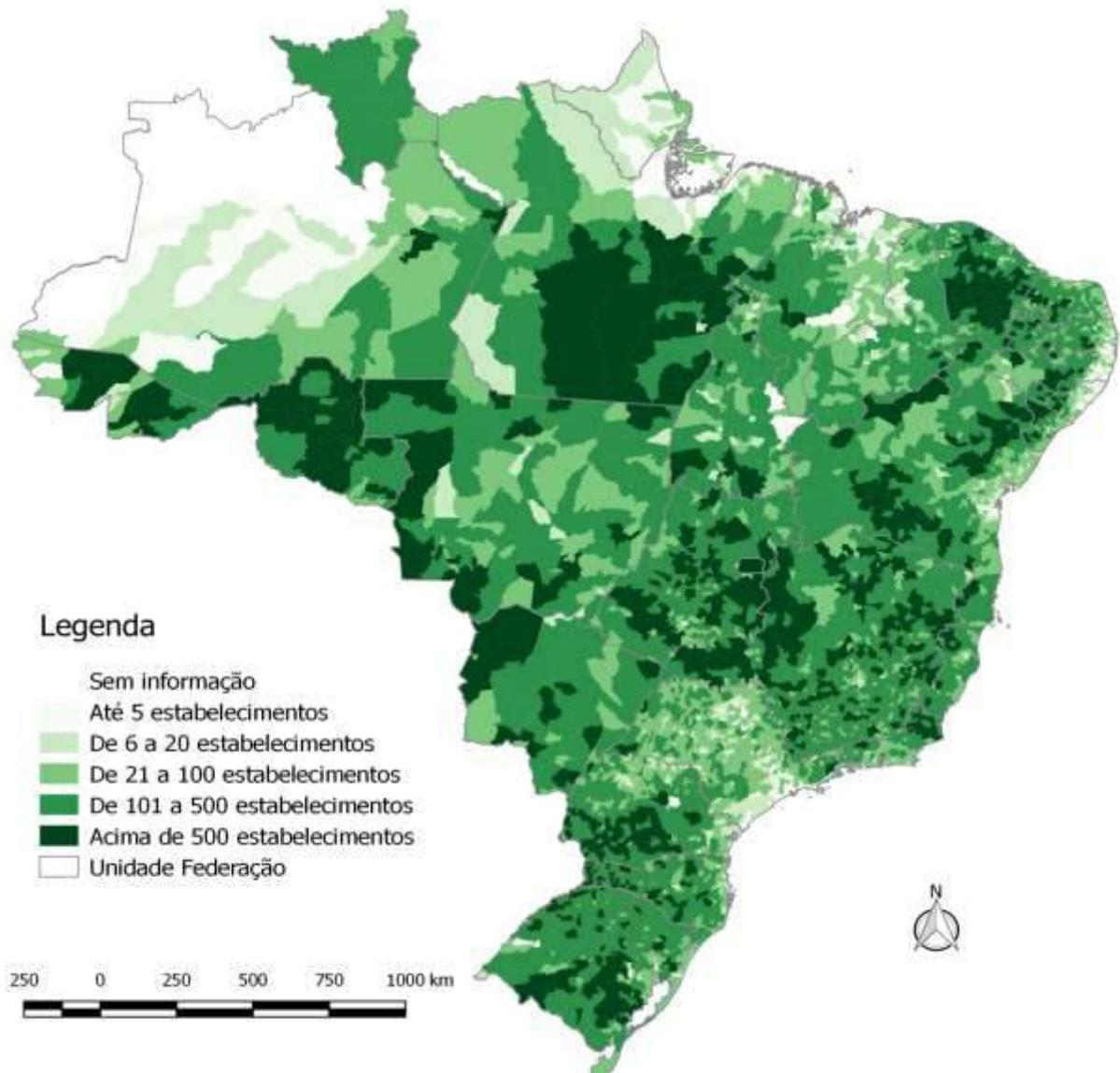


Fonte: Conab.Digem.Suinf.Gecup

ANEXO

Mapas com base nos dados preliminares do Censo Agropecuário – 2017⁷

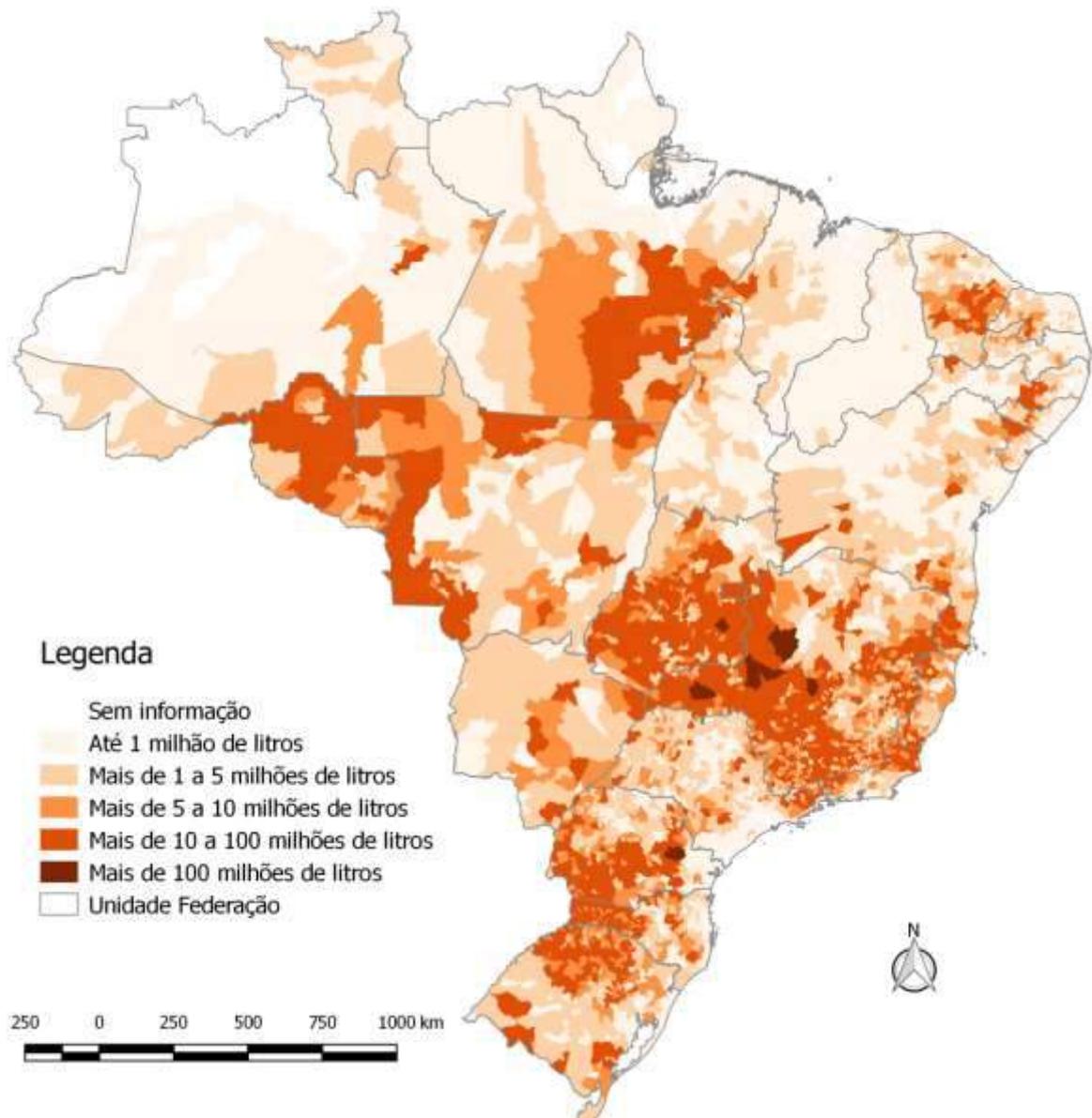
MAPA 1
Número de Estabelecimento agropecuários que produziram leite de vaca
Unidades



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

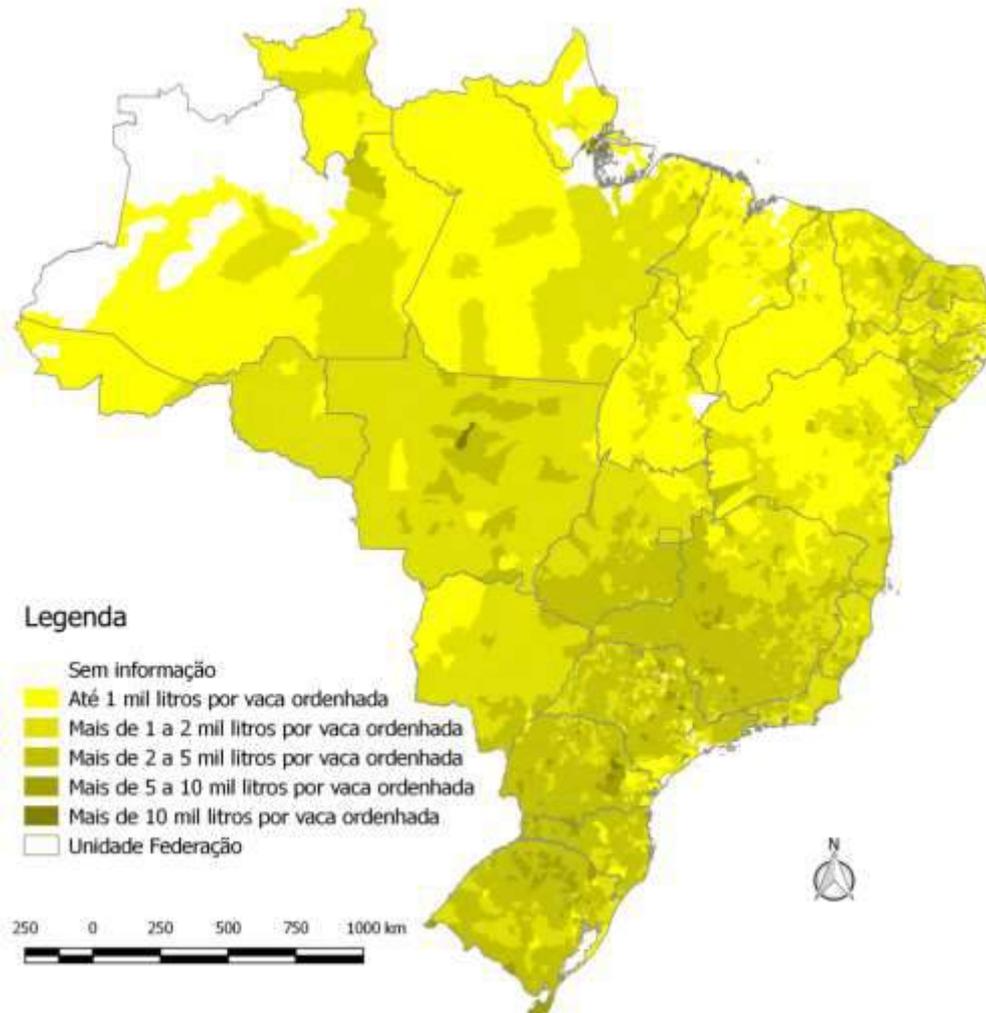
⁷Resultados preliminares do Censo Agropecuário 2017 (IBGE)

MAPA 2
Quantidade produzida de leite de vaca no ano nos estabelecimentos agropecuários
Mil litros



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

MAPA 3
Quantidade média produzida de leite por vaca ordenhada nos estabelecimentos agropecuários
Litros



Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2017 - resultados preliminares

